Augusto Comte

Sistema de política positiva.

Volume I.

Tradução de Arthur Virmond de Lacerda Neto[1].
2020.

REPÚBLICA OCIDENTAL
Ordem e Progresso — Viver para outrem

Sistema de política positiva
ou
TRATADO DE SOCIOLOGIA
que institui a Religião da Humanidade

por Augusto COMTE

Autor do *Sistema de filosofia positiva*

O amor por princípio;
A ordem por base,
E o progresso por fim.

TOMO PRIMEIRO

[1] Mantive a disposição do texto tal como figura no original, quanto ao corpo e diagramação.

Traduzi diretamente do original francês. Evitei galicismos, como *detalhe*, *ponto de vista*, *isolado*, em prol dos equivalentes vernaculares (respectivamente: *pormenor*, *minúcia*, *minudência*; *modo de ver*, *insulado*); evitei a construção francesa que combina o gerúndio com outro verbo (a exemplo de *conservar melhorando*, que se verte castiçamente por *conservar enquanto se melhora*).

Os peregrinismos são indesejáveis; constituem poluição lingüística sempre que, antes de sua introdução, já exista equivalente vernacular e sempre que em vernáculo puderem-se-lhes criar sucedâneos; na pior das hipóteses, sempre são suscetíveis de aportuguesamento (como *skate* para esqueite). De nada vale o pretexto fútil de que certos estrangeirismos já se acham trivializados: entre dar curso a estrangeirismo e fazê-lo com palavra castiça, antiga ou moderna, prefiro sempre a segunda alternativa, até porque é pelo uso que as palavras trivializam-se.

Espero não haver incorrido em nenhum galicismo que me passasse despercebido.

Contém o DISCURSO PRELIMINAR E A INTRODUÇÃO FUNDAMENTAL

PREFÁCIO.

Que é uma grande vida?
Um pensamento de juventude, realizado na idade madura.
(*Alfredo de Vigny*.)[2]

O principal título deste tratado coincide com o título geral que escolhi, em 1824, para a segunda edição do opúsculo fundamental que, com título especial, havia, dois anos antes, caracterizado irrevogavelmente minha iniciação filosófica[3]. Esta conformidade espontânea indica a plena homogeneidade de uma longa carreira sistemática em que, desde sua abertura, o fito estava claramente assinalado. Para manifestá-la melhor, terminarei o quarto e derradeiro volume do tratado atual pela fiel reimpressão de todos os meus trabalhos primitivos, de há muito subtraídos da circulação ou enterrados em florilégios justamente olvidados.

Mas, por outro lado, tal intervalo entre a concepção e a construção de minha filosofia política mostra também que não tive, inicialmente, entendimento assaz preciso das condições intelectuais que exigia esta grande renovação. Creio, então, dever aqui completar, em relação a esta evolução geral, a insuficiente explicação esboçada no prefácio do tomo sexto e derradeiro de meu *Sistema de filosofia positiva*.[4]

Lá indiquei assaz como, em 1822, minha descoberta fundamental das leis sociológicas propiciou-me, desde a idade de vinte e quatro anos, verdadeira unidade cerebral, por fazer intimamente convergir as duas ordens de tendências, científicas e políticas, que me haviam até então dividido. Minha convicção pessoal de ter suficientemente cumprido a preparação enciclopédica indispensável à minha missão social permitiu que minha vivacidade renovadora impelisse-me imediatamente para a construção direta da doutrina voltada a terminar a imensa revolução ocidental. Desde 1826, meu trabalho decisivo sobre o poder espiritual[5] havia altamente votado o conjunto de minha vida a fundar uma autoridade teórica verdadeiramente digna de dirigir a regeneração total das opiniões e dos costumes, pela substituição definitiva do monoteísmo esgotado. Assim terminou minha iniciação septenária, começada em 1820, por minha primeira coordenação do passado moderno.

---

[2] Alfredo Vítor de Vigny, conde de Vigny (1797 — 1863) foi romancista e poeta francês.

[3] Em 1822, Comte publicou um de seus trabalhos juvenis, intitulado *Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade*; republicou-o, em 1824, com o título de *Sistema de política positiva*. Reproduziu-o com seu título primevo em apêndice de seu tratado *Sistema de política positiva*, em 1854. Dele há edição brasileira, na compilação da juvenília de Comte, intitulada *Opúsculos de filosofia social* (Porto Alegre, Editora Globo, 1972).

[4] O tomo sexto do *Sistema de filosofia positiva* foi publicado em 1840, com prefácio de teor parcialmente autobiográfico.

[5] Em 1826, Comte produziu outro de seus trabalhos de juventude, intitulado *Considerações sobre o poder espiritual*, republicadas como apêndice do *Sistema de política positiva*, em 1854. Dele há edição brasileira na compilação da juvenília de Comte, intitulada *Opúsculos de filosofia social* (Porto Alegre, Editora Globo, 1972).

Essa derradeira parte de meus primórdios conduziu-me a melhor apreciar a principal dificuldade da síntese total que ousava empreender. Imediatamente percebi que a nova fé exigia, em todos os espíritos sistemáticos, um fundamento científico equivalente ao que eu penosamente adquirira e de que esperava, primeiramente, poder assim dispensar o público. Minha própria lei hierárquica[6] demonstrou-me que a filosofia social não podia tomar seu verdadeiro caráter e comportar irresistível autoridade se não repousasse explicitamente no conjunto da filosofia natural, parcialmente elaborada durante os três últimos séculos. Essa reconstrução direta do poder espiritual suscitou-me prontamente uma meditação contínua de oitenta horas que resultou na concepção, como preâmbulo indispensável, da sistematização total da filosofia positiva, cuja exposição oral comecei na primavera do mesmo ano de 1826.

Tal foi, então, o resultado geral dessa crise decisiva, imediatamente seguida de profunda tormenta cerebral[7]: a imensa operação que eu primeiramente julgara única encontrou-se decomposta em duas fundações sucessivas, uma essencialmente mental, a outra diretamente social. Na primeira, minha sociologia devia oferecer o termo necessário da difícil iniciação que, começada por Tales e Pitágoras, conduziu Bichat e Gall até ao limiar do último domínio próprio da positividade racional. Sobre essa base inabalável era mister, a seguir, construir a nova fé ocidental e instituir o sacerdócio definitivo. Em uma palavra, a ciência real devia, primeiramente, resultar na sã filosofia, capaz de fundar, enfim, a verdadeira religião.[8]

---

[6] A lei hierárquica é a forma como Comte ordenava as ciências, da mais simples e mais geral até a mais complexa e específica: matemática, astronomia, física, química, biologia, sociologia, psicologia (que nomeou de moral). Expô-la na primeira lição do seu *Curso de filosofia positiva* (reproduzido na coleção Os Pensadores, no volume intitulado *Comte*).

Comte criou a sociologia a que, no *Curso de filosofia positiva* (*1830 a 1842*), atribuiu lugar cimeiro na escala das ciências, porém no *Catecismo positivista* (1852) e no *Sistema de política positiva* (1851 a 1854) acrescentou a moral, como ciência do homem individualmente considerado, atualmente nomeada de psicologia. Assim, a escala das ciências de Comte abarca sete ciências e culmina com a psicologia, que sucede à sociologia. O *Catecismo* contém, aliás, interessante gráfico em que se expõe tal seriação com a moral. Na literatura recente, *Comte*, de Lourenço [Laurent] Fédi (Estação Liberdade, São Paulo, 2008, p. 49, 84 e ss.) reconhece a existência e o lugar da psicologia no Positivismo.

[7] Em 1826, assoberbado por regime de trabalho intelectual intenso e atormentado pelo estado de seu casamento (sua mulher, Carolina Massin, era-lhe infiel), Comte sofreu ataque de desequilíbrio nervoso, de que se restabeleceu inteiramente e que jamais lhe foi tabu; dele disse no prefácio do sexto volume de seu *Curso de filosofia positiva*.

A crise cerebral de Comte (como ele a nomeava) vem sendo explorada pelos adversários do Positivismo como tema já típico de desinformação, por sua recorrência, como é o caso de Olavo de Carvalho no seu *Jardim das aflições*.

A lenda de que Comte morreu ensandecido foi criada pela então viúva de Comte, com a coadjuvação de Emílio Littré, em 1870, no processo judicial movido por aquela no intuito de anular o testamento de Comte, apoderar-se de seus manuscritos e expurgá-los de referências a Clotilde de Vaux e à religião da Humanidade. Seu advogado alegou demência de Comte em seus anos finais de vida, período em que produziu seu testamento e a religião da Humanidade; o tribunal julgou improcedente a causa, recusou o argumento da loucura e sustentou a validade do testamento.

Apesar do desfecho jurídico, disseminou-se a desinformação, repetida de então por diante pelos adversários do Positivismo de todos os quadrantes (católicos, marxistas, conservadores, liberais).

Veja-se *Epítome da vida e dos escritos de Augusto Comte*, de José Lonchampt (edição brasileira: Rio de Janeiro, Igreja Positivista do Brasil, 1959) e *A desinformação anti-Positivista no Brasil*, de Arthur Virmond de Lacerda Neto (Curitiba, editora Vila do Príncipe, 2004) e (versão eletrônica melhorada): https://positivismodeacomte.wordpress.com/2011/06/20/a-desinformacao-anti-positivista-no-brasil/.

[8] A ciência como acervo de achados da matemática, da astronomia, da física, da química, da biologia, da sociologia e da psicologia propicia conhecimento tão próximo quão possível da realidade; ela informa a humanidade quanto ao que é. Com base nela, produziu-se a *sã filosofia*, filosofia positiva. No antelóquio do vol. I do *Curso de filosofia positiva*, Comte expõe: "[...] emprego o termo *filosofia* na acepção que lhe davam os antigos e particularmente Aristóteles, que designa o sistema geral das concepções humanas, e aí ajuntando o termo positivo, anuncio que considero a maneira especial de filosofar que consiste em encarar as teorias, em qualquer ordem de idéias, como tendo por objeto a coordenação dos fatos observados, o que constitui o terceiro e último estado da filosofia geral, primitivamente teológica e a seguir metafísica [...]" (traduzi).

Essas duas fases conexas de uma evolução sem exemplo deviam, sob pena de insuficiente harmonia, cumprir-se no mesmo órgão da Humanidade. A primeira, retardada por suas dificuldades próprias e meus embaraços pessoais, absorveu-me até a idade da plena maturidade. Ao terminá-la em 1842, anunciei claramente a segunda elaboração, de que publiquei, seis anos após, o prelúdio decisivo[9]. À filosofia positiva faço então suceder hoje a política positiva, que se tornará minha principal construção posto que necessariamente fundada na primeira.

Tal realização do audacioso projeto de minha juventude constitui a melhor recompensa de meu obstinado devotamento. Não menos vivas e mais profundas, as mesmas tendências regeneradoras que acalentaram meu zelo nascente animam hoje a aproximação de minha digna velhice. A vasta elaboração teórica que preencheu esse longo intervalo não se me afigura doravante senão como episódio necessário da incomparável missão que me conferiu o conjunto da evolução humana.

Malgrado sua íntima relação, esses dois grandes tratados devem então diferir essencialmente. O espírito prevaleceu em um, para melhor caracterizar a superioridade intelectual do positivismo sobre os teologismos quaisquer. Aqui, o coração domina, a fim de assaz manifestar a preeminência moral da verdadeira religião. O novo sacerdócio ocidental não podia dignamente terminar a fatal insurreição da inteligência contra o sentimento se não propiciasse, primeiramente, à razão moderna, plena satisfação normal. Mas, com esse preâmbulo necessário, as necessidades morais deviam, a

---

A lei dos três estados da inteligência consiste na averiguação de que o entendimento humano é primordialmente teológico, passa para metafísico, resulta em ser positivo, na forma de interpretar os fenômenos. Assim, a filosofia positiva compreende as concepções em que o espírito humano constituiu acervos organizados de fatos observados e interpretados à luz de regularidades, ou seja, de leis naturais e não mais à luz de pretendidas intervenções sobrenaturais (teologia) nem de entidades abstratas (metafísica).

O *Curso de filosofia positiva* não é curso de ciências: foi esforço por estabelecer o quanto as ciências de então haviam alcançado de positivo (de averiguado e não de teológico nem metafísico) e de estabelecer a ciência dos fatos sociais (a sociologia), o que quase completou a filosofia positiva, que se perfez com a introdução, no *Sistema de filosofia positiva*, da psicologia (moral, na terminologia de Comte).

Com isto, o saber humano tornou-se completamente assentado em fatos e não, fosse mais, fosse menos, em imaginações. O saber positivo (patrimônio de conhecimentos reais) é inspirado pelo método positivo (pesquisa das leis naturais dos fenômenos com base na observação); ambos fundamentam-se no espírito positivo, estado da inteligência em que se abandonaram explicações teológicas e metafísicas, em que o conhecimento advém da averiguação dos fatos organizados em teorias e resulta na enunciação de leis naturais que permitem previsões.

O espírito positivo suscita conseqüências sociais (adoção do modo de ver social e não individual, em que se considera o *nós* e não apenas o *eu)*, morais (adoção de ética humanista e altruísta, com base na fraternidade de todos para com todos), intelectuais (adoção de espírito histórico e relativo, em que se julgam idéias, instituições, costumes à luz do respectivo contexto de época) e cívicos (instituição do senso de deveres).

Assim como as ciências originaram a filosofia positiva, esta originou religião: conjunto de princípios intelectuais, de critérios de comportamento e de práticas afetivas que congregam os correligionários e que os educam. As religiões foram teológicas (baseadas na crença em deidades ou em deus único); com o Positivismo, ela torna-se *positiva*: toma por dogma o conhecimento das realidades do mundo e do homem, tal como no-lo propiciam as ciências; adota por dogma o da Humanidade, por critério moral e afetivo o da fraternidade universal ou amor universal; adota por regime de comportamento viver altruisticamente (viver para outrem) e nada praticar de vergonhoso (viver às claras). A religião positiva é a religião da Humanidade, humanista, sem sobrenatural e centrada na concepção de Humanidade, a quem o seu fiel deve conhecer (por meio das ciências), amar e servir.

No Positivismo, conhecimento científico, uso da técnica, atividade política, devem visar ao aprimoramento da condição de vida pessoal e coletiva, sob imperativos éticos de fraternidade universal, pacifismo, recusa de violência e retidão pessoal.

Veja-se, de Comte, o *Discurso sobre o espírito positivo*, encontradiço na coleção Os Pensadores, volume *Comte*.

[9] Em 1848, Comte publicou o *Discurso sobre o conjunto do positivismo*, que reproduziu, com alterações ocasionais, como discurso preliminar de seu *Sistema de política positiva*.

seguir, retomar diretamente sua justa preponderância, para construir uma síntese verdadeiramente completa, em que o amor constitui naturalmente o único princípio universal.

A diversidade normal dessas duas elaborações sucessivas entende-lhes até com o modo de exposição. Para tirar de uma ciência dispersiva as bases elementares da sã filosofia, minha obra fundamental deveu oferecer sobretudo caráter de pesquisa e discussão. Ao sistematizar aqui a religião universal com princípios já construídos, minha exposição dogmática aproxima-se mais do verdadeiro regime racional, em que a convicção resulta bastante mais de reflexão solitária do que de qualquer controvérsia. Ao frisante atrativo que inspirou primeiramente uma fecunda originalidade, sucede agora a impressionante regularidade de uma construção bem definida e assaz preparada.

Todas essas diferenças de forma ligam-se à profunda diversidade lógica que constitui o principal contraste intelectual entre meus dois tratados, conforme sua natureza e sua destinação respectivas. No primeiro, em que era preciso prolongar a iniciação científica até seu último termo normal, devi escrupulosamente persistir em preferir o método objetivo, único que convém a esse imenso preâmbulo e que se eleva sempre do mundo ao homem. Mas o próprio êxito desse movimento preliminar, que finalmente conduziu-me ao verdadeiro modo de ver universal, deve fazer preponderar aqui o método subjetivo, fonte exclusiva de toda sistematização completa, em que se desce constantemente do homem ao mundo. Assim regenerada pelo positivismo, a lógica superior que guiou nossas construções iniciais convém ainda mais a nossas sínteses finais. Sua preponderância normal corresponde naturalmente à preponderância necessária do coração sobre o espírito.

Quando minha elaboração objetiva conduziu-me, em 1836, da cosmologia à biologia[10], percebi imediatamente que a exclusão científica do método subjetivo não podia ser senão provisória, e meu primeiro capítulo biológico fez já entrever o acordo final das duas lógicas. Ao constituir a presidência sistemática do modo de ver social, minha obra fundamental preparou necessariamente sua concordância positiva, diretamente estabelecida no presente volume.

Esse resultado geral de meu trabalho filosófico torna-se aqui a fonte direta de minha reconstrução religiosa, que começa por regenerar assim as concepções científicas de que ela surgiu primeiramente. Tal é o objeto próprio deste volume preliminar, conforme o discurso fundamental que caracteriza o conjunto do tratado. Uma vez organizada a unidade enciclopédica, o tomo segundo, consagrado à estática social, cumpre diretamente a principal síntese, pelo estabelecimento da teoria abstrata da ordem humana, resumo necessário da ordem universal. Conforme a isto, o volume seguinte, relativo à sociologia dinâmica, determina a marcha total de nosso progresso, sempre redutível ao desenvolvimento gradual dessa ordem fundamental. Enfim, o tomo quarto, reservado às aplicações decisivas da doutrina sociológica, institui especialmente a religião positiva, que assim resulta de nossa natureza no conjunto do passado: ele completa o advento normal dela pela organização geral da transição extrema.

Quanto às outras três obras que devem seguir a esta, conforme ao anúncio final de meu primeiro tratado, os dez anos de pleno vigor cerebral que me separam ainda de um sábio retiro bastarão, ouso assegurá-lo, para sua cabal execução, se minha situação material tornar-se assaz calma. Contudo a infatigável perseguição que a pedantocracia[11] faz pesar sobre mim há sete anos pode

[10] A elaboração objetiva é o *Curso de filosofia positiva*, cujas lições 40 a 42 Comte redigiu de 1º de janeiro de 1836 a 15 de agosto do mesmo ano. Elas ocupam-se de biologia, anatomia e biotaxia; compreendem parte do volume V daquela obra.

[11] Pedantocracia é neologismo criado por João Stuart Mill, em 1842, em carteamento com Augusto Comte e que este aprovou e aproveitou no seu *Curso de filosofia positiva* (vol. VI, p. 448), como equivalente de "locuções muito

impedir esse término, pelo que resolvi desenvolver aqui as relações naturais destas três composições acessórias com minha construção essencial, sem alterar, aliás, seu próprio cumprimento ulterior. Se me for possível, escreverei primeiramente os dois volumes de minha filosofia matemática; a seguir, o volume especialmente relativo à educação universal e, enfim, o que sistematizará a ação total do homem no mundo.

Após haver assaz indicado a natureza e a marcha deste novo tratado, sua subordinação necessária ao precedente e até suas ligações gerais com as obras seguintes, é-me mister caracterizar aqui sobretudo a feliz exceção pessoal que sucessivamente propiciou-me duas vias filosóficas tão diferentes. Ela resulta essencialmente de duas influências intelectuais, uma voluntária, outra involuntária, completadas, oportunamente, pela incomparável regeneração moral que devi à minha santa paixão.

Essa possibilidade excepcional de cumprir, sucessivamente, duas elaborações, de que cada uma parece dever absorver uma carreira especial, dependia por primeiro da precocidade de meus trabalhos. Emancipado de toda teologia antes do fim de minha infância e prontamente iniciado nos estudos positivos, cumpri imediatamente a transição metafísica. Desde a idade de vinte e dois anos, meu primeiro trabalho público sobre a coordenação histórica anunciou claramente o conjunto de minha carreira filosófica, irrevogavelmente fixada, dois anos depois, por minha descoberta das leis sociológicas.

Contudo essa precocidade não teria bastado para propiciar-me uma segunda vida sem a enérgica resolução que me fez sacrificar toda vaidade literária à necessidade maior de terminar em tempo minha imensa tarefa objetiva. Sua execução, que durou doze anos, teria exigido pelo menos mais seis se me houvesse submetido, como fiz antes, a reescrever meu manuscrito, em vez de sempre entregar à imprensa minha primeira redação, jamais seguida de nenhuma correção importante. Essa precaução única ter-me-ia preservado das principais censuras literárias dirigidas à minha obra fundamental, por juízes muito pouco atentos às explicações especiais de seu derradeiro prefácio. Meus primeiros opúsculos, reimpressos no fim do presente tratado[12], indicarão se o talento de escrever é-me realmente ausente quando me conformo com os usos que exige sempre o

---

compostas" (*ibidem*) de que este se servia antes de fazê-lo com o neologismo que nomeia o "reino do espírito" (vol. VI, p. 448), a exemplo do mandarinato chinês e das utopias da metafísica grega. A pedantocracia corresponde ao governo dos teóricos, exercido por intelectuais e, por tabela, a tecnocracia. Comte qualifica-a de "[...] concepção tão perigosa quão quimérica, não menos contrária às condições do progresso do que às da ordem [...]" (*Curso*, vol. VI, p. 447).

Alfredo Severo dos Santos Pereira, positivista ortodoxo, ensina, sobre o poder espiritual (ou seja: intelectual e moral) preconizado pelo Positivismo: "[...] poder espiritual representado por uma corporação scientifica encarregada de dirigir teoricamente, do alto, os negocios humanos, falando em nome da sciencia aconselhando, julgando e dirigindo. Está claro que esse poder teórico actuando, apenas, sobre os cérebros, não se deve imiscuir na esphera de acção propria ao governo temporal ou executivo e muito menos na actividade industrial.

Surge ahi, nitidamente, a separação entre a theoria e a pratica, solidarias, mas distinctas, uma não devendo invadir a outra. Tão nocivo é o açambarcamento do poder theorico pelo poder pratico, como o deste por aquelle. No primeiro caso temos o regallismo, a tyrannia, no segundo, a pedantocracia, a technocracia, o clericalismo, emfim, quer seja theologico, quér seja leigo." (*O conhecimento do homem*, 1938, p. 177).

Alfredo Severo propôs substituir-se pedantocracia por theoreocracia (*ibidem*, p. 178), governo dos teóricos, o que inclui técnicos e, portanto, a tecnocracia cuja adoção a política positivista antagoniza.

[12] A juvenília de Augusto Comte compõe-se de seleta de meia dúzia de seus trabalhos juvenis, publicados entre 1819 e 1828: *Separação geral entre as opiniões e os desejos* (1819), *Sumária apreciação do conjunto do passado moderno* (1820), *Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade* (1822), *Considerações filosóficas sobre as ciências e os cientistas* (1825), *Considerações sobre o poder espiritual* (1826) e *Exame do tratado de Broussais sobre a irritação* (1828). Comte republicou-os como apêndice no seu *Sistema de política positiva* (vol. IV, 1854); foram compilados com o título de *Opúsculos de filosofia social* (Porto Alegre, editora Globo, 1972).

aperfeiçoamento do estilo. Se assim houvesse procedido, minha segunda carreira não teria podido começar senão em idade muito avançada para comportar curso digno. Ao mesmo tempo, a admirável impulsão moral que indicarei teria então sido inoportuna. Minha renovação excepcional, diretamente votada à grande reorganização ocidental, exigia então este desdém aparente de elogios literários. Contudo, sei assaz quanto as concepções filosóficas podem ganhar pelo mérito da expressão, para esforçar-me por propiciar essa nova eficácia a meu livro fundamental, se os lazeres de minha aposentadoria permitirem-me, um dia, reescrevê-los sossegadamente, mas com respeito para com sua originalidade. Sem adotar mais um costume inoportuno, cuidei mais da redação do presente tratado, em que as condições de rapidez tornaram-se naturalmente menos imperiosas.

Assim provido do tempo necessário para minha segunda carreira, faltava-me, sobretudo, a impulsão profunda e permanente que, somente ela, poderia utilizar dignamente essa disponibilidade cerebral. Fatigado por seu imenso curso objetivo, meu espírito não bastava para regenerar subjetivamente minha força sistemática, cuja principal destinação tornou-se, novamente, como em meu início, mais social do que intelectual. Esse indispensável renascimento, que deveria emanar do coração, foi-me propiciado, há seis anos, pelo anjo incomparável que o conjunto dos destinos humanos encarregou de transmitir-me dignamente o resultado geral do aperfeiçoamento gradual de nossa natureza moral.

Para compreender o bastante sua santa influência, é preciso, por primeiro, considerar a fatalidade excepcional que me havia, até então, privado de suficiente cultura afetiva, não obstante a organização simpática que recebi de mãe excelente. Subtraído, desde a infância, do curso ordinário das emoções domésticas por funesto enclausuramento escolástico fui, em seguida, impelido artificialmente para a existência especulativa, a que minha natureza muito me conduzia. No início de minha virilidade, o principal obstáculo à minha tardia evolução moral surgiu logo da própria situação que escolhi então para reparar minhas lacunas involuntárias, cuja gravidade eu já sentia[13]. Enquanto persistiu essa situação deplorável, que não podia cessar para mim, ela proibiu-me necessariamente toda digna satisfação do coração. Quando irrevogavelmente ela findou, no próprio momento em que terminei meu tratado fundamental[14], pude, enfim, após haver usufruído de dois anos de calma indispensável, tender livremente para felicidade menos negativa, que se tornou então necessária para minha construção principal.

No entanto, essa tendência íntima, cuja energia deveu ser proporcional à sua compressão, não me teria regenerado assaz se houvesse resultado em um tipo muito pouco eminente. Vítima infeliz e sobretudo mais irreprochável de uma equivalente fatalidade de que resultou, ainda mais dignamente, semelhante liberdade moral, Clotilde de Vaux[15] dirigiu espontaneamente minha tardia iniciação aos melhores sentimentos humanos. Pureza inalterável consolidou nossa ternura e tornou-se a principal fonte de minha ressurreição moral, durante um ano incomparável de união objetiva. Minha adoração subjetiva não difere assim do primeiro culto senão por um exercício mais assíduo e mais tocante,

---

[13] Comte refere-se a seu casamento com Carolina Massin, em 1825, infeliz e conflituoso.

[14] Comte concluiu a redação do sexto volume do *Sistema de filosofia positiva* em 1842, quando Carolina escapuliu da residência de ambos, já mais do que pela terceira vez. Comte recusou-se a readmiti-la.

[15] Carlota Clotilde Josefina Marie de Ficquelmont (1815 — 1836), senhora Amadeu de Vaux, por quem Augusto Comte apaixonou-se em 1845/6. Ela morreu de tísica em 1846, após o que ele votou-lhe culto íntimo de recordações, que se manteve intenso pelos nove anos que ele lhe sobreviveu.

Ao conhecerem-se, os respectivos cônjuges haviam-se afastado de cada qual: a mulher de Comte deixara várias vezes seu lar conjugal e já não mais residia com ele; o marido de Clotilde prevaricara no seu lugar de publicano e evadira-se.

ainda que menos vivo. Esse modo final de identificação faz-me diariamente perceber a realidade desta profunda sentença, que escapou com familiaridade da pluma de minha santa companheira: "Não há, na vida, de irrevogável senão a morte."

Ainda não veio o tempo de tornar diretamente apreciável a superioridade completa desse tipo feminino sobre todos quantos oferece o estudo do passado, a observação do presente e até a concepção do futuro. Cinco anos de separação objetiva não bastavam para afiançar ao público a imparcialidade de um julgamento cujos verdadeiros elementos são-lhe desconhecidos. A tocante estréia que reproduzirei[16] deverá, contudo, fazer entrever quanto este virtuoso talento teria servido e honrado a humanidade. Lamento não poder publicar também um manuscrito mais extenso, único legado de minha então moribunda colega, que me foi arrebatado por sua família, apesar das ordens formais de um pai concencioso. A excelência, intelectual e moral, dessa admirável natureza só pode então ser assaz percebida pelo exame de sua eterna ação em minha grande missão. Todos quantos julgaram sadiamente os progressos recentes do positivismo compreendem já, por uma decisiva comparação, o quanto esse impulso espontâneo facilitou o pleno surto de meu verdadeiro caráter filosófico, da plena sistematização da existência humana pelo prevalecimento do coração sobre o espírito. Somente meus novos serviços podem obter que este nome querido torne-se inseparável do meu nas mais remotas lembranças da humanidade grata. O doce dever que Dante cumpriu admiravelmente em relação a Beatriz[17] resulta ainda mais, para mim, de obrigações muitíssimo superiores.

Quando houver cumprido assaz, por execução digna de meus nobres trabalhos, será talvez permitido à minha velhice pacífica fazer pessoalmente apreciar o anjo inspirador de minha ativa maturidade. Para então completar uma explicação assim preparada bastará, espero, publicar fielmente nossa correspondência característica. Essa longa série de íntimas efusões oferece por toda a parte a preponderância espontânea do mesmo sentimento: por um lado a gratidão sempre nova devida à minha regeneração gradual; por outro, a preocupação ingênua com a perturbação que tal afeição parecia causar em meus trabalhos. Não obstante todas as minhas explicações, sua derradeira carta indicava ainda esse tocante escrúpulo: "Pergunto-me se algum dia você não me tomará satisfações por essas distrações violentas lançadas em meio de sua vida pública." Também minha principal lástima resultará sempre da impossibilidade em que ela estava de assistir ao desenvolvimento decisivo dos imensos progressos que o positivismo deve à sua imortal influência. Eles, contudo, surgiram no próprio âmbito de minha justa exaltação inicial, como o testemunha já minha carta filosófica de 2 de junho de 1845[18], cuja publicação mostrará a primeira fonte privada das novas inspirações positivistas.

Desde esse início característico, minhas concepções e minhas fórmulas mais bem acolhidas emanaram sempre de meu culto íntimo. Essa santa harmonia entre a vida privada e a vida pública, que se tornará o privilégio prático do positivismo, devia primeiramente desenvolver-se em mim.

---

[16] Refere-se à estréia literária de Clotilde, que redigiu novela intitulada *Lúcia*, publicada pela folha parisiense *O Nacional*, em 1845. Em forma de treze cartas antecedidas por prólogo, Comte reproduziu-a, em corpo menor, após a dedicatória que se segue.

[17] Dante Alighieri (1265 — 1321), poeta italiano, autor da *Divina Comédia* (cuja leitura assídua Comte praticava e recomendava), ter-se-á apaixonado por Beatriz Portinari (1266 — 1290), que idealizou em suas obras *Vida Nova* e *Divina Comédia*.

[18] Aos 2 de junho de 1845 Comte produziu extensa carta para Clotilde, que publicou (em cinco e meia páginas impressas em corpo miúdo) como segundo complemento da dedicatória de seu *Sistema de política positiva*. Nela tratou da comemoração social ao longo dos tempos e no positivismo, ou seja, da forma como o politeísmo, o monoteísmo e o positivismo evocarão os personagens merecedores de rememoração pela sociedade.

Antes do fim de meu luto, ela dominou meu curso decisivo de 1847, em que a nova filosofia adquiriu a dignidade final de uma religião real e completa. O volume sistemático que disto resultou, no ano seguinte, determinou todos os outros progressos do positivismo religioso. Sua principal teoria emanou da sessão característica em que ousei solenizar o primeiro aniversário de minha eterna viuvez, pela produção da verdadeira teoria feminina.

Estas fracas indicações bastam, aqui, para fazer perceber quanto é merecida a dedicatória excepcional que se seguirá a este prefácio. Ainda que meu reconhecimento possa aí parecer muito exaltado para os corações mal dispostos, devo temer que ela seja, ao contrário, muito inferior à imensidão do benefício, pois esta justa homenagem pública, único resultado que deixava minha dor ao digno curso de meus novos trabalhos, precede os principais resultados filosóficos de minha regeneração moral. Ora, estes frutos tendo felizmente ultrapassado todas as esperanças que me inspiravam então seus santos germes, talvez minha gratidão estivesse, há cinco anos, abaixo da que exprimiria hoje. Contudo, devi escrupulosamente respeitar a espontaneidade de tal monumento, em que o leitor bem preparado encontrará o primeiro estado das melhores inspirações positivistas. O que tal expansão deixaria ainda a desejar sobre a justa apreciação da influência religiosa emanada de minha santa Clotilde será facilmente suprido por qualquer um que compare dignamente o conjunto de minha segunda carreira com o da primeira. Seu paralelo encontra-se exatamente resumido pelo contraste das dedicatórias. Minha fundação filosófica foi outrora dedicada aos dois cientistas[19] que então dominavam em cosmologia e biologia, enquanto minha reconstrução religiosa cumpre-se hoje somente sob os auspícios de jovem senhora desconhecida, morta, cinco anos atrás, em pobreza opressiva.

Para assaz caracterizar essa renovação moral, é mister agora prevenir a suposição, ou retificá-la, naturalíssima hoje, de uma direção muito exclusiva assim dada a minha cultura afetiva. Todos que conhecem a ligação espontânea dos diversos sentimentos generosos apreenderão sem surpresa que essa eminente adoração, longe de enfraquecer minhas outras ternuras, reanimou-as e consolidou-as, ao congregá-las em um digno centro. Basta aqui especificar os dois casos principais, um anterior, outro posterior, à minha regeneração.

Minha nobre e terna mãe, que perdi há quatorze anos, foi realmente a primeira fonte de todas as minhas qualidades essenciais, não somente de coração, mas também de caráter e até de espírito. Todavia, confesso humildemente aqui que jamais a amei tanto quanto o exigiriam suas virtudes e suas infelicidades. Essa insuficiente ternura não lhe foi até assaz testemunhada, por causa da má vergonha de parecer muito sensível que inspira a educação atual. Ora, somente o culto de minha santa companheira reanimou o de minha digna mãe. A venerável imagem de Rosália Boyer[20] combinou-se, cada vez mais, com a amável presença de Clotilde de Vaux, primeiramente em minha visita hebdomadária à tumba querida e, a seguir, em minhas orações cotidianas. Esses dois anjos tão

---

[19] O *Curso de filosofia positiva* teve esta dedicatória:

> "A meus ilustres amigos
> O senhor Barão Fourier, Secretário perpétuo da Academia Real de Ciências,
> Professor H. M. D. de Blainville, Membro da Academia Real de Ciências,
> Como testemunho de minha respeitosa afeição.
> Augusto Comte,
> Antigo aluno da Escola Politécnica"

[20] Rosália Boyer, mãe de Augusto Comte, nasceu em 1764, em Jonquières; morreu em Mompilher, em 1837. Desposou Luís Comte, natural de Santo Hipólito do Forte (França), onde nasceu em 1776; morreu em Mompilher em 1859. Aparentemente, Augusto Comte não conheceu seus avós.

concordes, que presidiram às duas fases extremas de minha iniciação moral, serão, espero, para sempre reunidas pelo reconhecimento da humanidade para com o conjunto de meus serviços. Sua comum adoração indica a feliz tendência de meu culto principal a difundir-se naturalmente em todos os seres dignos de tal adjunção. Eu não podia alhures obter essa tardia compensação de meus erros filiais nem a força para confessá-los publicamente.

Essa dupla guarda subjetiva encontra-se completada pela santa influência objetiva que meu coração recebe diariamente da eminente proletária que se dignou de devotar-se ao meu serviço material sem suspeitar que me oferecia assim um admirável modelo moral. Sua feliz incapacidade de ler mais sublinha não somente sua superioridade afetiva, mas ainda a retidão e a penetração de seu espírito, que espontaneamente usou todas as lições de uma sábia experiência feminina. Tal providência reanima, à sua revelia, a impulsão moral de meus dois outros anjos, pelo doce espetáculo permanente de nosso estado normal, em que a atividade e a inteligência serão livremente subordinadas ao sentimento. Se a adoção legal fosse menos entravada, dez anos de uma apreciação decisiva permitir-me-iam hoje proclamar Sofia Biot[21] como a filha de minha escolha. Posto que esta satisfação seja-me interditada, todos os bons espíritos unidos a corações honestos conceder-me-ão o equivalente moral e a posteridade sancionará meu justo reconhecimento. Aquela que minha santa companheira queria como excelente irmã teria assim cativado o coração de minha piedosa mãe. O virtuoso conjunto desses três admiráveis modelos femininos excita-me especialmente a cultivar cada um dos três instintos simpáticos: o apego entre iguais, a veneração pelos superiores e a bondade em relação aos inferiores. Minhas afeições diárias confirmam assim a íntima realidade de minha concepção geral do verdadeiro estado social, em que a ordem normal resultará sobretudo da dupla combinação dos filósofos com as mulheres e os proletários.

Se aqui expusesse minha história, deveria apreciar também as influências, menos diretas ou mais abstratas que, sob esta tripla impulsão moral, dispõem mais minha alma ao regime sintético que exige minha segunda carreira. Seria necessário então reconhecer o papel dos gostos estéticos que, entorpecidos depois de meu coração, despertaram antes dele, quando minha primeira elaboração atingiu o domínio sociológico, em que senti, primeiramente, a influência real das diversas belas artes, depois a das emoções que elas exprimem. Mas minha explicação atual deve limitar-se a indicar a fonte do novo caráter próprio de minha vida pública, a fim de tranqüilizar em relação à sua conservação e sobretudo para motivar o doce reconhecimento que me impõe esta preciosa transformação. Em tempo em que se exagera muito a eficácia da inteligência, eu devia lealmente impedir que se atribuísse a meu espírito uma regeneração devida principalmente a meu coração. Resta-me também honrar as influências de caráter que concorreram para o resultado geral, por aumentarem especialmente minha energia, minha perseverança e até minha prudência. Elas emanam sobretudo do nobre apoio que me concede enfim a parte avançada do público ocidental e da plena confiança que me inspira a fase atual de nossa grande revolução.

Há dez anos, o quinto volume de minha obra fundamental continha incidentalmente uma declaração ingênua, em que eu representava a escola positiva como estando ainda essencialmente

[21] Sofia Bliaux Thomas nasceu em Oissy em 1804; faleceu em 1861. Foi serviçal doméstica de Augusto Comte, de 1841 até à morte deste, após a qual residiu ainda no que fora a morada de Comte, conforme disposição de seu testamento. Desposou Martin Thomas, natural de Bozel (Sabóia), onde nasceu em 1804; morreu em 1867. Ao mudar-se para a residência de Comte, o casal Martin Thomas tinha um filho de nome Henrique; lá tiveram outro, Paulo. Os quatro residiam com Augusto Comte e devido à dedicação de Sofia por ele, ele tratava-a, afetivamente como sua filha adotiva, embora não o fosse legalmente.

reduzida apenas a mim próprio. Desde aquela época, a situação do positivismo mudou radicalmente em todo o Ocidente, em que ele preocupa cada vez mais os espíritos e os corações, apesar dos poderosos entraves que uma imprensa indigna opõe diariamente a nossos diversos contactos populares. Os que, desprovidos de qualquer concepção própria, não podiam ser úteis senão por facilitarem a comunicação necessária dos verdadeiros filósofos com os proletários, esforçam-se, ao contrário, por interceptá-la para prolongar a anárquica preponderância dos faladores sobre os pensadores. Mas essa opressão, ao mesmo tempo espontânea e concertada, encontra-se irrevogavelmente quebrada, há seis anos, pela adesão decisiva de um eminente escritor (Littré[22]), cujo nobre caráter é ainda mais bem apreciado do que seu admirável talento (1). Havendo se tornado meu principal colega, sua vida foi tão votada quanto a minha ao digno triunfo, filosófico e político, do positivismo, em que víamos, todos dois, a única saída possível da anarquia moderna. Tal confraternidade interdita-me, aqui, insistir mais nessa inapreciável sanção, que era contudo preciso assinalar como a fonte essencial da justiça que minha constância acabou por obter depois de vinte e quatro anos de insulamento, assim terminados no mesmo instante em que meu coração renascia.

(1) Um juiz competentíssimo do verdadeiro valor moral, o eminente Carrel[23], cuja privação antecipada sentimos cada vez mais, confiou-me que ele admirava sobretudo, em Littré, então de mim desconhecido, *sua bela alma*. Felizes relações pessoais permitiram-me, a seguir, reconhecer a profunda justeza de tal apreciação, por provas plenamente decisivas, ao mesmo tempo privadas e públicas. [Nota de Augusto Comte].

Este impulso dominante jamais me fará olvidar as simpatias espontâneas que a precederam nos melhores espíritos da Inglaterra. Elas até suscitaram, em três nobres almas[24], o glorioso patrocínio que retardou em um ano a opressão material que resultou de minha espoliação politécnica. Mas, posto que a nova filosofia esteja mais difundida e seja mais bem apreciada na Inglaterra do que em qualquer outro sítio, os positivistas ingleses são até aqui raríssimos, porque essas adesões permanecem quase sempre intelectuais, sem se estenderem assaz às conseqüências morais e sociais.

---

[22] Emílio Maximiliano Paulo Littré (1801 — 1881) foi discípulo direto de Comte. Produziu várias compilações de crítica literária em que desenvolveu ensaios sobre os temas respectivos (como *Estudos sobre os bárbaros e a Idade Média*, de 1869; *Do estabelecimento da terceira república*, de 1880); redigiu o importante *Dicionário Littré*. Foi senador em 1875. De interesse positivista, produziu: *Filosofia Positiva*, de 1845; *Conservação, revolução, positivismo*, de 1852; *Augusto Comte e a filosofia positiva*, de 1862; criou a revista *Filosofia positiva*, com Carlos Robin, que circulou de 1872 a pelo menos 1882.

Teve importante papel na vida de Comte e no curso do Positivismo: a) positivo, pois divulgou a obra de Comte para o grande público, por alguns artigos na gazeta *O Nacional*, em 1844; promoveu a criação do subsídio positivista, em 1848, graças ao qual Comte pode manter-se, após haver perdido seus cargos na Escola Politécnica e, portanto, seus rendimentos. B) negativo, pois acumpliciou-se com a viúva de Comte, Carolina Massin, com quem colaborou no processo por ela movido em 1870 contra os executores do testamento de Comte, no intuito de anulá-lo e apropriar-se de seu espólio, de que ela tencionava expurgar o quanto se referisse a Clotilde de Vaux e à religião da Humanidade. Neste processo criou-se a lenda de que Comte ensandeceu ao final de sua vida.

Littré dissentiu da obra de Comte, de que aceitou a parte intelectual, contida no *Curso de filosofia positiva* e recusou a religiosa, expressa no *Sistema de política positiva*. Era positivista heterodoxo (intelectual ou incompleto, no jargão positivista).

[23] Armando Carrel (1800 — 1836) foi jornalista, ensaísta e historiador francês republicano, fundador da folha *O Nacional* e seu colaborador com artigos.

[24] João Grote, Guilherme Molesworth e Rankes Currie subsidiaram Comte em 1851 com o equivalente ao ordenado que percebia com o cargo de repetidor de Análise na Escola Politécnica, que lhe foi arrebatado como perseguição que lhe moveram seus pares, por causa das críticas desassombradas que ele formulara em seus livros aos matemáticos. Já em 1844 perdera o cargo de examinador de candidatos à Escola Politécnica.

É totalmente diferente na nação, tão modesta quão honrosa que desde a Idade Média formou sempre a vanguarda das populações germânicas. O eminente núcleo que surgiu há cinco anos, na Holanda[25], não separou jamais a sociabilidade da inteligência em sua apreciação do positivismo. Ele imediatamente percebeu que a principal destinação da nova filosofia consiste em fornecer a base de uma síntese universal, a única capaz de dirigir a terminação orgânica da revolução ocidental. Este nobre núcleo positivista infelizmente perdeu um de seus melhores órgãos que, igualmente distinguido de coração e de espírito, foi-nos arrebatado na idade de Vauvenargues e Bichat.[26]

Apesar dessas diversas adesões de escol, o positivismo não obteria imediatamente do Norte verdadeiras simpatias coletivas. Seu principal apoio deve repousar nas populações que, preservadas do protestantismo, são mais bem dispostas a uma verdadeira reorganização. Ainda que a religião da Humanidade haja ainda pouco penetrado na Itália e na Espanha, alguns casos decisivos anunciam já o acolhimento reservado à doutrina das mulheres e dos proletários lá onde estas duas bases sociais desenvolveram melhor seu caráter.

Toda essa propagação do positivismo tomou importância capital e extensão inesperada depois de que a situação republicana, que afastou para sempre as mentiras constitucionais, pôs em plena evidência a impossibilidade de terminar a revolução por outra forma senão pela conciliação fundamental entre a ordem e o progresso. Este programa irrecusável convoca diretamente a única doutrina que possa hoje determinar convicções fixas e comuns. A impotência das diversas opiniões anteriores torna-se, assim, cada vez mais perceptível, e cada uma até perdeu já seu principal caráter. Para prolongar seu privilégio transitório de manter a ordem material em meio da desordem espiritual, a escola retrógrada acaba de degradar-se pela aceitação oficial da soberania popular. Da mesma forma, a metafísica negativa, desejando conservar a direção do progresso em tempo em que ele consiste sobretudo em construir, rejeita o programa do décimo oitavo século e pretende regenerar a sociedade pelo princípio teológico, ao mesmo tempo em que o priva de todas as instituições indispensáveis à sua coêrencia.

A situação que desacredita e decompõe todas as outras escolas, doravante igualmente anárquicas e retrógradas, aumenta rapidamente a atividade e a autoridade da escola positiva, única que oferece atualmente garantias sistemáticas à ordem como ao progresso. Desde a irrevogável proclamação da república francesa fundei, com o nome de Sociedade Positivista, associação fraternal de práticos e de teóricos, cujos pacíficos serões hebdomadários sempre foram respeitados. Com a aberta aspiração a dirigir a terminação orgânica da revolução ocidental, ela tomou por base direta meu *Discurso sobre o conjunto do positivismo*, publicado em julho de 1848, como resumo de meu curso de 1847 e prelúdio sistemático do presente tratado.

---

[25] Três holandeses eram discípulos de Comte, em sua vida: o conde de Stirum, Carlos Capellen e o barão de Constant Rebecque. O barão de Constant-Rebecque chamava-se Carlos Teodoro João de Constant-Rebecque (1805 – 1870) e não Guilherme, equívoco devido a que usava o título de "Willem", anteposto a seus sobrenomes. Willem não equivalia ao prenome Guilherme, porém a ordem militar holandesa, a que se integrou em 1831. Oficial da marinha holandesa, Comte instituiu-o como um dos treze executores do seu testamento. Em 1860, Constant-Rebecque publicou uma paráfrase positivista da *Imitação de Cristo* e era parente sanguíneo do célebre Benjamin Constant, francês. O conde de Stirum (1786 – 1855) chamava-se Wigbold Alberto Guilherme; seu título completo era o de conde de Limburg Stirum Noordwijk. Oficial do corpo de engenheiros, foi barão do Império (título francês outorgado por Napoleão I). Carlos Capellen era adido militar da Holanda em Paris, também executor do testamento de Comte. O barão e o conde propiciaram a Comte, espontaneamente, em maio de 1848, a quantia de oitocentos francos, destinada à publicação do *Discurso sobre o conjunto do Positivismo*, o que se realizou.

[26] Eram discípulos holandeses de Comte: Menno David, conde de Limburg Stirum (1807 – 1891); Carlos de Capellen (1809 – 1886), Carlos Teodoro João, barão de Rebecque (1805 – 1870), além de outro, falecido com 31 ou 32 anos.

Durante esse ano decisivo[27], tal antecipação geral de minha atual construção foi completada por três publicações parciais, destinadas a organizar já a transição normal, ao mesmo tempo espiritual e temporal, em direção ao regime final assim caracterizado. Estes opúsculos decisivos instituíram, sucessivamente, o novo governo revolucionário, a escola apropriada para fornecer verdadeiros filósofos pela regeneração dos médicos e, enfim, o calendário histórico conveniente às comemorações ocidentais. Havendo assim regularizado o presente, preparado o futuro e glorificado o passado, fundamos assaz nossa política de transição, que não se pudera desenvolver sob as ficções monárquicas. Era a única condição que faltava ao positivismo para organizar um partido ocidental capaz de afastar, enfim, todos os partidos existentes, pela reunião a si das classes correspondentes. Congratulo-me então por haver antecipado as conclusões normais do presente tratado pela exposição, no seio da Sociedade Positivista, dessas três séries de medidas transitórias. Quando elas apresentarem-se em seu lugar natural, em meu quarto volume, seu advento sistemático encontrar-se-á assim consolidado pelas ativas simpatias que já excitam esses conspectos parciais, cuja correlação não pode ser ainda bastante percebida. A urgência que me prescreveu produzir essas antecipações a tal ponto confirmou-me sua oportunidade que, apesar de sua influência, outros núcleos positivistas logo surgiram em Madri, Aberdeen, Gênova e Bruxelas.

Maior eficácia começou no ano seguinte para o novo poder espiritual, pela reação involuntária que o governo francês recebeu da mesma situação geral que doravante impele, em todos os sentidos, para o positivismo. O regime precedente jamais me permitira senão uma indicação indireta e limitada, finalmente insuficiente ainda que provisoriamente útil, da nova filosofia, como simples preâmbulo do curso público de astronomia que professei gratuitamente durante dezessete anos. Ao invés, desde 1849 pude executar abertamente, em cada ano, em local oficial do Palácio Cardeal[28], exposição livre e completa do positivismo, sob o título de Curso filosófico de história geral da humanidade. Este novo passo deve-se sobretudo ao nobre patrocínio de Vieillard[29] que há vinte e cinco anos sempre acompanha, com solicitude verdadeiramente cívica, a evolução contínua de uma filosofia que ele considerou, desde meu início, como a única capaz de ultrapassar a anarquia moderna (1). Os proletários, ainda muito preocupados com utopias, ainda não aproveitaram essa autorização liberal para elevarem-se, enfim, ao modo de ver histórico, sem o qual seu socialismo permanecerá insuficiente e até perturbador, por falta de perceber convenientemente a continuidade humana. Contudo, um digno auditório dos dois sexos, sustentado pela importância e oportunidade do assunto, seguiu escrupulosamente esta longa série de sessões de quatro ou cinco horas, que naturalmente anteciparam todas as partes do atual tratado. Tais simpatias impeliram-me, em 1849, a desenvolver especialmente e até a aperfeiçoar essencialmente a Religião da Humanidade, diretamente fundada, no ano precedente, em meu discurso acima mencionado. Aí sistematizei o culto íntimo por minha teoria dos verdadeiros anjos da guarda, emanada de minhas próprias efusões diárias, e relacionei-a solenemente com o culto público pela instituição de minha série normal dos novos sacramentos sociais.

---

[27] O ano decisivo é o de 1848; a antecipação geral é o *Discurso sobre o conjunto do positivismo*.

[28] O Palácio Cardeal ou Palácio Real, em Paris, foi edificado de 1624 por diante. Nele residiram Luís XIV e o cardeal Mazarino. Em 1848, revolução depôs a monarquia do rei Luís Filipe, na França, e proclamou a república.

[29] Narciso Vieillard (1791 — 1857) foi militar e senador da confiança política de Luís Bonaparte. Exarou o único voto adverso ao restabelecimento do império na França em 1852. Era o mais antigo aderente ao positivismo, desde 1822.

(1) Devo testemunhar aqui nosso justo reconhecimento pelo zelo e pela firmeza de Bineau, que, como Ministro das Obras Públicas, autorizou dignamente meu curso, realizado em local posto sob sua dependência oficial. [Nota de Augusto Comte].

Essas duas instituições eram a tal ponto oportunas que, desde o ano seguinte, suscitaram várias práticas decisivas. Todos os espíritos emancipados sentiram imediatamente a necessidade de voltar à cultura do coração, assim purificada das quimeras interessadas que a alterariam profundamente nos melhores modelos católicos. O desenvolvimento direto e normal da vida subjetiva estava necessariamente reservada ao positivismo, que já o erige em fonte habitual de aperfeiçoamento moral, de progresso intelectual e até de melhoramento físico, como garantidor da saúde cerebral, tão ligado à toda a harmonia vital. Por tal conjunto de instituições, a religião demonstrada torna-se agora capaz de substituir, a todos os respeitos, a religião revelada, doravante assim desprovida de poder afetivo quanto de eficácia política. Além das santas práticas cotidianas secretamente adotadas por vários positivistas, solenemente conferi, em 1850, como Padre da Humanidade, os três principais sacramentos sociais, com digna sistematização do nascimento, do casamento e da morte. Somente esse último ato, cumprido à beira de um ilustre ataúde, ensejou uma publicação decisiva, reproduzida no final deste volume[30]. Assim, a nova religião já se exerce por teorias ainda inéditas, cuja exposição, puramente oral até aqui, pertence ao tomo final do atual tratado. Até, a fim de completar essa indicação antecipada, devo anunciar aqui o feliz ensaio de um jovem positivista, cujo espírito estará logo à altura de seu coração. Lonchampt[31] compôs dignamente, para todos os dias da semana positivista, já concebida por Leblais[32], um precioso sistema de tocantes orações, que acabará de ligar o culto íntimo com o culto público, pelo direcionamento do culto doméstico propriamente dito.

Assim, o quarto ano republicano encontra o partido positivista assaz provido de diversos germens essenciais (1) que exigia sua grande e difícil missão, a de sistematizar a evolução espontânea do Ocidente em direção à regeneração final sem temer doravante nenhuma parada retrógrada ou anárquica. As duas forças gerais que, sozinhas, podem consolidar tal plano, já foram profundamente alcançadas, ainda que nossos contactos aí sejam insuficientes. Apesar da deplorável usança revolucionária que continua a formar os proletários sob chefes indignos ou incapazes, nobres modelos populares encontram-se profundamente incorporados ao partido construtor. A primeira publicação de nossa Sociedade Positivista emanou, em junho de 1848[33], de um eminente operário marceneiro, Magnin[34], que não hesito em assinalar ao proletariado ocidental como quem oferece hoje, pelo coração e pelo espírito, como pelo caráter, o melhor modelo do verdadeiro homem de estado. Sentimos cada vez mais que o fito prático da grande revolução consiste sobretudo em incorporar dignamente o povo à sociedade moderna, segundo o irresistível programa que nos legou a idade

[30] Como apêndice do vol. I do *Sistema de política positiva*, Comte reproduziu o discurso que proferira nos funerais de Henrique Ducotray de Blainville, em 1850.

[31] José Lonchampt foi discípulo direto de Comte e um de seus treze executores testamentários. Redigiu *Ensaio sobre a oração* (1852) e *Epítome da vida e dos escritos de Augusto Comte* (1889), com tradução brasileira de Miguel Lemos (2ª ed., Igreja Positivista do Brasil, Rio de Janeiro, 1957).

[32] Afonso Leblais (1820 — 1890) era professor de matemática; aderiu à parte intelectual do positivismo (*Sistema de filosofia positiva*), em 1846. Redigiu o folheto *Materialismo e espiritualismo: estudo de filosofia positiva* (1865).

[33] Em junho de 1848, a Sociedade Positivista de Paris produziu relatório sobre a questão do trabalho.

[34] Fabião Magnin (1810 — 1884) era marceneiro; foi executor testamentário de Comte, presidente da Sociedade Positivista de Paris e um dos três co-autores do relatório referido. Produziu vários trabalhos, compilados com o título de *Estudos sociais* (Paris, Sociedade Positivista, 1913, 494 pp.).

média. Mas os procedimentos empíricos e subversivos que se tenta aplicar a essa imensa questão mostrarão logo que sua única solução real pertence ao positivismo, que a faz essencialmente resultar de uma reorganização sistemática das opiniões e dos costumes. Assim formulada, tal construção liga-se diretamente à destinação feminina que fornecerá finalmente o principal caráter social do positivismo, pois os proletários não desfrutariam assaz da vida doméstica, de que deve emanar sua melhor satisfação, se as mulheres não se pudessem consagrar dignamente a seus ofícios naturais, o que depende de serem preservadas de qualquer trabalho externo. Os imensos melhoramentos que o positivismo vem espontaneamente propiciar à condição feminina, nossa alta apreciação do sexo amante como principal personificação do verdadeiro Grão Ser[35] e nosso desenvolvimento sistemático da cultura afetiva, já excitam simpatias decisivas. Um mês após a publicação de meu *Discurso sobre o conjunto do positivismo*[36] uma senhora inglesa, cujas virtudes domésticas são tão conhecidas em Londres quanto seus talentos literários, sancionou plenamente minha teoria da mulher. "Não tive tempo, escrevia-me ela em francês, de ler vosso livro como lê-lo-ei, mas fiquei subjugada por certas páginas sobre meu sexo. Neste assunto, *não há senão o senhor.* Os outros, ou dão à mulher posição subalterna, subordinada às necessidades materiais do homem ou atribuem-lhe uma fora de sua natureza e de seus instintos. Somente vós, senhor, sabeis combinar sua dignidade moral e intelectual como companheira com sua natureza física e moralmente dependente. Enfim, vós concebeis o *liame conjugal*, que encerra submissão e ascendente, pureza e ternura."

Considerando o conjunto desses resultados, estou feliz por mudar de idéia em relação à modicidade de minhas primitivas esperanças. Após haver publicado o primeiro volume de minha obra fundamental, confiei a meus amigos, há vinte anos, que todos os meus votos limitavam-se a obter um dia cinqüenta adesões profundas no mundo todo, e então eu não tinha sequer uma. Todavia, durante a maior parte de meu insulamento, minha constância foi, a seguir, sustentada pela admirável conversão de um enérgico revolucionário, digno amigo do grande Carnot[37]. Carlos Bonnin[38], que poderia ser-me pai, honrou-se, em sua nobre velhice, por haver-se tornado meu primeiro discípulo, e muito desdenhou de seus próprios escritos. O próprio Carnot, alguns meses antes de morrer no exílio, já me fizera chegar, da maneira mais tocante, os augustos encorajamentos que lhe inspirava minha descoberta então totalmente recente das leis sociológicas. Por esse digno testamento cívico, o mais puro representante da revolução negativa transmitiu ao fundador da revolução positiva a continuação sistemática da imensa regeneração que começou a sabedoria empírica de nossa gloriosa assembléia. Pertence aos verdadeiros republicanos julgar agora se o conjunto de minha carreira realiza suficientemente a esperança inicial que o virtuoso instinto desse grande cidadão soube assim tirar de um opúsculo então ignorado.

---

[35] Grão Ser é como na religião da Humanidade se designa a Humanidade, conjunto contínuo das pessoas convergentes, que de algum modo contribuíram positivamente para com a sociedade.

[36] Comte publicou-o em 1848; republicou-o como Discurso preliminar, no vol. I de seu *Sistema de política positiva*.

[37] Cognominado de "o grande Carnot", Lázaro Carnot (1753 — 1823), conde Carnot, foi deputado na Assembléia Legislativa e na Convenção, durante a revolução francesa de 1789; serviu Napoleão como comandante marcial. Produziu obras célebres de física e matemática.

[38] Carlos João Batista Bonnin (1772 — 1846) escreveu sobre administração pública, direito público, religião, Montesquieu, Corneille. Conheceu Comte em 1829 e dele se conservou amigo vitaliciamente. Este reputava-o imbuído do "verdadeiro espírito da revolução" (francesa. Carta a Barbot, de 29 de outubro de 1846).

(1) Uma só fundação importante falta-nos ainda, a do órgão hebdomadário que propus, em outubro de 1848, com o nome de *Revista Ocidental*[39], para desenvolver regularmente a aplicação contínua da filosofia positiva ao curso natural das ocorrências intelectuais e sociais. Todavia, esse indispensável ensino, que somente ele pode libertar o Ocidente de uma imprensa desastrosa, é já realizável quanto à sua condição principal, pois estou agora seguro de número suficiente de dignos colaboradores, não somente no centro francês, como também entre as quatro outras populações ocidentais. Somente esperamos, para principiar esta função complementar, obter o apoio material sem o qual sua independência e sua dignidade não estariam bastante afiançadas. Muito pouco numerosos e muito pouco ricos, os positivistas não puderam até aqui preencher suficientemente essa condição final, em relação à qual não devem jamais contar senão consigo próprios, como em todas as outras suas necessidades.

A consistência moral do partido positivista logo passou por prova irrecusável, por conseqüência da ignóbil perseguição politécnica que acabou de destruir, em 1848, meus principais recursos materiais[40]. Dos dois tipos de simpatias que invoquei então, as de que devi esperar mais eficácia não responderam, de modo nenhum, ao apelo final de meu *Discurso sobre o conjunto do positivismo*. Meu eminente colega Littré, espontaneamente assistido por nossos dignos confrades, instituiu nobremente subscrição anual[41], abertamente destinada a neutralizar a espoliação que sofri, sem me sujeitar a ocupações subalternas que entravariam meus trabalhos essenciais. Ora, nenhum dos numerosos alunos e camaradas que conto no público politécnico, todos especialmente informados do atentado cometido contra mim, participou até aqui do subsídio reparador. Ele é ainda somente alimentado pelos verdadeiros positivistas, cuja raridade e pobreza explica naturalmente sua insuficiência atual. Essa experiência permanente fornece mais um traço ao quadro geral de um egoísmo muito conforme à nossa anarquia e mostra, felizmente, a sinceridade das novas convicções morais que já modificam seriamente o comportamento habitual. Eu devia aqui testemunhar diretamente meu justo reconhecimento para com esta honrosa salvaguarda que, sem bastar ainda, já me inspira uma plena confiança na pacífica atividade dos poucos anos que me restam para o serviço fundamental da Humanidade (1).

(1) O prefácio final de meu *Sistema de filosofia positiva* deve naturalmente fazer desejar aqui explicações especiais sobre a perseguição que aí se encontra prevista e caracterizada. Mas, em 1848, prometi-as para o derradeiro volume do tratado atual. Quando aí as houver cumprido, minha solene reconciliação com meu principal inimigo[42] vedou-me, felizmente, de antemão, desenvolver muito esta penosa história. Deverei concentrar então a censura pública no vil traidor[43] que abusou de sua posição oficial e sozinho fez abortar, em 1848, uma

[39] Comte não chegou a fundar a *Revista Ocidental*. Criou-a seu discípulo Pedro Laffitte em 1878; circulou até 1914 pelo menos. Seus fascículos somavam volumes anuais de cerca de 600 páginas, com colaborações de positivistas franceses, ingleses, húngaros, mexicanos, brasileiros, italianos, com riqueza de informações e elevação de conteúdo.

[40] Comte exercia os cargos de examinador de admissão na Escola Politécnica, em que deixou de ser reconduzido de 1844 por diante, e o de repetidor de Análise, de que foi despojado em 1848.

[41] Chamou-se de subsídio positivista a cotização em que os discípulos e admiradores de Comte provieram-no de fundos destinados à sua mantença, porquanto ficasse desempregado de 1848 em diante.

[42] Trata-se do astrônomo Francisco Arago (1786 — 1853) que em 1844 capitaneou cabala para despojar-se Comte do cargo de examinador de admissão na Escola Politécnica. Comte reconciliou-se com ele em 1848.

[43] O vil traidor era o matemático João Maria Duhamel (1797 — 1872), padrinho do casamento de Comte e que este cria ser-lhe sincero amigo.

reparação geralmente esperada, para satisfazer ao mesmo tempo sua velha inveja e o egoísmo precoce de seu digno sobrinho.[44]

Novo contraste decisivo vem mais sublinhar a força nascente das verdadeiras convicções positivistas, a propósito das dificuldades excepcionais que sofreu, durante mais de um ano, a publicação do presente volume. Terminei-o em 24 de fevereiro de 1850 e logo me decidi, contra minha resolução primitiva, a publicá-lo separadamente dos três outros. Para facilitar a edição total, proclamei imediatamente a decisão sistemática, à qual me conduziam os princípios positivistas, relativa à minha total renúncia aos proveitos materiais que resultassem de meus livros quaisquer. Mas essa resolução, que me parece indispensável à dignidade moral do novo sacerdócio ocidental, não determinou, contudo, nenhum editor a assegurar a impressão desses quatro volumes. Então decidi-me a decompor a venda, de modo que, sem alterar a perfeita unidade de tal tratado, cada tomo pudesse ser adquirido insuladamente. Essa derradeira concessão às dificuldades da situação não teria até assegurado a publicação deste volume, se o jovem positivista assinalado acima (Lonchampt) não houvesse espontaneamente oferecido ao impressor sua fiança pessoal das despesas tipográficas. A módica fortuna territorial desse nobre discípulo aumenta o valor

de tal devotamento que, contudo, espero, não se lhe tornará oneroso. Esse digno comportamento deve recordar a generosidade espontânea que determinou, em 1848, a publicação parcial do discurso preliminar deste tratado[45]. Ambos casos são, aliás, assaz recomendáveis para nos dispensar do contraste natural que oferecia aqui, ainda, uma comparação especial entre os pobres e os ricos.

Por tal seqüência de atos, o partido positivista apresenta-se hoje como já capaz, em modesta escala, de bastar a todas as suas necessidades morais, intelectuais e até materiais, por seus próprios recursos. Durante minha longa evolução, jamais obtive a menor assistência real de nenhuma pessoa indiferente a meus princípios. Esse fenômeno, sem exemplo em toda a história humana, parece-me próprio para melhor caracterizar a perfeita coerência que distingue o positivismo das diversas sínteses anteriores. Com mais brandura, ele teria excitado simpatias heterogêneas, por sua aptidão necessária a combinar sem inconseqüência as mais opostas apreciações[46]. Mas essas facilidades passageiras teriam gravemente alterado a plenitude normal de sua influência final, a que nada escaparia, porque aí tudo se relaciona estreitamente. A religião que convida nossa espécie a bastar-se completamente por nossa própria providência, devia, ela própria, surgir sem nenhuma proteção estranha.

Augusto COMTE,
(10, *rua Monsieur-le-Prince*).

Paris, 23 de Aristóteles de 63 (quinta-feira, 20 de março de 1851).

---

[44] O sobrinho era José Luís Francisco Bertrand (1822 — 1900), matemático e historiador da astronomia. Em 1844, deliberação de professores da Escola Politécnica atribuiu a Bertrand o cargo até então exercido por Augusto Comte, de examinador de admissão nela.

[45] O tratado é o *Sistema de política positiva*, cujo discurso preliminar foi publicado em 1848 como *Discurso sobre o conjunto do positivismo*, graças ao patrocínio que lhe prestaram seus discípulos holandeses, o conde de Stirum, Carlos Capellen e o barão de Constant-Rebecque.

[46] Se Comte houvesse empregado tom menos convicto em suas manifestações escritas e orais, teria granjeado simpatia de teológicos e metafísicos. Ele sempre foi plenamente explícito em suas opiniões e juízos, o que abarca o descrédito que lançou sobre a teologia e a metafísica no *Curso de filosofia positiva*, no *Sistema de política positiva*, no *Catecismo positivista*, no *Discurso sobre o espírito positivo*.

Dedicatória.

À SANTA MEMÓRIA
DE MINHA ETERNA AMIGA
CLOTILDE DE VAUX (de solteira, MARIE),

Morta, em minha presença, em 5 de abril de 1846,
no começo de seu trigésimo sexto ano !

Oh, nostra vita, ch'é sì bella in vista,
Com perde agevolmente in um mattino
Quel che´n molt´anni a gran pena s´acquista !
(*Petrarca*).

RECONHECIMENTO, LÁSTIMAS, RESIGNAÇÃO.

Paris, domingo, 4 de outubro de 1846.

NOBRE E TERNA VÍTIMA,

A constante pureza de nossa afeição permite-me hoje publicar esta fúnebre homenagem sem aqui dissimular de modo nenhum a augusta intimidade própria de nossas últimas semanas. Nosso doloroso destino deixou-nos, pelo menos, sempre desfrutarmos da plena convicção de que qualquer exame leal de nosso mútuo comportamento aumentaria muito nossos respectivos direitos à cordial veneração das almas honestas. Quando a humanidade procurar, em escrupulosa apreciação de minha vida privada, as justas abonações morais que ela deve exigir principalmente dos verdadeiros filósofos, o conjunto de nossa correspondência bastaria, de longe, para atestar a santidade contínua de um lugar excepcional, igualmente honroso a nossos dois corações. Esse irrepreensível comportamento encontra-se já recompensado dignamente por minha profunda satisfação de poder aqui proclamar meus mais íntimos sentimentos com a plena sinceridade que dirigiu sempre as manifestações de meus pensamentos quaisquer.

Tua admirável modéstia, que cedeu, enfim, à minha afetuosa insistência, havia francamente aceitado a justa dedicatória de minha segunda elaboração filosófica, começada, no ano passado, debaixo do nascente estímulo da nobre ternura que, a despeito da morte, continuará a embelezar todo

o resto de minha melancólica existência. Que tua sagrada memória receba então esta homenagem solene de um reconhecimento convenientemente motivado, que não é mais contido por teus tocantes escrúpulos!

1.Uma anomalia involuntária, muito facilmente explicável, retardou bastante o pleno surto de disposições profundamente afetuosas que me transmitiu uma terníssima mãe, tão própria, oh!, para tornar-se a tua. Pelo conjunto de minha fatal situação, meu coração parecia irrevogavelmente condenado a não encontrar habitualmente uma digna alimentação senão no exercício especial, insuficiente ainda que precioso, que minha carreira filosófica oferece ao amor universal. Sem nossa tardia ligação, eu não teria jamais apreciado assaz a enérgica clareza que somente uma justa aplicação individual pode proporcionar às principais afeições.

Essa relação decisiva de dois corações dispostos à mais pura harmonia fora precedido, em um e no outro, pelo cumprimento espontâneo de diversas condições indispensáveis à sua plena eficácia. Antes de nosso primeiro encontro, eu recuperara inteiramente, há vários anos, irrepreensível liberdade moral, em crise tanto mais definitiva quanto ela foi, de minha parte, involuntária[47] e até eu já sentia a profunda insuficiência do pacífico insulamento que me pareceu, primeiramente, tão precioso. A feliz irrupção simultânea de meus gostos estéticos, sobretudo em relação à mais afetuosa das belas artes[48], não podia senão indicar, sem as satisfazer, as necessidades excepcionais de meu coração. Mas essas disposições pessoais não me teriam bastado se eu não houvesse encontrado em ti liberdade equivalente e semelhante tendência. Muito tempo antes de nosso contacto, a proteção incompleta das leis tinha-te espontaneamente libertado do indigno laço imposto à tua virtuosa obediência. Tu te encontravas assim sob penosa dependência, que não era habitualmente adoçada por justa apreciação de tua eminente natureza, nem sequer pela respeitosa solicitude devida às tuas excepcionais infelicidades.

Diversamente impelidos e autorizados, todos dois, a procurar enfim uma afeição completa, nossas naturais simpatias eram então fortificadas de antemão pela triste conformidade de nossos destinos domésticos, sem que meu infortúnio fosse, aliás, equivalente ao teu. Apesar de sua recente origem, uma intimidade assim preparada deveu logo adquirir a consistência familiar de uma antiga afeição, desde que tu me conheceste assaz para me escreveres: *Confio-vos o resto de minha vida*. Quão estávamos longe de prever então a próxima impotência desta preciosa missão!

A ti, somente, minha Clotilde, devi assim, durante um ano sem par, a expansão tardia mas decisiva dos mais doces sentimentos humanos. Uma santa intimidade, ao mesmo tempo paternal e fraternal, compatível com nossas justas conveniências respectivas, permitiu-me bem apreciar em ti, entre todos os encantos pessoais, a maravilhosa combinação de ternura e de nobreza que talvez nenhum outro coração jamais haja realizado em tal grau. Essa excelência moral, convenientemente assistida pelas mais altas faculdades do espírito feminino, era tão felizmente completada pela candura e pela dignidade do caráter! A contemplação familiar de semelhante perfeição devia incrementar, até à minha revelia, meu ardor sistemático pelo aperfeiçoamento universal em que colocávamos, todos dois, o fim geral da vida humana, seja pública, seja privada.

Os que sabem que o surto contínuo de nossos instintos simpáticos constitui a principal fonte da verdadeira felicidade, pessoal ou social, respeitarão aqui minha solene gratidão para com a inefável

[47] Carolina Massin, mulher de Comte, retirou-se do lar conjugal inúmeras vezes, com mais duração em 1826, 1833, 1838; a partida de 1842 foi definitiva. Instalava-se em hotéis, onde passava dias e possivelmente prostituía-se.
[48] A música.

felicidade que tu me descortinaste e que devia exercer reação duradoura em meu melhoramento moral. Segundo a tendência ordinária das inclinações bem colocadas, tua salutar influência tornou-me espontaneamente mais afetuoso em relação a meus amigos e mais indulgente para com meus inimigos, mais doce em relação a meus inferiores e mais subordinado a meus superiores. Longe de amortecer minha energia anterior, ela aumentou-lhe bastante a eficácia: ao vigor perseverante que muito exercera, devi desde logo juntar paciente moderação que me era muito pouco familiar. Devo-te, assim, em grande parte, haver suportado, sem nenhum vão murmúrio, uma infame perseguição, que outrora ter-me-ia impelido talvez a ardente explosão, inoportuna ainda que legítima.

Uma solicitude muito empírica faz temer que esse despertar inesperado de minha vida privada entravasse minha vida pública. Tua extrema delicadeza era sobretudo preocupada com tal oposição que, apesar de minhas freqüentes explicações, inspirou-te tão tocantes inquietações, até na derradeira de tuas inapreciáveis cartas. É portanto à luz desse aspecto que te sou, no fundo, mais devedor porque pude, enfim, graças a ti, realizar, em tempo de anarquia moral, a plena harmonia entre a existência privada e a existência pública, tão indispensável ao mesmo tempo à felicidade e à dignidade das almas de escol. Até então, com efeito, minha missão social somente me fizera suportar a profunda amargura de minha situação doméstica. Sob tua impulsão espontânea senti ao invés, com delícias, que por tardia reciprocidade, minha vida privada tenderia doravante a melhor desenvolver minha vida pública.

Toda a minha filosofia dispusera-me já a esta grande reação, por fazer dignamente sublinhar a justa preponderância das afeições domésticas no conjunto do verdadeiro surto moral. Ninguém apreciou melhor do que eu o principal perigo das utopias atuais que, retrogradando para o modelo antigo por louco ardor de progresso, concordam com prescrever ao coração humano elevar-se, sem nenhuma transição, de sua personalidade primitiva à benevolência diretamente universal, desde logo degenerada em vaga e estéril filantropia, muito amiúde perturbadora. A nova filosofia retifica estas aberrações metafísicas e põe sobretudo a superioridade fundamental da moral moderna em sua justa preocupação da vida privada como fonte indispensável da educação simpática. Se esse caráter do positivismo te houvesse sido mais bem conhecido, ele teria logo dissipado os alarmas de tua concenciosa afeição sobre um pretendido conflito de minha ternura pessoal com minha destinação social.

Mas essa convergência espontânea das duas impulsões devia sobretudo distinguir a segunda metade de minha carreira filosófica, em que devo doravante dirigir-me ao coração ainda mais do que ao espírito, pela própria natureza do derradeiro esforço fundamental que exige o conjunto de minha missão. Ouso assim assegurar que, independentemente de qualquer inclinação privada, jamais dedicatória foi mais merecida do que esta, pois ela repousa em participação real e poderosa, ainda que indireta e involuntária.

Em tempo em que o orgulho intelectual constitui, no fundo, o principal obstáculo para verdadeira regeneração, fomos todos dois assaz felizmente organizados para remeter o espírito ao seu justo lugar: ele foi conduzido, no que diz respeito ao coração, à sábia subordinação que constitui a base necessária de uma harmonia real e durável, individual e coletiva. A unidade pessoal supõe a autoridade do único gênero de disposições que pode congregar todos os outros e a solidariedade social exige a preponderância sistemática da única impulsão própria para fazer convergir todas as individualidades. Por si própria, a supremacia do coração não tende a sufocar o justo impulso do espírito, mas a propiciar-lhe indispensável destinação: ao contrário, desde o fim da Idade Média, o reino excepcional do espírito muito amiúde alterou o impulso moral, para satisfazer à curiosidade estéril, pelo desenvolvimento de vaidade insociável. Eis porque o primeiro regime constitui o único

estado normal de nossa economia, pessoal ou social, e o outro só convém à transição revolucionária[49], de que forma o caráter principal. Tal é a conclusão necessária da sã filosofia, quando sua evolução natural eleva-a, enfim, ao verdadeiro modo de ver social, essencialmente inacessível a todos os meus predecessores.

Minha obra fundamental[50] consistiu sobretudo em estabelecer esse grande princípio, de modo que preparasse sua justa aplicação contínua, pela constituição da irrevogável preponderância, lógica e científica, das concepções sociais sobre todas as outras ordens de especulações reais. É consoante a tal base que, segundo a destinação essencial da verdadeira filosofia, o tratado atual procede diretamente à sistematização final de toda a existência humana, pela subordinação necessária do espírito ao coração. Na verdade, minha principal tarefa deve aí limitar-se a fazer livremente aceitar ao próprio espírito tal império, cujo advento normal não pode ser dispensado dessa retificação voluntária. Poderia eu esperar em algum momento produzir nos outros uma renovação tão difícil, se primeiramente ela não se me houvesse tornado profundamente familiar? É assim, minha bem-amada, que eu devia especialmente experimentar a preciosa reação filosófica de uma virtuosa paixão privada.

Por feliz coincidência, essa inclinação decisiva surgiu logo que minha nova elaboração exigiu vivamente digno surto pessoal de afeições enternecidas. Desde nossa primeira expansão, assinalei-te ingenuamente a solidariedade que eu já sentia estabelecer-se entre o curso de meus mais altos pensamentos e o de meus mais caros sentimentos. Após haver nobremente consagrado a primeira metade de minha vida pública a desenvolver o coração pelo espírito, via a segunda parte votada principalmente a esclarecer o espírito pelo coração, sem cujas inspirações as grandes noções sociais não podem adquirir seu verdadeiro caráter. Mas poderia aspirar a essas novas luzes se não houvesse dignamente sofrido a enérgica influência do sentimento mais apropriado para desprender o homem de sua personalidade fundamental, ao fazer depender de outrem sua principal satisfação? Muito encareci então a exceção involuntária que reservou à minha plena maturidade a única prova desse supremo sentimento, cujo atraso aumenta-lhe a eficácia moral, quando ele comporta a aprovação sistemática de uma razão experiente. Se, primeiramente, deplorei a desigualdade de nossas idades, tua superioridade logo me tranqüilizou acerca de uma condição que tornava nossa intimidade ainda mais conforme à sua alta destinação.

Então tu somente permitiste-me desenvolver convenientemente a reação do coração sobre o espírito que se tornou indispensável para o conjunto de minha missão! Sem tua doce influência, minha grande preparação filosófica, ainda que secundada por minhas predileções estéticas, não poderia tornar-me assaz familiar a verdadeira preponderância sistemática do amor universal, principal caráter definitivo do positivismo, de que nenhum outro atributo secundará mais o advento social. A cada fase da nova composição que a fatal doença interrompeu[51], comprazi-me em testemunhar-te meu justo reconhecimento pela assistência involuntária que facilitava minhas melhores inspirações! Jamais senti tão claramente a profunda realidade da máxima fundamental devida ao nobre Vauvenargues[52] que, entre os pensadores do último século, falou dignamente do coração e cujo valor intelectual e

[49] Comte chama de transição revolucionária a fase da história europeia principiada em torno de 1300, em que o regime católico-feudal, prevalecente até então, entrou a decompor-se, com o declínio do poder intelectual e moral do catolicismo e o estado de coisas feudal.
[50] O *Sistema de filosofia positiva*, em seis volumes (1830 — 1842).
[51] Comte alude à pneumonia que vitimou Clotilde.
[52] Lucas de Clapiers, marquês de Vauvenargues (1715 — 1747), concebeu a fórmula "Os grandes pensamentos provêm do coração".

moral oferecia-me, com o teu, brilhante analogia, logo completada, oh! por igual precocidade de morte!

2. Nossa virtuosa intimidade foi assim, a todos os respeitos, tão preciosa para minha vida pública quanto para minha vida privada. Mas, qualquer que seja, a esse título duplo, meu legítimo reconhecimento de nosso curto passado, ele não equivaleria à minha eterna lástima pelo incomparável futuro que se nos abria quando te perdi. A independência pessoal que tu irias enfim conquistar, e a perfeita confiança mútua averiguada por nossas últimas experiências permitia doravante o livre curso de nossas raras simpatias. Além da feliz concordância de nossas opiniões, e até de nossos gostos, estávamos sobretudo reunidos por igual tendência, ainda menos comum hoje, a subordinar ao coração o conjunto da vida humana. Tão freqüentemente dissemo-nos um ao outro: Cansamo-nos de pensar e até de atuar; jamais nos cansamos de amar! Cada um de nós reconhecia aliás que a completa amizade não é verdadeiramente possível senão entre dois sexos, porque somente ela pode ser assaz desprendida de qualquer rivalidade perturbadora.

Ainda que esta plena harmonia me haja sido logo arrebatada, bastou-me havê-la sentido para não poder mais me contentar com nenhuma simpatia menor. Assim eu próprio descerei à tumba sem jamais haver conhecido, salvo por curto instante, a plena identificação que convém tanto ao meu coração! Jamais voltarei a ter as castas carícias, os afetuosos olhares que dissipam logo a fadiga de longas meditações para não deixar sentir senão o encanto de uma existência engrandecida e enobrecida por elas! No início dessa lenta e dolorosa agonia, que não alterou de modo nenhum tua razão em uma doença quase sempre acompanhada de violentos delírios, tu caracterizaste todo o meu destino íntimo por esta tocante exclamação de uma alma sem cessar preocupada com outrem: *Vós não tereis uma companheira por muito tempo!*

Mas não posso esperar aqui para associar a minhas lamentações pessoais algumas simpatias públicas, senão pela explicação sobretudo da perda inapreciável que a humanidade sofre em ti. Oh! não faz ainda um ano que te encarreguei, ao contrário, de fazer um dia render a meu coração uma exata justiça. Este filósofo austero, que não creem acessível senão às preocupações mentais, tu tinha-o, desde o começo, apreciado principalmente como o mais amante dos homens conhecidos de ti. Teu irrecusável sufrágio, em uma decisão reservada essencialmente às mulheres, teria talvez assaz protegido minha memória moral dos odiosos sofismas e das prevenções superficiais que perseguiam ordinariamente os renovadores intelectuais. Por que é mister que, apesar da ordem natural das idades, seja eu que deva hoje revelar tua superioridade ignota?

O que me autoriza aqui a reclamar dignamente a atenção pública para esse sagrado dever, é que eu não via em ti somente minha nobre companheira e minha preciosa conselheira, mas também minha eminente colega na imensa regeneração reservada a nosso século. A nova filosofia, como prová-lo-á este segundo tratado, chegou agora ao ponto de demandar a teu sexo, além de íntima simpatia, ativa e poderosa cooperação, que teu coração e teu espírito tinham igualmente pressentido. Nenhuma renovação mental pode verdadeiramente regenerar a sociedade senão quando a sistematização das idéias conduzir à dos sentimentos, única socialmente decisiva, sem a qual a filosofia não substituiria jamais a religião. Se a primeira elaboração, em que o espírito deveu prevalecer, estava naturalmente reservada a meu sexo, é sobretudo ao teu que pertence a segunda, em que o coração deverá dominar. Ora, tu somente ainda, entre as mulheres de escol, havia dignamente compreendido essa progressão e esse concurso, que tu já sentias, à tua maneira, quase tão profundamente quão eu próprio.

Os preconceitos vulgares sobre a pretendida secura do verdadeiro positivismo dissiparam-se prontamente em ti, quando distinguiste essa filosofia das sucessivas especialidades que a deveram preparar[53]. Tudo quanto concebi até aqui, tudo quanto conceberei em algum momento, para desenvolver em todos os sentidos a grandeza do homem, estava certo de poder submeter utilmente à tua cordial sabedoria; junto de ti somente não mais temeria que em algum momento me suspeitassem de afetação sentimental contrária ao conjunto de meu caráter intelectual e moral. A profunda impressão que uma alma como a tua deveu receber primeiramente do catolicismo, havia felizmente preservado tua emancipação[54] final de qualquer interrupção séria no vão deísmo[55] do último século: aliás, teu espírito, apesar de sua doce alegria, não se podia contentar com atitude essencialmente crítica, que não convém mais senão aos escritores subalternos. De tudo quanto de admirável o regime da Idade Média ofereceu de nobre ou terno, tu compreendeste que a verdadeira sociabilidade moderna pode e deve apropriar-se plenamente, com a superioridade natural de sistema cujos princípios são todos discutíveis e em que os melhores sentimentos não são mais corrompidos por um irresistível egoísmo.

Tu já consideravas que essa vasta construção devia oferecer às mulheres verdadeiramente eminentes carreira digna, índice espontâneo da extensão fundamental proximamente reservada à justa influência feminina. Teu espírito, assaz familiarizado com as principais produções de teu sexo, teria logo completado tua indispensável preparação. Apesar de tua nobre modéstia, eu chegara aliás a fazer-te bem apreciar a grande vantagem que resultava de tua pureza excepcional para melhor utilizar o concurso natural entre o coração e o espírito. Tu já criaras, na reorganização moral, um primeiro trabalho literário, felizmente ligado aos teus justos planos de independência pessoal. Lamento muito não poder juntar aqui nenhum fragmento dessa nascente *Guilhermina*[56], de que haviam desde logo participado meus afetuosos alvitres e até minha indireta colaboração pela carta filosófica que escrevi, a teu pedido, em janeiro passado, sobre a verdadeira teoria do casamento. A secreta opressão que pesou em toda a tua vida[57] não se deteve diante de tua tumba: o precioso manuscrito que tu havias-me abertamente legado foi-me finalmente recusado, com desprezo das mais formais promessas e a despeito das ordens especiais de um nobre chefe de família[58], cuja lealdade militar logo se revoltou por tal violação, devida talvez a uma dolorosa rivalidade literária[59].

O espírito e o fito desse esboço devem, contudo, ser indicados aqui, não somente para tua justa glorificação, mas sobretudo pelo exemplo característico que advém do digno emprego atual dos talentos femininos. Em século em que tantas cabeças, até fortes ou experimentadas, preocupam-se com utopias anárquicas sobre a economia fundamental da família humana, importa notar que uma jovem mulher eminente, amadurecida pela infelicidade, consagrava livremente sua bela carreira

---

[53] As sucessivas especialidades são as ciências individualmente consideradas (matemática, astronomia, física, química, biologia).

[54] Comte qualificava de emancipados os espíritos ateológicos, que chamamos de ateus (sem deus nem deuses), termo que, ao seu tempo, tinha o significado (diverso do atual) de quem formula os mesmos problemas que os teológicos, com a recusa de sua resposta (a divindade). A primeira parte do Discurso preliminar trata disto (vejais adiante).

[55] Nomeia-se de deísmo a concepção segundo a qual há uma entidade superior, diversa porém do deus pessoal, antropomórfico, das religiões tradicionais (cuja aceitação nomeia-se de teísmo).

[56] *Guilhermina* é o título de novela da lavra de Clotilde, cujo manuscrito ela deu a Comte.

[57] A secreta opressão dizia respeito à vida privada de Clotilde, cuja condição financeira (e dos seus) mantinha-a na dependência de seus pais.

[58] O chefe da família de Clotilde, seu pai, chamava-se José Simão Marie, capitão reformado do exército francês. Sua mulher (mãe de Clotilde) era Henriqueta Josefina Ficquelmont, familiar do conde de Ficquelmont.

[59] Comte insinua que o manuscrito de outra novela de Clotilde, *Guilhermina*, haja-lhe sido recusado por influência de Maximiliano Leão Marie, irmão de Clotilde, autor de uma *História da matemática*.

literária à ativa defesa das leis invioláveis da sociabilidade elementar. Se tua fatal história for um dia conhecida, cada um perceberá que a ninguém teria sido mais escusável do que a ti conceber eterno azedume pela instituição do casamento. Mas, como tu tão bem o disseste na tocante *Lúcia*[60]: *É indigno dos grandes corações difundirem a perturbação que sentem.* Essa admirável máxima era a divisa espontânea de todo o teu comportamento.

Vítima inocente de destino excepcional, tu reconheceste dignamente que a indispensável generalidade das regras sociais não deve ser julgada por dolorosas anomalias. Apesar de teus injustos sofrimentos, tua alta razão apreciou logo as declamações frívolas ou sofísticas que, atentas exclusivamente a alguns males incontestáveis mas acessórios ou fortuitos, arrastam hoje a alterar radicalmente a pureza e a consistência dos principais sentimentos humanos. Sob a inspiração somente de tua bela alma, destinaste tua *Guilhermina* à refutação decisiva ainda que indireta dos perigosos paradoxos rejuvenescidos por uma contemporânea eloqüente[61], com a qual teu talento não teria temido comparação eqüitativa.

Tua excêntrica heroína devia sucessivamente atravessar as principais aberrações atuais, mas sempre preservada por sua pureza e sua elevação naturais, de maneira que resultasse na verdadeira felicidade doméstica, sem ter jamais sucumbido em suas crises preliminares. O quadro progressivo dessas diversas situações do coração feminino, habilmente analisadas por uma alma irrepreensível, teria comportado vivo interesse e alta utilidade. Para glória de teu sexo, observei que esses sofismas anti-domésticos, ainda que dirigidos, em aparência, para sua especial vantagem, até aqui encontraram muito poucas adesões honrosas. As mulheres, que julgam sobretudo pelo coração, ficam logo revoltadas com tal anarquia moral, enquanto nosso soberbo espírito masculino, extraviado hoje sem princípios nessas difíceis especulações, resulta muito amiúde em funestas quimeras, que uma menor delicadeza torna então mais graves e mais duráveis. Segundo esse contraste, teu nobre ensaio tendia a dissipar essas perigosas controvérsias sob a suprema intervenção do verdadeiro sentimento, naturalmente reservado às plumas femininas.

Ainda que a morte haja sufocado essa santa composição, prosseguida com perseverança em meio de perturbações físicas, espero que minha imperfeita indicação e meu fraco testemunho bastem aqui para inspirar alguns lamentos sinceros e talvez para suscitar outras tentativas. O peso de teu doloroso destino deve, aliás, dispor de antemão a respeitar princípios suscetíveis de produzir tais convicções em quantos até hajam sofrido mais com sua aplicação absoluta. Se ousasse aqui aproximar meu exemplo do teu, sem que nossas infelicidades sejam assaz comparáveis, notarei que somente nós hoje, no campo progressista, justificamos energicamente o casamento, apesar de nossas injustas dores pessoais. Além do novo respeito assim sugerido para com a base necessária de qualquer sociabilidade, essa observação concorreria para dissipar prevenções triviais contra a aptidão moral da única filosofia que pode doravante oferecer seguranças sistemáticas para a ordem fundamental, cada vez mais comprometida pela impotência teológica e pela anarquia metafísica.

Nossa espontânea convergência para tais assuntos indica assaz aos juízes competentes a alta eficácia filosófica de nossa feliz associação, aliás isenta de qualquer vã dependência dogmática. Todos quantos se interessam a sério pela nova doutrina geral lamentarão assim a preciosa cooperação de um espírito que, sem jamais falhar nas menores conveniências femininas, podia, a seu modo,

[60] *Lúcia* é a novela da autoria de Clotilde, publicada pela folha parisiense *O Nacional*, em 1845, e que Comte reproduziu, em corpo menor, a seguir a esta dedicatória.

[61] Possivelmente a francesa Olímpia de Gouges (1748 — 1793), produtiva mulher de letras, pioneira do feminismo, que reivindicou o divórcio na França, em 1790.

apropriar-se inteiramente das mais eminentes concepções sociais. O princípio do positivismo sobre a harmonia fundamental dos dois sexos, como destinado sobretudo a seu mútuo aperfeiçoamento, foi avidamente acolhido por uma alma tão bem disposta à sua sábia aplicação. Posto que as qualidades preponderantes de cada sexo são, em geral, muito pouco pronunciadas no outro, não é somente no aspecto material que sua união é indispensável para constituir o verdadeiro elemento humano.

Se, em obras individuais, nada grande é possível sem um digno concurso entre o coração e o espírito, da mesma forma qualquer renovação social exige a ativa cooperação dos dois sexos. Enquanto as mulheres lastimarem, no fundo, o regime católico e feudal, sobretudo pelas imortais lembranças de uma admirável cavalaria, a revolução moderna não terá adquirido ainda seu caráter definitivo, e a retrogradação política continuará a parecer possível. Ora, o único meio de associá-las irrevogavelmente a esse imenso movimento consiste em apresentar-lhes enfim uma filosofia tão própria para satisfazer às necessidades essenciais do coração quanto aos do espírito. Ainda que o positivismo certamente preencha essa condição fundamental, somente uma mulher pode convencer seu sexo.

Eu próprio, sem dúvida, devo visar finalmente ao coração, mas não posso a isso chegar senão indiretamente, pelo espírito, por fazer prevalecerem as idéias que correspondem aos sentimentos nobres. A ti reservava o ofício inverso, mais fácil e não menos eficaz que, pela excitação direta das emoções simpáticas, dispõe a inteligência à admissão quase irresistível de doutrinas verdadeiramente gerais. Cada uma dessas duas grandes operações é socialmente insuficiente sem a outra: limitando-se à primeira, a inércia dos sentimentos impediria qualquer ativa aplicação, até privada, dos princípios filosóficos; se a segunda se cumprisse sozinha, com os sentimentos desprovidos de qualquer consistência sistemática, uma agitação mística arrastaria o homem e a humanidade a eternas flutuações ou a ilimitadas divagações.

Concebemos dignamente todos dois esta bela harmonia entre as funções solidárias mas independentes, tão distintas em seus meios quanto em seu princípio e sua destinação: uma tende a estabelecer, por via científica, ativas convicções masculinas; a outra, a desenvolver, pela via estética, profundos sentimentos femininos. Dois ofícios parelhamente indispensáveis não comportariam, aliás, nenhuma precedência, e sua sucessão necessária não suscitaria nenhum debate sério haja vista que eles podem e devem fortificar-se mutuamente. Nossa virtuosa intimidade teria somente embelezado e facilitado um concurso sem exemplo, de maneira que manifestaria espontaneamente a tendência característica da verdadeira filosofia a conciliar enfim as exigências, ainda opostas, do espírito e do coração.

3. Tal foi a santa união que me autoriza hoje a associar profundamente um público de escol à minha eterna aflição privada: porque somente a morte quebrou esse nobre plano, cujas principais condições encontravam-se já preenchidas e a que nossas idades prometiam suficiente realização. Ah ! se minha razão pudesse em algum momento retrogradar até o estado teológico que só convém à infância da humanidade, essa catástrofe bastaria para fazer-me rejeitar com indignação o otimismo providencial[62] que pretende consolar nossas misérias pela prescrição de estúpida admiração das mais horríveis desordens. Tu, vítima sempre inocente, que quase conheceu da vida somente suas mais íntimas dores, foste golpeada no momento em que começava enfim tua digna felicidade pessoal, estreitamente ligada a uma alta missão social! E eu próprio, ainda que menos puro, merecia, após

[62] O filósofo alemão Godofredo Guilherme Leibnitz concebeu a doutrina do otimismo segundo a qual o estado de coisas existente, como obra divina, é o melhor possível, por pior que seja.

tantos sofrimentos injustos, ser assim frustrado da tardia felicidade reservada a uma existência solitária, constantemente votada, desde o início, ao serviço fundamental da humanidade? Esse duplo desastre privado não constituía aliás, perda pública, de modo que excluísse qualquer idéia de compensação?

Mas a sã filosofia descarta sem quartel as crenças quiméricas e ridículas, tão daninhas doravante quão foram de começo úteis, e veda também as recriminações correspondentes. Ela não exige que, por perigosos sofismas, desconheça-se a extrema imperfeição da ordem real. Contudo, ela apenas inspira verdadeira resignação, que consiste em suportar com enérgica coragem os males inacessíveis à intervenção humana e em reagir o mais possível contra as fatalidades exteriores para o aperfeiçoamento interior. Minha infelicidade não comporta nem consolo nem diversão e deles não devo procurar nenhum. Como disse Vauvenargues, ao deplorar uma morte prematura: *Quem está consolado não mais ama; contudo quem não mais ama é leviano e ingrato.* Longe de esquecer-te, devo esforçar-me por supor-te viva, para continuar a identificarmo-nos cada vez mais. Nosso incomparável ano de virtuosa ternura recíproca deixou-me puras e nobres recordações, fortificadas por correspondência característica[63]. Reanimá-las-ei mais, como o faço há seis meses, por culto contínuo, ao mesmo tempo cotidiano, hebdomadário, e logo anual. Esse tesouro de afeições constitui o principal recurso de minha vida íntima[64].

Se, malgrado meus esforços, todas as tuas imagens são ainda dominadas pela imagem final, esse doloroso quadro recorda-me assim os testemunhos extremos de tua santa ternura. A mim apenas dirigiram-se tuas últimas palavras, na presença somente de minha nobre empregada doméstica, a incomparável Sofia, que tua grande alma comprazia-se em tratar por irmã e cujo ativo devotamento a teus prolongados sofrimentos merecerá sempre nosso íntimo reconhecimento. Poderei esquecer em algum momento essa prescrição suprema, solenemente repetida cinco vezes, quanto tu cessastes já de ver e de entender, mas não de amar e de pensar, alguns minutos antes de expirar: *Comte, recorda-te de que sofro sem o ter merecido!...*

Essa augusta recomendação, resumo muito fiel de tua vida inteira, regerá minha mais íntima existência. Ela consagra nossa inalterável solidariedade, quase igualmente exclusiva das duas partes: na ordem privada, cada um de nós estava para o outro. A morte não reproduz meu insulamento anterior, porque nada mais pode me privar nem me desprender de minha única verdadeira união. Mais do que qualquer outro regime, o positivismo tende a desenvolver o culto de todas as lembranças, pessoais e sociais, que sistematiza mais e melhor: devo então aplicar-nos primeiramente essa preciosa propriedade da nova filosofia. Quantas almas ternas sustentar-se-ão por muito tempo com essa melancólica alimentação, sem ter recursos equivalentes para instituí-la dignamente!

Nossa união era sobretudo destinada a aperfeiçoar nossos corações; tal fito pode ainda oferecer bastante encanto, até quando o comércio moral não é mais ativo senão de um só lado. O verdadeiro conhecimento da natureza humana, individual e coletiva prescreve, em geral, a indissolubilidade dos laços íntimos. Mas, por uma extensão mais delicada, os mesmos motivos fundamentais impõem assim a lei universal da viuvez. Esse dever moral, sempre honrado e

[63] Comte e Clotilde cartearam-se assiduamente em 1845 e 1846. Ele conservou cópia de sua correspondência ativa e colecionou quantas cartas dela recebeu. A totalidade desse epistolário foi publicada pela Igreja Positivista do Brasil, em tradução.

[64] A contar do traspasse de Clotilde, Comte manteve autêntico culto à sua memória, distribuído por horários determinados e com durações fixas, em que se recordava intencionalmente dos momentos de sua convivência com ela. Anualmente lia, em voz alta, no túmulo dela, suas confissões íntimas, em que simbolicamente dava-lhe conta dos fatos mais importantes de sua vida em cada intervalo anual.

recomendado, torna-se, nos dois sexos, grande fonte de melhoramentos profundos e de nobres satisfações. Se a vida inteira mal basta para que os dois sexos possam bem conhecer-se e amar-se dignamente, se então somente a perfeita constância pode permitir o íntimo desenvolvimento das afeições humanas, por que a morte interromperia essa continuidade de apreciação ? Quando advém a fatal viuvez, a obrigação não é sempre igualmente decisiva, haja a intimidade durado alguns meses ou alguns anos? Ou antes, não nos devemos esforçar mais por prolongar o que durou menos? Todo esquecimento resulta então de frívolo egoísmo que, por falta de doce perseverança, perde logo o fruto principal de germens anteriores. Com mais forte razão, a inconstância das afeições tende a degradar profundamente quem, privado de ternura eminente, aceita alguma intimidade vulgar, segundo a enérgica reprovação proclamada por Calderon (1).

(1) El hombre vil, es infame,
Él que, solamente atento
A lo bruto del deseo,
Viendo perdido lo mas,
Se contenta con lo ménos.[65]

Seis meses de íntimas meditações sobre a mais dolorosa crise de minha vida privada confirmaram-me assim, plenamente, as solenes promessas que adoçaram teus derradeiros dias. O cuidado contínuo de meu principal aperfeiçoamento fortificará incessantemente tal sagrado dever. Eis porque, em cada dia, diante de teu altar doméstico[66], repito-te, com crescente convicção, que até tua morte consolida para sempre o laço fundado em minha afeição, minha estima e meu respeito.

A idade das paixões privadas terminou-me, assim, dignamente, por nossa irrevogável identificação. Devo, doravante, entregar-me exclusivamente à nobre paixão pública que desde minha primeira juventude votou o conjunto de minha vida à grande regeneração. É sobretudo lá que os preciosos germens desenvolvidos sob teu ascendente encontrarão, malgrado a morte, alta destinação. Posto que privado de tua ativa cooperação, nada me arrebatará pelo menos tua assistência passiva. Durante nosso santo ano[67], tua doce impulsão concorreu, muito mais do que poderias crê-lo, em prol de minhas melhores inspirações filosóficas. Desde seis meses, tua preciosa influência não cessou de facilitar-me os novos progressos que realizei em meio de lágrimas. Sabiamente cultivada, ela continuará, sinto-o, a purificar e a animar minhas melhores concepções. Ela consolida e enobrece, aliás, todos os gostos estéticos que nos eram comuns e cujo surto familiar, além de sua importância própria, pode, somente ela, neutralizar hoje a opressiva secura dos hábitos científicos.

Diretamente consagrado doravante à reconstrução social fundada em minha renovação filosófica, auferirei utilidade mais estendida e mais imediata do tardio complemento da educação moral que te devo a ti somente. Em tudo que concerne à verdadeira condição das mulheres e sua participação crescente no movimento universal, experimentarei cada vez mais a necessidade de confirmar e melhorar minha apreciação sistemática por viva recordação de nossa perfeita concordância sobre o tema em que as concepções de um sexo podem menos passar sem a livre aprovação do outro. Tua eminente penetração havia já atentado na tendência natural do positivismo a desenvolver, por sistematização ao mesmo tempo privada e pública, o culto habitual da mulher, que a Idade Média somente pôde esboçar. Deixando doravante livre curso a esta bela ordem de

[65] Pedro Calderón de la Barca (1600 — 1681) foi dramaturgo espanhol.
[66] Comte considerava altar doméstico a poltrona de sua residência em que ela sentava-se, ao visitá-lo.
[67] O santo ano correspondeu ao ínterim de 28 de agosto de 1845, quando se conheceram, até o traspasse dela, em 5 de abril de 1846.

pensamentos e sentimentos, serei nisso sem interrupção encorajado pelo íntimo atrativo de uma digna aplicação individual, cuja sinceridade e maturidade não serão contestáveis.

Ao finalizar assim uma merecida dedicatória, percebo já a alta eficácia sempre própria de nossa eterna união. O doce cumprimento de tal dever leva-me sem esforço à grande composição interrompida por nossa catástrofe[68]; ao mesmo tempo, a feliz reação moral assim obtida vai, espero, repor-me todas as minhas forças anteriores. A exposição, sobretudo solene, propicia aos sentimentos, pelo menos tanto quanto aos pensamentos, ao mesmo tempo mais precisão e coerência. Essa consideração escusará talvez, perante juízes competentes, a natureza e a extensão inusitadas desta homenagem excepcional. Todos os pensadores que sabem apreciar a reação mental das afeições simpáticas respeitarão o tempo empregado em retraçar e em reanimar as emoções puras. Mas endereço esta ingênua expansão sobretudo aos espíritos mais bem dispostos a sofrer a impulsão do coração, seja entre as mulheres, o povo ou a juventude.

Adeus, minha imutável companheira. Adeus, minha santa Clotilde, tu que me fazias as vezes de esposa, de irmã e de filha! Adeus, minha aluna querida e minha digna colega! Tua angélica inspiração dominará todo o resto de minha vida, tanto pública quanto privada, para presidir ainda a meu inesgotável aperfeiçoamento, pela depuração de meus sentimentos, pelo engrandecimento de meus pensamentos, pelo enobrecimento de meu proceder. Possa esta solene assimilação ao conjunto de minha existência revelar dignamente tua superioridade desconhecida! Tua salutar influência não pode mais ser apreciada senão por dispor-me sempre a melhor preencher minha grande missão. Como principal recompensa pessoal dos nobres trabalhos que me restam a cumprir sob tua poderosa invocação, obterei talvez que teu nome se torne, enfim, inseparável do meu nas mais longínquas recordações da humanidade agradecida.

A pedra da tumba é teu primeiro altar !
(*Elisa Mercoeur*.)[69]

Donna, se´tanto grande e tanto vali,
Che qual vuol grazia e a te non ricorre,
Sua disianza vuol volar senz´ali.
La tua benignità non pur socorre
A chi dimanda, ma molte fiate
Liberamente al dimandar precorre.
In te misericordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s´aduna
Quantunque in creatura è di bontate !
(*Dante*.)[70]

[68] A catástrofe foi o óbito de Clotilde.
[69] Elisa Mercoeur (1809 — 1835), poetisa francesa.
[70] Dante Alighieri. Os versos pertencem à *Divina Comédia*, no derradeiro canto do Paraíso:
Senhora, tão grande és, e tão pontente,
Que mercês implorar sem teu auxílio
Eqüivale a querer voar sem asas.
Tua benignidade não sufraga
Somente a orações; mas com frequência,
Com generosos dons as antecipa.
Em ti misericórdia, em ti piedade,
Em ti munificência se coadunam

Augusto COMTE.

Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo.

Cansamo-nos de pensar e até de até de atuar;
jamais nos cansamos de amar. (*Dedicatória*).

Nesta série de conspectos sistemáticos sobre o positivismo, caracterizarei, primeiramente, seus elementos fundamentais; a seguir, seus apoios necessários e, enfim, seu complemento essencial. Por mais sumária que deva ser aqui essa tripla apreciação, ela bastará, espero, para sobrepujar definitivamente prevenções escusáveis, mas empíricas. Todo leitor bem preparado poderá averiguar assim que a nova doutrina geral, que parece não poder satisfazer senão à razão, é, no fundo, favorável ao sentimento e até à imaginação.

PREÂMBULO GERAL.

O positivismo compõe-se, essencialmente, de uma filosofia e de uma política, que são necessariamente inseparáveis; constituem, uma, a base e a outra, o fito de um mesmo sistema universal, em que a inteligência e a sociabilidade encontram-se intimamente combinadas. De uma parte, com efeito, a ciência social não é somente a mais importante de todas, porém sobretudo ela fornece o único laço, ao mesmo tempo lógico e científico, que comporta, doravante, o conjunto de nossas contemplações reais. (1). Ora, essa ciência final, ainda mais do que cada uma das ciências preliminares, não pode desenvolver seu verdadeiro caráter sem uma exata harmonia geral com a arte correspondente. Mas, por uma coincidência de modo nenhum fortuita, sua fundação teórica encontra imediatamente uma imensa destinação prática, para presidir hoje à plena regeneração da Europa Ocidental. Isso porque, de uma parte, à medida que o curso natural dos sucessos caracteriza a maior crise moderna, a reorganização política apresenta-se, cada vez mais, como necessariamente impossível sem a reconstrução preliminar das opiniões e dos costumes. Uma sistematização real de todos os pensamentos humanos constitui, então, nossa primeira necessidade social, igualmente relativa à ordem e ao progresso. O cumprimento gradual dessa vasta elaboração filosófica fará espontaneamente surgir em todo o Ocidente nova autoridade moral, cujo inevitável influência criará a base direta da reorganização final, mediante a ligação de todas as populações avançadas pela mesma educação geral que fornecerá, em toda parte, para a vida pública como para a privada, princípios fixos de julgamento e comportamento. É assim que o movimento intelectual e o abalo social, cada vez mais solidários, conduzirão, doravante, a fina-flor da humanidade ao advento decisivo de um verdadeiro poder espiritual, ao mesmo tempo mais coerente e mais progressivo do que o de que a Idade Média tentou prematuramente o admirável esboço.

E quanto tem mais nobre a criatura.
(Tradução de Francisco Bonifácio de Abreu, barão da Vila da Barra [1819 — 1887]).

(1) O estabelecimento desse grande princípio constitui o resultado mais essencial de meu *Sistema de filosofia positiva*. Posto que os seis volumes desta obra hajam todos sido publicados, de 1830 a 1842, sob o título de *Curso* (sugerido pela elaboração oral que preparou, em 1826 e 1829, este tratado fundamental), a seguir sempre o qualifiquei de *Sistema* para melhor marcar-lhe o verdadeiro caráter. No aguardo de que segunda edição regularize essa retificação, este aviso especial prevenirá, espero, qualquer equívoco a tal respeito.

Tal é, então, a missão fundamental do positivismo: generalizar a ciência real e sistematizar a arte social[71]. Essas duas faces inseparáveis da mesma concepção serão sucessivamente caracterizados nas duas primeiras partes deste Discurso, pela indicação, primeiramente, do espírito geral da nova filosofia e, em seguida, da sua ligação necessária com o conjunto da grande revolução cujo término orgânico ela vem dirigir.

A essa dupla apreciação, sucederá naturalmente a dos principais apoios próprios da doutrina regeneradora. Essa indispensável adesão não emanaria hoje, salvo preciosas exceções individuais, de nenhuma das classes diretoras que, todas mais ou menos dominadas pelo empirismo metafísico e pelo egoísmo aristocrático, não podem tender, na sua cega agitação política, senão a prolongar indefinidamente a situação revolucionária, pois elas disputam sempre os vãos destroços do regime teológico e militar, sem conduzir jamais a uma verdadeira renovação.

A natureza intelectual do positivismo e a sua destinação social só lhe permitem êxito verdadeiramente decisivo no meio em que o bom senso, preservado de cultura viciosa, deixa prevalecer mais as vistas de conjunto e em que os sentimentos generosos são, ordinariamente, menos comprimidos. Por esse duplo título, os proletários e as mulheres constituem necessariamente os auxiliares essenciais da nova doutrina geral que, embora destinada a todas as classes modernas, só obterá verdadeira influência nas camadas superiores quando figurar, perante elas, com esse irresistível patrocínio. A reorganização espiritual só pode começar com o concurso dos mesmos elementos sociais que, a seguir, mais devem secundar-lhe o surto regular. Consoante sua menor participação no governo político, eles são mais apropriados para sentir a necessidade e a condições do governo moral, destinado, sobretudo, a protegê-los da opressão temporal.

Consagrarei, então, a terceira parte deste discurso a caracterizar, sumariamente, a coligação fundamental entre os filósofos e os proletários que, preparado dos dois lados pelo conjunto do passado moderno pode, ela somente, produzir hoje uma impulsão verdadeiramente decisiva. Atinaremos assim que, por aplicar-se a retificar e a desenvolver as tendências populares, o positivismo aperfeiçoará e consolidará bastante sua própria natureza, até intelectual.

---

[71] Generalizar a ciência real: tornar positivas as ciências, mediante o seu expurgo do quanto contivessem de resíduos teológicos ou metafísicos. A ciência eivada de idéias, conceitos, explicações teológicas ou metafísicas, na forma respectivamente de intervenção divina e de abstrações antropoformizadas, não é inteiramente real. É-o a que assenta em leis naturais aptas a explicar os fenômenos e a prevê-los, a ciência positiva ou (passe o trocadilho) científica. O positivismo destina-se a tornar a ciência verdadeira generalizada, ou seja, presente em todos os campos fenomenológicos, em depurar de traços teológicos e metafísicos a matemática, a astronomia, a física, a química, a biologia, e a instituir a sociologia e a psicologia.

Sistematizar a arte social significa tornar planejada e portanto subordinada à vontade, à previsão e à intervenção humanas, a atividade exercida em sociedade, nos domínios da política, economia, educação, saúde, relações internacionais, ou seja, quantos comportam a ação humana no meio social e natural.

Contudo, esta doutrina só mostrará todo o seu poder orgânico e manifestará seu verdadeiro caráter pela aquisição do apoio menos previsto como preço da sua aptidão necessária para regular e melhorar a condição social das mulheres, como indicá-lo-á especialmente a quarta parte deste discurso. Só o modo de ver feminino permite à filosofia positiva abarcar o verdadeiro conjunto da existência humana, ao mesmo tempo individual e coletiva. Pois essa existência só pode ser dignamente sistematizada tomando-se por base a subordinação contínua da inteligência à sociabilidade, diretamente representada pela verdadeira natureza, pessoal e social, da mulher.

Posto que este discurso deve simplesmente esboçar essas duas grandes explicações, ele fará, espero, perceber bastante quão o positivismo é mais próprio do que o catolicismo para utilizar profundamente as tendências espontâneas do povo e das mulheres na instituição final do poder espiritual. Ora, a nova doutrina só pode obter esse duplo apoio consoante a sua aptidão exclusiva para dissipar radicalmente as diversas utopias anárquicas que ameaçam, cada vez mais, toda a existência doméstica e social. Ao mesmo tempo, de uma parte e de outra, ela enobrecerá bastante o caráter fundamental e aprovar-lhe-á, ativamente, todos os votos legítimos.

É assim que uma filosofia, primeiramente emanada das mais altas especulações, mostra-se já capaz de abarcar sem esforço, não somente a plenitude da vida ativa, como também o conjunto da vida afetiva. Contudo, para manifestar inteiramente sua universalidade característica, deverei ainda assinalar um complemento indispensável, pela indicação, enfim, malgrado preconceitos plausibilíssimos, de sua profunda aptidão para fecundar também as brilhantes faculdades que representam melhor a unidade humana no que, contemplativas por natureza, elas se ligam ao sentimento por seu principal domínio e à atividade por sua influência geral. A apreciação estética do positivismo será diretamente esboçada na quinta parte deste discurso, como seqüência natural da explicação relativa às mulheres. Lá, espero, farei entrever como somente a nova doutrina, porque abarca realmente o conjunto das relações humanas, pode preencher uma grande lacuna especulativa mercê da constituição, em breve, de uma verdadeira teoria geral das belas-artes, cujo princípio consiste em pôr a idealização poética entre a concepção filosófica e a realização política, na coordenação positiva das funções fundamentais da humanidade. Esta teoria explicará porque a eficácia estética do positivismo somente poderá manifestar-se por produções características quando a regeneração intelectual e moral estiver assaz avançada para já haver despertado as principais simpatias que lhe são próprias e em que deverá repousar o novo surto da arte. Mas, depois desse primeiro abalo mental e social, a poesia moderna, investida enfim de sua verdadeira dignidade, virá, por sua vez, empolgar a humanidade em direção a um futuro que não será nem mais vago nem quimérico e que tornará familiar a sã apreciação dos diversos estados anteriores. Um sistema que erige diretamente o aperfeiçoamento universal em fito fundamental de toda a nossa existência pessoal e social, atribui necessariamente ofício capital às faculdades voltadas sobretudo a cultivar-nos o instinto da perfeição em todos os gêneros. Os estreitos limites deste discurso não me impedirão, aliás, de nele indicar que, abrindo à arte moderna imensa carreira, o positivismo fornecer-lhe-á, não menos espontaneamente, novos meios gerais.

Terei assim plenamente esboçado o verdadeiro caráter da doutrina regeneradora, sucessivamente apreciada em todos os seus aspectos principais; por encadeamento sempre natural passarei primeiramente da sua fundação filosófica à sua destinação política, disso à sua eficácia popular, depois à sua influência feminina e, enfim, à sua aptidão estética. Para concluir este longo discurso, simples prelúdio de um grande tratado, não me restará mais do que indicar como todas estas

diversas apreciações, espontaneamente resumidas por uma divisa decisiva[72], vêm condensar-se ativamente na concepção real da Humanidade que, dignamente sistematizada, constitui finalmente a plena unidade do positivismo. Ao formular essas conclusões características, serei naturalmente conduzido a assinalar, em geral, consoante o conjunto do passado, a marcha ulterior da regeneração humana que, limitada primeiramente, sob a iniciativa francesa, à grande família ocidental, deverá estender-se, em seguida, segundo leis assinaláveis, a todo o resto da raça branca e às duas outras raças principais.

Primeira Parte.
ESPÍRITO FUNDAMENTAL DO POSITIVISMO.

A verdadeira filosofia propõe-se a sistematizar, tanto quanto possível, toda a existência humana, individual e, sobretudo, coletiva, contemplada ao mesmo tempo nas três ordens de fenômenos que a caracterizam: pensamentos, sentimentos e atos. Nesses três aspectos, a evolução fundamental da humanidade é necessariamente espontânea e somente a exata apreciação de seu curso natural pode fornecer-nos a base geral de uma sábia intervenção. Mas as modificações sistemáticas que aí podemos introduzir têm, contudo, extrema importância para diminuir muito os desvios parciais, os funestos atrasos e as graves incoerências próprias de um impulso tão complexo, se ele permanecesse abandonado a si próprio. A realização contínua dessa indispensável intervenção constitui o domínio essencial da política. Contudo, sua verdadeira concepção não pode jamais emanar senão da filosofia, que lhe aperfeiçoa sem cessar a determinação geral. Para essa comum destinação fundamental, o ofício próprio da filosofia consiste em coordenar entre si todas as partes da existência humana, a fim de conduzir-lhe a noção teórica a completa unidade. Tal síntese somente seria real tanto quanto representasse exatamente o conjunto das relações naturais, cujo estudo judicioso torna-se, assim, a condição preliminar dessa construção. Se a filosofia tentasse influir diretamente na vida ativa por outro meio que não por essa sistematização, ela usurparia viciosamente a missão necessária da política, única árbitra legítima de toda evolução prática. Entre essas duas funções principais do grande organismo, o laço contínuo e a separação normal residem ao mesmo tempo na moral sistemática, que constitui naturalmente a aplicação característica da filosofia e o guia geral da política. Alhures explicarei como a moral espontânea, ou seja, o conjunto dos sentimentos que a inspiram, deve sempre dominar as pesquisas de uma e as empresas da outra, como já o indiquei em minha obra fundamental.

Essa grande coordenação, que caracteriza o ofício social da filosofia, não seria real e durável se não abarcasse o conjunto de seu triplo domínio, especulativo, afetivo e ativo. Consoante as reações naturais que unem intimamente essas três ordens de fenômenos, toda sistematização parcial seria necessariamente quimérica e insuficiente. Contudo, somente hoje a filosofia, ao atingir o estado positivo, pode, enfim, conceber dignamente a verdadeira plenitude de sua missão fundamental.

A sistematização teológica emanou espontaneamente da vida afetiva e deveu igualmente apenas a essa origem única sua preponderância inicial e sua dissolução final. Ela dominou, por muito tempo, as principais especulações, sobretudo durante a idade politeica, em que o raciocínio restringia

[72] O amor por princípio e a ordem por base; o progresso por fim (vejais: *Sistema de política positiva*, vol. I, p. 321, e *Catecismo positivista*, edição brasileira de 1934, p. 60).

ainda muito pouco o império primitivo da imaginação e do sentimento. Mas, até nessa época de seu maior surto mental e social, a vida ativa escapava-lhe essencialmente, salvo inevitáveis reações, mais relativas, ordinariamente, à forma do que ao fundo. Esta cisão natural, posto que primeiramente insensível, tendeu a seguir, por seu aumento contínuo, a dissolver radicalmente a construção inicial. Uma coordenação puramente subjetiva não podia concordar com a destinação necessariamente objetiva que caracteriza a existência prática, consoante sua invencível realidade. Enquanto uma representava todos os fenômenos como regidos por vontades mais ou menos arbitrárias, a outra impelia cada vez mais a concebê-las como sujeitas a leis invariáveis, sem as quais nossa atividade contínua não teria podido comportar nenhuma regra. Segundo essa impotência radical para realmente abarcar a vida ativa, a sistematização teológica deveu assim permanecer incompletíssima quanto à vida especulativa e até afetiva, cujo surto geral subordina-se, necessariamente, às principais exigências práticas. A existência humana não podia, então, ser plenamente sistematizada enquanto o regime teológico prevaleceu, posto que nossos sentimentos e nossos atos imprimiam então a nossos pensamentos dois impulsos essencialmente inconciliáveis. Seria, aliás, supérfluo apreciar aqui a inanidade necessária da coordenação metafísica que, malgrado suas pretensões absolutas, não pode jamais arrebatar à teologia o domínio afetivo e foi sempre menos apropriada para abarcar a vida ativa. No tempo de seu maior esplendor escolástico, a sistematização ontológica não saiu do domínio especulativo, até reduzido à vã contemplação abstrata de uma evolução puramente individual, por ser o espírito metafísico radicalmente incompatível com o modo de ver social. Demonstrei assaz, na minha obra fundamental[73], que esse espírito transitório sempre foi impróprio para realmente construir. Sua dominação excepcional comportava somente destinação revolucionária, para secundar a evolução preliminar da humanidade, pela decomposição, a pouco e pouco, do regime teológico que, depois de haver dirigido sozinho o surto inicial, deveu tornar-se, a todos os respeitos, irrevogavelmente retrógrado.

Porque todas as especulações positivas emanaram, primeiramente, da vida ativa, elas manifestaram, sempre, mais ou menos, sua aptidão característica para sistematizar a existência prática, que a coordenação primitiva não podia abranger. Posto que sua falta de generalidade e de ligação ainda entrave muito o desenvolvimento dessa propriedade, ela não impediu o sentimento universal. Apenas teorias diretamente relativas às leis dos fenômenos e destinadas a fornecer previsões reais são hoje apreciadas sobretudo como capazes de regularizar nossa ação espontânea sobre o mundo exterior. Eis por que o espírito positivo pode tornar-se cada vez mais teórico e tender a apropriar-se, pouco a pouco, de todo o domínio especulativo, sem perder, jamais, a aptidão prática inerente à sua origem, até quando prosseguia pesquisas verdadeiramente ociosas, escusáveis somente a título de exercícios lógicos. Desde seu primeiro surto matemático e astronômico, ele mostrou sua tendência a sistematizar o conjunto de nossas concepções, segundo a extensão contínua de seu princípio fundamental[74]. Esse novo princípio filosófico, após haver por muito tempo modificado cada vez mais o princípio teológico-metafísico, esforça-se, evidentemente, depois de Descartes e Bacon, por substituí-lo irrevogavelmente. Havendo assim tomado posse gradualmente de todos os estudos

[73] O *Curso de filosofia positiva*, em 6 volumes (1830 – 1842).

[74] Seu princípio fundamental é o de que os fenômenos ocorrem consoante a leis naturais, quer dizer, com uniformidade perceptível e que se verifica em meio à variedade das situações específicas em que eles se manifestam. Eles não ocorrem consoante a vontades divinas.

preliminares, doravante libertos do regime antigo, restava-lhe completar sua generalização[75] pela apropriação também do estudo final dos fenômenos sociais. Vedado ao espírito metafísico, esse estudo jamais pudera ser apreendido pelo espírito teológico senão indireta e empiricamente, como condição de governo. Ora, esse complemento decisivo foi, ouso dizê-lo, assaz realizado na minha elaboração fundamental para já tornar incontestável a aptidão do princípio positivo para coordenar toda a existência especulativa, sem cessar de desenvolver e até de fortalecer sua tendência inicial a regularizar também a vida ativa.

A coordenação positiva de todo o domínio intelectual encontra-se, assim, tanto mais bem assegurado quanto essa criação da ciência social, que completa o surto de nossas contemplações reais, imprime-lhes, imediatamente, o caráter sistemático que lhe faltava ainda e oferece-lhe o único laço universal que elas comportam.

Essa concepção já foi assaz adotada, pelo que nenhum verdadeiro pensador desconhece, doravante, a tendência necessária do espírito positivo a uma sistematização durável, que compreenda, ao mesmo tempo, a existência especulativa e a existência ativa. Mas tal coordenação estaria ainda longe de apresentar a plena universalidade sem a qual o positivismo ficaria impróprio para substituir o teologismo no governo espiritual da humanidade, porque ele não abrangeria a parte verdadeiramente preponderante de toda a existência humana, a vida afetiva. Somente ela fornece às duas outras impulsão e direção contínuas, em cuja falta seu próprio surto consumir-se-ia, logo, em contemplações viciosas ou, pelo menos, ociosas e em agitação estéril ou até perturbadora. A persistência dessa imensa lacuna tornaria, aliás, ilusória a dupla coordenação teórica e prática, pela privação do único princípio que lhe possa propiciar consistência real e durável. Tal impotência seria ainda mais grave do que a insuficiência necessária do regime teológico em relação à vida ativa, pois nem a razão nem até a atividade podem constituir a verdadeira unidade humana. Na economia individual e sobretudo coletiva, a harmonia só repousará no sentimento, como indicá-lo-á especialmente a quarta parte deste discurso. É à sua fonte espontaneamente afetiva que a teologia deveu sempre seu império essencial. Malgrado sua evidente caducidade, ela conservará assim, pelo menos em princípio, algumas legítimas pretensões à preponderância social, enquanto a nova filosofia não a houver despojado também deste privilégio fundamental. Tal é, então, a condição final de que nada pode dispensar a grande evolução moderna: a coordenação positiva, sem cessar de ser teórica e prática, deve também se tornar moral e tirar até do sentimento seu verdadeiro princípio de universalidade. Somente então ela poderá, enfim, preterir todas as pretensões teológicas e realizar melhor do que o regime antigo a destinação decisiva de toda doutrina geral, porque terá assim coordenado, pela primeira vez desde o início do surto humano, todos os aspectos fundamentais de nossa tripla existência. Se o positivismo não pudesse, com efeito, preencher essa inevitável condição, nenhuma sistematização seria doravante possível, pois o princípio positivo achar-se-ia, por um lado, bastante desenvolvido para neutralizar o princípio teológico e, por outro, permaneceria sempre

[75] *Regime antigo*: teológico-metafísico, explicação dos fenômenos pela intervenção de vontades sobrenaturais (divinas) ou pela manifestação de abstrações personificadas (pseudo-seres não mais divinos). Por exemplo: o sono decorre da intervenção de Morfeu, no politeísmo, e da virtude dormitiva, na metafísica. Atente-se em que metafísica, no léxico de Comte não é sinônimo genérico de filosofia, nem (etimologicamente) do que transcende o físico, o palpável; ela designa método, critério de entender os fenômenos e explicá-los, intermediário entre a teologia e a positividade. O positivismo não colima a supressão da filosofia, da subjetividade, do pensamento e sim a superação do que nomeia de metafísica no valor inovador que confere a esse substantivo, sentido em que Comte criou neologismo de acepção, ao usar vocábulo velho com sentido novo. — *Completar sua generalização*: generalizar o espírito positivo, aplicá-lo a todos os fenômenos, inclusivamente aos sociais, até então dominados pela teologia e pela metafísica.

incapaz de supremacia equivalente. Por isso, tantos observadores conscenciosos são hoje levados a desesperar do futuro social, pelo reconhecimento da impotência final dos antigos princípios do governo humano, sem perceberem o advento gradual de novas bases morais, por falta de teoria assaz real e assaz completa que lhes houvesse manifestado a verdadeira tendência definitiva da situação moderna. O caráter atual do princípio positivo parece justificar tal opinião, pois sua inaptidão para assenhorar-se do domínio afetivo deve, atualmente, parecer tão averiguado quão sua próxima preponderância na ordem ativa e até especulativa.

Porém, exame mais profundo retificará plenamente essa primeira apreciação: mostrará que a secura justamente censurada até aqui nas inspirações positivas deve-se somente à especialidade empírica de seu surto preliminar, sem ser, de modo nenhum, inerente à sua verdadeira natureza. Surgida, primeiramente, de impulsos materiais, e por muito tempo limitada aos estudos inorgânicos, a positividade é antipática ao sentimento por falta, ainda, de haver-se tornado assaz completa e assaz sistemática. Ao estender-se às especulações sociais, que devem formar seu principal domínio, ela aí perde necessariamente os diversos vícios próprios de sua longa infância. Por causa de sua própria realidade característica, a nova filosofia é levada a tornar-se ainda mais moral do que intelectual e a pôr na vida afetiva o centro de sua própria sistematização, para representar exatamente os direitos respectivos do espírito e do coração na verdadeira economia da natureza humana, seja individual, seja coletiva. A elaboração das questões sociais condu-la hoje a dissipar, radicalmente, as orgulhosas ilusões inerentes à sua preparação científica quanto à pretendida supremacia da inteligência. O positivismo sanciona a experiência universal, ainda mais do que o pôde fazer o catolicismo, e explica por que a felicidade privada e o bem público dependem mais do coração do que do espírito. Mas, além disso, o exame direto da questão da sistematização condu-lo a proclamar que a unidade humana não pode resultar senão da justa preponderância do sentimento sobre a razão e até sobre a atividade.

Nossa natureza caracteriza-se, ao mesmo tempo, pela inteligência e pela sociabilidade, pelo que nossa unidade parece, à primeira vista, poder estabelecer-se de dois modos diferentes, segundo a supremacia pertença a um ou ao outro atributo. Há, contudo, um só modo de sistematização, pois os dois atributos não são, nem de longe, igualmente suscetíveis de prevalecer. Seja que se considere a natureza própria de cada um deles ou que lhes comparemos as respectivas energias, podemos claramente reconhecer que a inteligência só comporta, realmente, por destinação durável, a de servir à sociabilidade. Quando, em lugar de constituir-lhe dignamente o principal ministro, ela aspira à dominação, não chega jamais a realizar suas orgulhosas pretensões, que só podem resultar em desastrosa anarquia.

Até na vida privada não pode reinar entre nossas diversas tendências harmonia contínua senão pela universal preponderância do sentimento que nos inspira a vontade sincera e habitual de fazer o bem. Esse pendor é, sem dúvida, como qualquer outro, essencialmente cego e necessita dos recursos da razão para conhecer os verdadeiros meios de satisfazer-se, da mesma forma como a atividade torna-se-lhe, em seguida, indispensável para aplicá-los. Mas a experiência diária prova, contudo, que tal impulso constitui, com efeito, a principal condição do bem porque, conforme o grau ordinário de inteligência e de energia que apresenta por natureza, essa estimulação perseverante basta para dirigir com fruto as pesquisas de uma e as empresas da outra. Privadas de tal móvel habitual, todas duas esgotar-se-iam necessariamente em tentativas estéreis ou incoerentes, e cairiam, em breve, em seu torpor inicial. Nossa existência moral somente comporta, então, verdadeira unidade tanto quanto a afeição domina ao mesmo tempo a especulação e a ação.

Posto que esse princípio fundamental convém bastante à vida individual, é a vida pública que mais lhe manifesta a irrecusável necessidade. Não é que a dificuldade aí mude realmente de natureza, nem que ela exija novas soluções; ela aí alcança grau bem mais apreciável, que não permite nenhuma incerteza sobre os meios. A independência mútua dos diversos seres que é preciso, então, congregar, mostra claramente que a primeira condição de seu concurso habitual consiste na sua própria disposição ao amor universal. Não há cálculos pessoais que possam, ordinariamente, substituir esse instinto social, nem pela subitaneidade e pela extensão das inspirações, nem pela ousadia e pela persistência das resoluções. Na verdade, as afeições benevolentes devem ser, mais freqüentemente, menos enérgicas, em si próprias, do que as afeições egoístas. Mas elas têm, necessariamente, essa admirável propriedade que a existência social permite e cujo desenvolvimento quase ilimitado provoca, enquanto comprime sem cessar seus antagonistas; também é sobretudo com base na tendência crescente das primeiras a prevalecer sobre as segundas que se deve mensurar o principal progresso da humanidade. Sua influência espontânea pode ser bastante secundada pela inteligência, quando ela aplica-se a consolidar a sociabilidade por melhor apreciação de suas verdadeiras relações naturais e a desenvolver seu exercício, esclarecido pela ajuda de indicações do passado sobre o futuro. É nesse nobre serviço que a nova filosofia faz consistir a principal destinação do espírito, a que ela assim fornece ao mesmo tempo incomparável consagração e campo interminável, bem mais próprio para satisfazê-lo profundamente do que seus vãos triunfos acadêmicos e suas pueris investigações atuais.

No fundo, as soberbas aspirações da inteligência à dominação universal, desde que a grande unidade teológica foi irrevogavelmente rompida, não puderam jamais comportar nenhuma realização e só eram suscetíveis de eficácia insurrecional contra um regime que se tornara retrógrado. O espírito não é destinado a reinar, mas a servir: quando crê dominar, ele entra a serviço da personalidade, em lugar de secundar a sociabilidade, sem que possa, de modo nenhum, dispensar-se de assistir uma paixão qualquer. Com efeito, o comando real exige força acima de tudo, e a razão só tem luzes; é mister que a impulsão lhe venha de alhures. As utopias metafísicas, bastante acolhidas pelos cientistas modernos, sobre a pretendida perfeição de uma vida puramente contemplativa, constituem orgulhosas ilusões, quando não cobrem artifícios culposos. Por mais real que seja, sem dúvida, a satisfação ligada à descoberta da verdade, ela jamais tem intensidade bastante para dirigir o comportamento habitual; a impulsão de uma paixão qualquer é até indispensável à nossa fraca inteligência para determinar e sustentar quase todos os seus esforços. Se essa inspiração emana de uma afeição benevolente, nela atentamos como sendo ao mesmo tempo mais rara e mais estimável; sua vulgaridade impede, ao contrário, de distingui-la quando é devida aos motivos pessoais de glória, ambição ou cupidez: tal é, no fundo, a única diferença ordinária. Ainda quando a impulsão mental resultasse, com efeito, de um tipo de paixão excepcional pela verdade pura, sem nenhuma mistura de orgulho nem de vaidade, esse exercício ideal, desprendido de qualquer destino social, não cessaria de ser profundamente egoísta. Logo terei ocasião de indicar como o positivismo, ainda mais severo do que o catolicismo, imprime necessariamente enérgica reprovação a tal tipo metafísico ou científico, em que o verdadeiro modo de ver filosófico faz profundamente reconhecer um culpável abuso das facilidades que a civilização proporciona, para outro fim, à existência contemplativa.

É assim que o princípio positivo, espontaneamente emanado da vida ativa e sucessivamente estendido a todas as partes essenciais do domínio especulativo, encontra-se, em sua plena maturidade, inevitavelmente conduzido, por conseqüência natural de sua realidade característica, a abarcar também o conjunto da vida afetiva, em que ele põe, assim, o único centro de sua sistematização final.

O positivismo erige, então, doravante, em dogma fundamental, ao mesmo tempo filosófico e político, a preponderância contínua do coração sobre o espírito.

Sem dúvida, essa indispensável subordinação, única base possível da unidade humana, fora organizada, posto que empiricamente, pelo regime teológico, como observei acima. Mas, por uma fatalidade própria do estado inicial, essa primeira organização encontrava-se necessariamente afetada por um vício radical que não lhe permitia senão destino provisório, porque ela devia logo tornar-se profundamente opressiva para a inteligência, que aí só pode manifestar-se modificando-a cada vez mais, de maneira que termina por dissolvê-la, como resultado geral desta inevitável insurreição de vinte séculos que, aliás, naturalmente desenvolveu as anárquicas utopias do orgulho metafísico e científico. Com efeito, se o coração deve sempre formular as questões, é ao espírito que sempre pertence resolvê-las: tal é o verdadeiro sentido que o positivismo vem estabelecer, pela sistematização, doravante, do princípio necessário de toda economia individual ou coletiva. Ora, a impotência primitiva do espírito, que não podia preencher dignamente seu ofício senão por longa e difícil preparação, primeiramente obrigou o coração a substituí-lo aí: supriu a falta de noções objetivas pelo surto espontâneo de suas inspirações subjetivas, sem as quais toda a evolução humana, tanto mental quanto social, permaneceria indefinidamente impossível, como o explica meu *Sistema de filosofia positiva*. Mas esse império absoluto, por muito tempo indispensável, não podia, a seguir, evitar de tornar-se hostil ao desenvolvimento próprio da razão, à medida que esta chegou a esboçar concepções fundadas em apreciação mais ou menos real do mundo exterior. Tal é, em geral, a principal fonte direta das grandes modificações sucessivamente sobrevindas no conjunto das crenças teológicas. Depois de que esse sistema sofreu todos os melhoramentos compatíveis com sua natureza fundamental, o conflito intelectual, que se tornou mais grave e mais rápido pelo surto decisivo dos conhecimentos positivos, tomou caráter cada vez mais retrógrado, de um lado, e revolucionário, de outro, pela impossibilidade, cada vez mais sentida, de conciliar dois regimes assim opostos. Tal é, sobretudo, o caráter da situação atual, em que a antiga dominação da teologia, se ela fosse suscetível de restauração, constituiria diretamente profunda degradação intelectual, e até por conseqüência, moral, pois regraria unicamente consoante a nossos desejos e nossas conveniências todas as nossas opiniões sobre a verdade exterior. Assim a humanidade não pôde dar nenhum passo decisivo sem renunciar totalmente ao princípio teológico que no Ocidente só conserva como eficácia essencial a de manter, por sua resistência necessária, a verdadeira formulação da questão principal. Isso obriga, assim, a nova sistematização a concentrar-se, enfim, na vida afetiva, malgrado os preconceitos e os hábitos próprios da imensa transição revolucionária que dura desde o fim da Idade Média. Mas o positivismo, que preenche, ainda melhor do que qualquer teologismo, essa condição fundamental de toda organização, termina necessariamente a longa insurreição do espírito contra o coração porque, por decisão ao mesmo tempo espontânea e sistemática, ele atribui à inteligência a livre participação total que lhe pertence no conjunto da vida humana. Pela interpretação positiva do grande princípio orgânico, o espírito só deve essencialmente tratar das questões formuladas pelo coração para a justa satisfação final de nossas diversas necessidades. A experiência já mostrou bastante que, sem essa regra indispensável, o espírito seguiria quase sempre sua inclinação involuntária em direção das especulações ociosas ou quiméricas que são, simultaneamente, mais numerosas e mais fáceis. Mas, em suas elaborações quaisquer de cada assunto assim proposto, o espírito deve ser o único juiz, seja da conveniência dos meios, seja da realidade dos resultados. É unicamente a ele que pertence apreciar o que é para prever o que será e descobrir os procedimentos de melhoramento. Em uma palavra, o espírito deve sempre ser o ministro do coração e jamais seu escravo. Tais são as condições

correlativas da harmonia final instituída pelo princípio positivo. Pouco se deve temer que elas sejam gravemente perturbadas, posto que os dois elementos desse grande equilíbrio encontrar-se-ão logo dispostos naturalmente a mantê-lo, como igualmente favorável a cada um deles. Os hábitos insurrecionais da razão moderna não autorizam a supor-lhe caráter indefinidamente revolucionário, uma vez que suas legítimas reclamações encontrar-se-ão largamente satisfeitas. Aliás, se preciso, os meios não faltariam ao novo regime para assaz reprimir as pretensões subversivas, como em breve terei ocasião de ressaltar. Por outro lado, a nova dominação do coração não se tornaria jamais, como a antiga, seriamente hostil ao espírito, pois o verdadeiro amor demanda sempre esclarecer-se a respeito dos meios reais de alcançar seu escopo: o reino do verdadeiro sentimento deve ser habitualmente tão favorável à sã razão quanto à sábia atividade.

Eis como uma doutrina que não comporta hipocrisia nem opressão, vem hoje, como resultado geral de diversas evoluções anteriores, regenerar, ao mesmo tempo, a ordem pública e a privada, cada vez mais comprometidas por situação radicalmente anárquica. Ela liga, para sempre, a verdadeira filosofia e a sã política pelo mesmo princípio fundamental, não menos suscetível de ser sentido do que de ser demonstrado e que é tão próprio para tudo sistematizar quão para tudo reger. Esse grande dogma positivista da preponderância universal do coração sobre o espírito será, aliás, representado, na quinta parte deste Discurso, como tão capaz de aptidão estética quanto de poder filosófico e de eficácia social. Terminar-se-á, assim, de compreender a possibilidade de tudo concentrar doravante em torno de um princípio único, ao mesmo tempo moral, racional e poético, somente ele adequado para terminar realmente a mais profunda revolução da humanidade. Cada um já pode averiguar aqui que a força essencialmente moderna da demonstração, ainda dissolvente a tantos respeitos, santifica-se necessariamente em sua plena maturidade, pois recebe irrevogavelmente da nova impulsão geral importante destino orgânico, que futuro próximo desenvolverá bastante. Posso, então, sem nenhum exagero, concluir, do conjunto das indicações precedentes que, malgrado sua origem puramente teórica, doravante o positivismo convém tanto às almas enternecidas quanto aos espíritos meditativos e aos caracteres enérgicos.

Tendo, assim, determinado a natureza e o princípio da sistematização total que devem, agora, construir os verdadeiros filósofos, resta-me caracterizar-lhe a marcha necessária e, a seguir, o nó fundamental.

Posto que essa construção só possa convir à sua destinação pelo abarcamento de seu triplo domínio, especulativo, afetivo e ativo, suas três partes essenciais não seriam constituídas, contudo, ao mesmo tempo, sem que sua inevitável sucessão alterasse, de modo nenhum, sua solidariedade espontânea, posto que ela resulta, ao contrário, de justa apreciação de sua mútua dependência. Importa reconhecer, com efeito, que os pensamentos devem ser sistematizados antes dos sentimentos e estes antes dos atos. É, sem dúvida, por instinto confuso dessa ordem necessária que os filósofos haviam até aqui limitado apenas à existência contemplativa o domínio geral da sistematização humana.

A inevitável obrigação de coordenar, antes de tudo, as idéias, não resulta somente de que sua combinação é mais fácil e comporta mais perfeição, de maneira que constitui útil preparação lógica ao resto da grande síntese. Aprofundando mais este assunto, descobre-se um motivo mais decisivo e menos saliente, que apresenta este preâmbulo, contanto que ele seja completo, como base necessária do conjunto da construção, que felizmente não pode mais oferecer, em seguida, nenhuma dificuldade de primeira ordem, pelo menos se nos limitarmos com sabedoria ao grau de coordenação que exige realmente sua destinação final.

Essa importância preponderante da simples sistematização intelectual parece, primeiramente, contrária à fraca energia das funções correspondentes na economia total de nossa verdadeira natureza, em que o sentimento e a atividade contribuem certamente bastante mais do que a pura razão para cada resultado habitual. Se se tenta resolver esta espécie de paradoxo, é-se conduzido a discernir, enfim, em que consiste o nó fundamental do grande problema da unidade humana.

Com efeito, tal unidade exige primeiramente um princípio necessariamente subjetivo que foi, acima, posto na preponderância contínua do coração sobre o espírito, sem a qual nem a existência coletiva, nem até a simples existência individual comportariam nenhuma harmonia durável, por falta de impulsão assaz enérgica para fazer habitualmente convergir as numerosas tendências, heterogêneas e amiúde opostas, de organismo assim complexo. Mas essa indispensável condição interior estaria longe de bastar se, ao mesmo tempo, o mundo exterior não nos oferecesse espontaneamente uma base objetiva, independente de nós, na ordem geral dos diversos fenômenos que regem a humanidade e cuja evidente preponderância pode permitir ao sentimento de amor disciplinar as inclinações discordantes, quando a inteligência descortinou-nos o verdadeiro conjunto de nosso destino. Tal é a principal missão do espírito, dignamente consagrado, doravante, ao serviço do coração pela teoria positiva da sistematização humana.

Se, no início deste discurso, apresentei essa construção como inevitavelmente insuficiente e até quimérica enquanto permanecesse parcial, devo agora acrescentar, para completar o grande programa filosófico, que ela não deve mais permanecer insulada e até que a harmonia subjetiva seria impossível sem um liame objetivo. Primeiramente, esta coordenação puramente interior, supondo-a realizada à parte, não comportaria, evidentemente, quase nenhuma eficácia habitual para nossa verdadeira felicidade privada ou pública, que depende muito das relações de cada um com o conjunto dos seres reais. Mas, além disso, pela extrema imperfeição de nossa natureza, as tendências discordantes do egoísmo fundamental são, em si próprias, a tal ponto superiores às disposições simpáticas da sociabilidade que essas não poderiam jamais prevalecer sem o ponto de apoio que elas encontram em uma economia exterior que necessariamente provoca seu surto contínuo, enquanto ela comprime a influência de seus antagonistas.

Para apreciar assaz essa reação indispensável, é mister conceber que a ordem exterior abarca, com o mundo propriamente dito, o conjunto de nossos próprios fenômenos que, embora mais modificáveis do que todos os demais, são, contudo, sujeitos também a invariáveis leis naturais, principal objeto de nossas contemplações positivas. Ora, nossas afeições benevolentes encontram-se espontaneamente conforme às leis que regem diretamente a sociabilidade e dispõe-nos, aliás, a respeitar todas as outras, tão logo nossa inteligência descobre-lhes o império. A harmonia afetiva, até privada e sobretudo pública, só é então possível pela evidente necessidade de subordinar a existência humana à influência exterior que, só ela, torna disciplináveis nossos instintos egoístas, cuja preponderância neutralizaria facilmente nossas impulsões simpáticas, se essas não encontrassem no exterior esse apoio fundamental, que somente a razão pode pôr ao serviço do sentimento para regular a atividade.

É assim que a sistematização intelectual, essencialmente relativa ao grande espetáculo natural, adquire necessariamente importância superioríssima a suas próprias exigências teóricas, ordinariamente tão fracas, até nos mais contemplativos. Nesse sentido, a síntese especulativa resolve logo a principal dificuldade que apresenta a síntese afetiva, pela associação de nossas melhores impulsões interiores a poderoso estímulo exterior, que lhe permite assaz conter nossos pendores discordantes para estabelecer a harmonia habitual que elas sempre perseguem, mas que não poderiam

jamais realizar sem tal socorro contínuo. Sabemos, aliás, que esta concepção geral da ordem natural constitui diretamente a base indispensável de toda sistematização real dos atos humanos, que não comportam eficácia senão em virtude de sua conformidade permanente com o conjunto dessa irresistível economia: essa parte de nossa grande demonstração já é hoje tão familiar que estou aqui dispensado de indicá-la mais. Quando a síntese especulativa houver permitido perfazer a síntese afetiva, é claro que a síntese positiva não poderá mais oferecer novas dificuldades maiores, posto que a unidade de impulsão acabará de instituir a unidade de ação já preparada pela de concepção. Eis como toda a sistematização humana depende, finalmente, da simples coordenação mental, que deve primeiramente parecer em si própria pouco decisiva.

A seu princípio subjetivo, a preponderância do sentimento, o positivismo associa, então, uma base objetiva, a imutável necessidade exterior; somente ela permite realmente subordinar à sociabilidade o conjunto de nossa existência. A superioridade da nova sistematização sobre a antiga é ainda mais evidente à essa segunda luz do que à primeira. O liame objetivo resultava, no teologismo, da crença espontânea nas vontades sobrenaturais. Ora, por mais realidade que então se atribuísse a essa ficção, sua fonte permanecia subjetiva, o que devia tornar-lhe bastante confusa e mobilíssima a eficácia habitual. A disciplina correspondente não podia ser comparável em evidência, energia nem estabilidade, à que comporta a noção contínua de uma ordem verdadeiramente exterior, confirmada, malgrado nós, por toda nossa existência.

Esse dogma fundamental do positivismo deve ser concebido, não como produto instantâneo de uma inspiração geral, mas como resultado gradual de uma imensa elaboração especial, que começou com o primeiro exercício da razão humana e que mal está terminada hoje nos seus órgãos mais avançados. Ele constitui a mais preciosa aquisição intelectual do conjunto da humanidade e preparou com esforço, durante sua longa infância, o único regime que lhe convém, finalmente, à verdadeira natureza. Em todos os casos fundamentais, ele só é demonstrável pela observação, salvo a extensão por analogia. Ele jamais comporta provas dedutivas senão quanto aos fenômenos evidentemente compostos dos em que ele já foi averiguado. É assim, por exemplo, que somos logicamente autorizados a aceitar, em geral, leis meteorológicas, conquanto sua maior parte ainda seja ignorada e deva talvez permanecer sempre desconhecida, pois tais ocorrências não resultam, certamente, senão de concurso de influências naturais, astronômicas, físicas, químicas, *etc.*, de que cada uma foi reconhecida como sendo sujeita à ordem invariável. Mas, em relação a todos os fenômenos verdadeiramente irredutíveis a outros, somente uma indução especial pode determinar, a tal respeito, nossa convicção: como poderia ser deduzido um princípio necessariamente destinado a fornecer a base tácita de toda dedução real? Eis por que este dogma, tão estranho a nosso regime inicial, exigiu tão longa preparação, de que os mais eminentes pensadores não podiam, eles próprios, dispensar-se. Quando as concepções metafísicas pareceram antecipar-se a tal propósito às verificações indispensáveis, sua eficácia resultou apenas, no fundo, de sua aptidão provisória para generalizar, de maneira mais ou menos confusa, as analogias espontaneamente suscitadas pela descoberta efetiva de leis naturais em relação aos mais simples fenômenos. Essas antecipações dogmáticas até permaneceram sempre muito equívocas e, sobretudo, muitíssimo estéreis, enquanto não puderam ser ligadas a nenhum esboço especial de teoria verdadeiramente positiva. Assim, malgrado o poder aparente de tais argumentações, tão familiares à razão moderna, o verdadeiro sentimento da ordem exterior encontra-se ainda profundamente insuficiente nos melhores espíritos, por falta de conveniente verificação em relação aos fenômenos mais complicados e mais importantes, salvo o pequeníssimo número de pensadores que já aceitam como definitiva minha descoberta

fundamental das principais leis sociológicas. A incerteza que subsiste, assim, relativamente a um estudo intimamente ligado a todos os outros, exerce, aliás, nestes, tenebrosa reação, que altera gravemente a noção da invariabilidade até nos mais simples assuntos, como o testemunha, por exemplo, a aberração radical de quase todos os geômetras atuais quanto ao pretendido cálculo das possibilidades, em que se supõe, necessariamente, que os fatos correspondentes não seguem nenhuma lei. Esse grande dogma não podia então ser, em um caso qualquer, solidamente estabelecido senão tanto quanto sua verificação especial se estendesse a todas as categorias essenciais de fenômenos elementares. Mas essa difícil condição encontra-se assaz preenchida, hoje, nos pensadores verdadeiramente no nível de seu século: podemos, finalmente, constituir diretamente a unidade humana sobre essa base objetiva, doravante inabalável: todos os acontecimentos reais, inclusivamente os de nossa própria existência individual e coletiva, são sempre sujeitos a relações naturais de sucessão e similitude, essencialmente independentes de nossa intervenção.

Tal é o fundamento exterior da grande síntese, tanto afetiva e ativa quanto puramente especulativa, constantemente relativa à ordem imutável. Sua apreciação real constitui o principal objeto de nossas contemplações, sua preponderância necessária regra o surto geral de nossos sentimentos e seu melhoramento gradual determina o fito contínuo de nossas ações. Para melhor apreender-se-lhe a influência, bastaria supor, por um momento, sua cessação efetiva: então nossa inteligência consumir-se-ia em divagações desenfreadas, logo seguidas de incurável torpor; nossos melhores pendores não mais conteriam a influência espontânea dos instintos menos nobres; nossa atividade não resultaria senão em incoerente agitação. Ainda que essa ordem tenha sido por muito tempo ignorada, seu inevitável império tendeu sempre a regular, sem que o soubéssemos, toda nossa existência, primeiramente ativa e, por conseqüência, contemplativa e até afetiva. Á medida que a fomos conhecendo, nossas concepções tornaram-se menos vagas, nossas inclinações menos caprichosas e nosso comportamento menos arbitrário. Desde que lhe apreendemos o conjunto, ele tende a regularizar, em todos os gêneros, a sabedoria humana, pela representação, sempre, de nossa economia artificial como judicioso prolongamento da irresistível economia natural, que é preciso primeiramente estudar e respeitar para chegar a melhorá-la. Até no que ela nos oferece de verdadeiramente inexorável, ou seja, de imodificável, essa ordem exterior é indispensável para a direção de nossa existência, malgrado as superficiais recriminações de tantas orgulhosas inteligências. Se, por exemplo, supõe-se o homem subtraído à necessidade de residir na Terra e livre de modificar a seu bel-prazer o planeta de sua morada, toda noção de sociedade encontrar-se-ia imediatamente destruída pelas tendências vagabundas e inconciliáveis a que se entregariam assim as diversas individualidades. A irresolução e a inconseqüência, inerentes à multiplicidade e à mediocridade de nossos pendores, não nos permitem comportamento perseverante e unânime senão em virtude dessas insuperáveis exigências, sem as quais nossa fraca razão, malgrado seus vãos murmúrios, não chegará, jamais, a terminar suas confusas deliberações. Impróprios para criá-la, não sabemos senão modificar, com vantagem nossa, uma ordem essencialmente superior à nossa influência. Supondo possível a independência absoluta, com que tanto sonhou o orgulho metafísico, sente-se logo que, longe de melhorar nosso destino, ela impediria todo surto real de nossa existência, até privada. O principal artifício do aperfeiçoamento humano consiste, ao invés, em diminuir a indecisão, a inconseqüência e a divergência de nossos desígnios quaisquer, pela ligação a motivos exteriores os de nossos hábitos intelectuais, morais e práticos, que emanaram, primeiramente, de fontes puramente interiores, porque todos os liames mútuos de nossas diversas tendências são

incapazes de assegurar-lhes a fixidez, até que eles encontrem, no exterior, ponto de apoio inacessível à variações espontâneas.

Mas, qualquer que já seja a feliz eficácia do dogma positivista, até no que a ordem natural nos oferece de imutável, devemos, sobretudo, considerar as modificações artificiais de que essa economia fundamental é suscetível, a tantos respeitos, posto que elas fornecem a principal destinação de toda a nossa atividade. Os mais simples de todos os fenômenos, os de nossa existência planetária, são de fato os únicos que não podemos, de modo nenhum, modificar. Embora, desde que lhes conhecemos as leis, concebemos-lhes facilmente diversos melhoramentos, nosso poder físico, por maior que venha a ser, permanecerá sempre incapaz de mudá-los. Pertence-nos, ao contrário, dispor nossa existência para suportarmos o melhor possível essas irresistíveis condições gerais, cuja superior simplicidade permite-nos efetuarmos previsões mais precisas e longínquas. Sua apreciação positiva, de que dependeu, sobretudo, a longa evolução preparatória de nossa inteligência, fornecer-nos-á sempre a fonte mais clara e mais decisiva do verdadeiro sentimento da imutabilidade. Se seu estudo muito exclusivo tende ainda a impelir-nos ao fatalismo, essa influência, doravante regrada por educação mais filosófica, pode facilmente concorrer para nosso próprio melhoramento moral; ela dispõe-nos melhor a uma sábia resignação em relação a todos os males verdadeiramente inevitáveis.

Em todo o resto da ordem exterior, sua invariabilidade fundamental se concilia sempre com suas modificações secundárias. Elas tornam-se mais profundas e mais multiplicadas à medida que a complicação crescente dos fenômenos permite à nossa fraca intervenção melhor alterar os resultados devidos ao concurso de influências mais diversas e mais acessíveis, como tanto o explicou meu *Sistema de filosofia positiva*. Conforme ao espírito dessa mesma obra, nossa intervenção adquire assim tanto mais eficácia quanto as leis naturais referem-se mais à nossa própria existência, seja individual, seja coletiva. Quanto a esta, sobretudo, as modificações comportam tal extensão que contribuirão bastante para manter ainda o erro vulgar que representa estes fenômenos como libertos de toda regra imutável.

Para completar tal apreciação geral do dogma positivista, importa acrescentar que a aptidão crescente da ordem exterior para sofrer a intervenção humana combina-se, necessariamente, com sua maior imperfeição, de que ela constitui assim uma espécie de compensação espontânea, preciosíssima, ainda que muito insuficiente, porque esses dois caracteres resultam igualmente da complicação gradual da economia natural. O próprio regime astronômico é imperfeitíssimo, malgrado sua simplicidade superior que, aliás, torna-nos irrecusáveis seus diversos inconvenientes, cuja sumária consideração merece séria atenção. Ainda que não possamos aí levar nenhum remédio, essa vista preserva-nos de uma estúpida admiração e pode utilmente concorrer para fixar a atitude definitiva da humanidade em presença de dificuldades de todos os gêneros que caracterizam seu verdadeiro destino. Ela tende, sobretudo, a descartar radicalmente a vã pesquisa do bem absoluto, que entrava tanto a sábia pesquisa de melhoramentos reais.

Relativamente a todos os outros fenômenos, a imperfeição crescente da economia natural determina, incessantemente, ativa estimulação de toda a nossa existência positiva, tanto moral e mental quão puramente prática: chama-nos sempre para consolarmos os males que podemos, com efeito, adoçar bastante pelo judicioso concurso de nossos esforços contínuos. É sobretudo assim que a humanidade pode desenvolver caráter de firmeza e dignidade sempre estranho à sua longa infância teológica. Para qualquer um que se eleve hoje ao verdadeiro modo de ver o futuro social, a concepção do homem que se tornou, sem escrúpulo e sem jactância, o único árbitro, entre certos limites, do conjunto de seu destino, constitui, seguramente, noção muito mais satisfatória, a todos os respeitos,

do que a antiga ficção providencial que nos supunha sempre passivos. Tal apreciação habitual tende diretamente a fortificar o liame social, em que é assim conduzido a ver seu principal recurso privado contra as misérias gerais da condição humana. Por excitar nossos melhores sentimentos, ela faz-nos, assim, melhor apreender a importância da principal cultura intelectual, dirigida a seu verdadeiro destino. Ainda que essa feliz influência tenha sempre aumentado entre os modernos, ela foi até aqui muito restrita e muito empírica para que dela se possa formar idéia justa, de outro modo que não seja antecipação do futuro humano, por meio de sã teoria histórica, pois nossa arte sistemática não compreende ainda esta parte da economia fundamental que, sendo ao mesmo tempo mais modificável e mais imperfeita, tanto quanto mais importante, deve constituir, a todos os respeitos, o principal objeto de nossa permanente solicitude. A arte médica propriamente dita começa apenas a sair de seu ramerrão inicial. Quanto à arte social, seja moral, seja política, permanece nele a tal ponto mergulhada que a maior parte dos homens de Estado até contesta a possibilidade de ela dele ser retirada, ainda que comporte, mais do que nenhuma outra, sistematização real que, somente ela, permitirá racionalizar todo o restante de nossa existência prática. Porém essas vistas limitadas só condizem hoje com o sentimento muito incompleto da realidade das leis naturais em relação aos mais eminentes fenômenos. Quando a ordem fundamental é dignamente reconhecida no seu verdadeiro conjunto, a concepção habitual da arte torna-se necessariamente tão estendida e tão homogênea quanto a da ciência; nenhum bom espírito pode, então, contestar que nossa existência social constitua doravante o principal domínio de ambos.

O serviço geral da inteligência em relação à sociabilidade não se limita a fazer-lhe conhecer a economia natural de que ela deve aceitar o inevitável império. Para que essa determinação teórica possa guiar nossa atividade, é mister acrescentar-lhe a exata apreciação dos diversos limites de variação próprios dessa ordem exterior e a de suas principais imperfeições: somente esses dois dados gerais permitem caracterizar e circunscrever nossa sábia intervenção. A crítica positiva da natureza constituirá então, sempre, importante atribuição da sã filosofia, embora a intenção anti-teológica que a inspirou primeiramente já haja cessado de oferecer algum interesse maior, por conseqüência de sua irrevogável eficácia. Sem se ocupar com uma luta qualquer, conceber-se-á, doravante, tal exame como destinado a melhor formular o conjunto da questão humana. Ele se liga diretamente ao fito contínuo de toda nossa existência no regime positivo, pois o aperfeiçoamento supõe, primeiramente, a imperfeição. Essa correlação geral torna-se sobretudo necessária em relação à nossa própria natureza, pois a verdadeira moralidade exige um profundo sentimento habitual de nossos vícios espontâneos.

Todas essas indicações caracterizam assaz a condição fundamental pela qual a grande sistematização humana, sem cessar de ser essencialmente afetiva por seu princípio subjetivo, deve finalmente depender de uma operação especulativa, única capaz de fornecer-lhe base objetiva, por ligá-la ao conjunto da economia exterior a cujo império a humanidade sujeita-se e que modifica. Malgrado as dificuldades próprias de tal explicação, ela basta para o fito deste discurso, simples prelúdio de tratado completo. Ela faz diretamente apreciar o nó essencial da verdadeira teoria da evolução humana, ao mesmo tempo individual e coletiva, pois todo esboço decisivo deste assunto final completa, imediatamente, a noção geral da ordem natural e erige-a em dogma fundamental de sistematização universal, gradualmente preparada pelo conjunto do movimento moderno. O concurso espontâneo dos trabalhos científicos próprios dos três últimos séculos só deixou, a esse respeito, lacuna capital quanto aos fenômenos morais e sobretudo sociais. Demonstrando a existência, aí também, de leis invariáveis, por uma primeira coordenação total do passado humano, a razão

moderna termina sua laboriosa iniciação e desde logo constrói seu regime final, por sua elevação ao único modo de ver que possa tudo abarcar.

Tal foi o duplo fito da elaboração fundamental com que, como o confessam os principais pensadores atuais, completei e coordenei o conjunto da filosofia natural, mediante o estabelecimento da lei geral da evolução humana, tanto social quanto intelectual. Não devo retornar aqui a esta grande lei, que já não é mais contestada e que, aliás, encontrará seu lugar dogmático no terceiro volume deste novo tratado. Ela proclama, como se sabe, a passagem necessária de todas as nossas especulações quaisquer por três estados sucessivos: primeiramente, o estado teológico, em que dominam francamente ficções espontâneas, que não comportam nenhuma prova; a seguir, o estado metafísico, que caracteriza sobretudo a preponderância habitual de abstrações personificadas ou entidades; enfim, o estado positivo, sempre fundado na exata apreciação da realidade exterior. O primeiro regime, conquanto puramente provisório, constitui, em toda parte, nosso único ponto de partida; o terceiro, único definitivo, representa nossa existência normal; quanto ao segundo, somente comporta influência modificadora ou antes dissolvente, que o destina somente a dirigir a transição de uma constituição para outra. Tudo começa, com efeito, por inspiração teológica e resulta na demonstração positiva; transita pela argumentação metafísica. É assim que uma mesma lei geral permite-nos, doravante, abarcar ao mesmo tempo o passado, o presente e o futuro da humanidade.

A essa lei de filiação, meu *Sistema de filosofia positiva* sempre associou a lei da classificação, cuja aplicação dinâmica fornece o segundo elemento indispensável de minha teoria da evolução, pela determinação da ordem necessária segundo a qual nossas diversas concepções participam de cada fase sucessiva. Sabe-se que essa ordem é regulada pela generalidade decrescente dos fenômenos correspondentes ou, o que resulta no mesmo, por sua complicação crescente: disso resulta sua dependência espontânea em relação a todos os que são mais simples e menos especiais. A hierarquia fundamental de nossas especulações reais consiste, assim, em sua classificação natural em seis categorias elementares: matemática, astronômica, física, química, biológica e, finalmente, sociológica, de que cada uma passa antes da seguinte pelos diferentes modos essenciais da evolução total, que só ofereceria caráter vago e confuso sem o uso contínuo de tal classificação.

Uma teoria formada pela íntima combinação dessa lei estática com a lei dinâmica parece, desde logo, não concernir senão ao movimento intelectual da humanidade. Mas as explicações indicadas acima afiançam-nos, de antemão, sua aptidão necessária para abarcar também o desenvolvimento social, cujo andamento geral deveu sempre depender de nossas concepções elementares sobre o conjunto da economia natural. A parte histórica de minha grande obra demonstrou, com efeito, a correspondência contínua entre a evolução ativa e a evolução especulativa, cujo concurso normal devia regular a evolução afetiva. Essa extensão decisiva da teoria fundamental exige apenas que se lhe junte um terceiro complemento essencial, diretamente relativo ao surto temporal da humanidade. Ele consiste, como se sabe, na sucessão necessária dos diversos caracteres principais da atividade humana, primeiramente conquistadora, depois defensiva e finalmente industrial. Sua solidariedade natural com a preponderância respectiva do espírito teológico, do espírito metafísico e do espírito positivo explica imediatamente o conjunto do passado e sistematiza sem esforço a única concepção histórica que é diretamente sancionada pela razão pública, ou seja, a distinção geral entre a Antigüidade, a Idade Média e o estado de coisas moderno.

Para finalmente fundar a ciência social, bastaria então estabelecer irrevogavelmente a teoria da evolução, pela combinação da lei dinâmica que a caracteriza com, primeiramente, o princípio estático que a consolida e, a seguir, com a extensão temporal que a completa. Essa fundação decisiva

acaba de constituir o conjunto da filosofia natural; ela dispensa, para sempre, a distinção provisória que, desde Aristóteles e Platão, separava-a profundamente da filosofia moral. O espírito positivo, por muito tempo limitado aos mais simples fenômenos inorgânicos, termina então sua difícil iniciação, por sua extensão até às especulações mais complicadas e mais importantes, doravante libertas de todo regime teológico ou metafísico. Todas as nossas concepções reais tornaram-se, assim, homogêneas, pelo que a unidade especulativa tende imediatamente a estabelecer-se espontaneamente, de maneira que forneça base objetiva sólida para a sistematização total que constitui o fito característico da verdadeira filosofia, de realização até aqui impossível, por falta de elementos suficientes.

Sentir-se-á como a principal dificuldade dessa síntese definitiva consistia, ouso dizê-lo, no descobrimento de minha teoria fundamental da evolução humana, se considerarmos que tal teoria, ao mesmo tempo em que completa e coordena essa base objetiva, subordina-a espontaneamente ao princípio subjetivo, que deve sempre dirigir o conjunto da construção filosófica. Apreciando assim a ordem universal, a inteligência, bastante altaneira de um ofício indispensável que somente ela pode desempenhar, é amiúde disposta a desconhecer sua destinação necessária ao serviço contínuo da sociabilidade; ela tende a seguir livremente seu pendor natural em direção às divagações especulativas, tão fortificadas hoje pelos hábitos empíricos próprios do surto preliminar das especialidades positivas. É mister, então, que a inspiração subjetiva conduza-a, incessantemente, à sua verdadeira vocação: impedirá suas contemplações de tomarem caráter absoluto e extensão ilimitada que reproduzam, em forma científica, os principais inconvenientes do regime teológico-metafísico. O universo deve de ser estudado, não por si próprio, mas para o homem ou, antes, para a humanidade. Todo outro desígnio seria, no fundo, tão pouco racional quanto pouco moral, pois é somente como subjetivas e jamais como puramente objetivas que nossas especulações reais podem ser verdadeiramente satisfatórias, quando elas se limitam a descobrir, na economia exterior, as leis que, de maneira mais ou menos direta influem, de fato, em nossos destinos. Fora desse domínio, determinado pela sociabilidade, nossos conhecimentos permanecerão sempre tão imperfeitos quão ociosos, até em relação aos mais simples fenômenos, como o testemunha a astronomia. Sem a constante preponderância do sentimento, o espírito positivo regressaria logo às predileções espontâneas de sua longa infância, pelas contemplações mais afastadas do homem, que são também as mais fáceis. Enquanto sua iniciação permaneceu incompleta, essa tendência natural a prosseguir indistintamente todas as pesquisas verdadeiramente acessíveis pôde ser justificada pela eficácia lógica que comportaria a maior parte das que eram desprovidas de toda utilidade científica. Mas, desde que o método positivo acha-se assaz desenvolvido para dever ser diretamente aplicado à sua verdadeira destinação, esses exercícios ociosos prolongam viciosamente o regime preliminar. Essa vaga anarquia especulativa toma até caráter cada vez mais retrógrado, pois tende a destruir os principais resultados obtidos pelo espírito de pormenor, enquanto ele foi verdadeiramente progressivo.

A construção da base objetiva indispensável à grande síntese suscita, então, dificuldade gravíssima, para conciliar a liberdade habitual, sem a qual a inteligência não poderia aí proceder convenientemente, com a disciplina contínua que exige sua tendência espontânea às divagações indefinidas. Essa conciliação era essencialmente impossível enquanto o estudo da ordem natural não se estendesse até às leis sociológicas. Mas, tão logo o espírito positivo abarcou realmente essa atribuição final, a supremacia necessária de tais especulações submete-a sem esforço ao jugo legítimo do sentimento. Na sua marcha geral do exterior para o interior, a apreciação objetiva vem, então, ligar-se espontaneamente à impulsão subjetiva, cujo império fundamental ele entravara por muito

tempo. Nenhum verdadeiro pensador pode mais recusar-se a aceitar as demonstrações decisivas que, até no mais simples aspecto especulativo, estabelecem doravante a preponderância lógica e científica do modo de ver social, como o único liame possível de todas as nossas contemplações reais. Sua influência necessária não se tornará jamais opressiva em relação aos outros estudos positivos, que constituirão, sempre, seja pelo método, seja pela doutrina, o preâmbulo indispensável da ciência final. Esse regime definitivo imprime, ao contrário, a cada ciência preparatória, ao mesmo tempo, preciosa consagração e estímulo fecundo, por sua ligação direta com o conjunto da humanidade.

Tal é o modo natural segundo o qual, como anunciei no início deste discurso, o espírito positivo vem hoje, pela fundação da sociologia, recolocar-se, daqui por diante, sob a justa dominação do coração, de maneira que permita, enfim, a sistematização total pela subordinação contínua da base objetiva em relação ao princípio subjetivo. Essa operação dissipa, definitivamente, o antagonismo excepcional que, desde o fim da Idade Média, deveu desenvolver-se entre a razão e o sentimento; ela chama a humanidade, imediatamente, para o único regime, individual ou coletivo, que convém plenamente à sua natureza. Enquanto essas duas nobres influências permaneceram contrárias, a sociabilidade não podia chegar a modificar profundamente o império prático da personalidade. Mas, malgrado sua fraca energia espontânea em nossa imperfeita organização, seu concurso íntimo e contínuo, suscetível de surto imenso, poderá doravante, sem alterar o caráter essencialmente egoísta da vida ativa, imprimir-lhe grau habitual de moralidade de que o passado não poderia fornecer nenhuma idéia, em vista da insuficiente harmonia que comportavam até aqui esses dois moderadores necessários de todos os nossos instintos preponderantes.

Eu não teria assaz definido a síntese teórica sobre que deve repousar toda a sistematização humana se, agora, não indicasse a restrição geral dessa construção objetiva ao que ela oferece de verdadeiramente indispensável para permitir a elaboração direta do regime final. Sem tal apreciação, a inteligência, arrastada por seus hábitos atuais de orgulhosa divagação, tenderia a exagerar seu ofício necessário, de maneira que eludiria o jugo contínuo da sociabilidade pela prorrogação da regeneração moral e política além do que exige este preâmbulo filosófico. Essa última determinação manifestará nova propriedade de minha teoria da evolução, assim representada como instituíndo já a coordenação especulativa ao ponto de poder hoje começar a sistematização afetiva e até ativa, ao menos quanto à sua parte mais eminente e mais decisiva, a moral propriamente dita.

Para restringir convenientemente a construção de nossa base objetiva devemos, primeiramente, distinguir na ordem exterior duas classes gerais de leis naturais, umas simples ou abstratas, outras compostas ou concretas. Minha obra fundamental estabeleceu e aplicou a tal ponto essa indispensável distinção, doravante incontestável, que me basta, aqui, caracterizar-lhe a fonte e o uso.

Ela resulta, em princípio, de que nossos estudos positivos podem sempre concernir ou aos seres existentes, ou somente a seus diversos fenômenos. Posto que os corpos reais não nos sejam apreciáveis senão pelo conjunto dos fenômenos que nos oferecem, podemos contemplar abstratamente cada tipo de fenômenos sob um aspecto comum a todos os seres que no-lo apresentam ou fazer o exame concreto do grupo particular de fenômenos que caracteriza cada um deles. No último caso, estudamos os diferentes sistemas de existência: no outro, determinamos os diversos modos de atividade. O exemplo, indicado acima, dos estudos meteorológicos, constitui o melhor tipo dessa distinção geral, pois os acontecimentos que aí se consideram são sempre evidentes combinações de fenômenos astronômicos, físicos, químicos, biológicos e até sociais, cujas leis próprias comportam e exigem tantas teorias diferentes. Se todas as leis abstratas fossem-nos assaz conhecidas, a questão

concreta não nos ofereceria outra dificuldade capital a não ser a de combiná-las assaz para delas deduzir a ordem necessária dos efeitos compostos, ainda que tal construção me pareça, aliás, tanto exceder nossas fracas faculdades dedutivas que não podemos ainda abandonar, a esse respeito, o movimento puramente indutivo.

Por tal distinção, nosso estudo fundamental da economia natural deve certamente concernir, primordialmente, à sua apreciação abstrata, decomposta em tantos casos gerais quantos há fenômenos verdadeiramente elementares, ou seja, irredutíveis a outros, e que desde logo exigem, malgrado sua ligação necessária, tantas induções diversas, sem que sua teoria possa jamais ser estabelecida somente pela dedução. A sistematização especulativa não pode diretamente abarcar senão as contemplações simples, que se tornarão, a seguir, o fundamento racional das contemplações compostas. Até quando estas, por sua complicação superior, não comportassem, jamais, plena coordenação, a unidade teórica poderia limitar-se às primeiras, sem ficar abaixo de sua verdadeira destinação, como base objetiva da grande síntese humana, porque esse fundamento abstrato já nos permitiria introduzir em toda parte, em certo grau, a dedução, de maneira que ligue assaz todos os nossos pensamentos quaisquer para tornar possível uma suficiente sistematização habitual de nossos sentimentos e de nossos atos, conforme o fito da sã filosofia. O estudo abstrato da ordem exterior oferece-nos, então, a única síntese que seja verdadeiramente indispensável à elaboração direta da unidade total. Ela constitui, em si própria, fundamento suficiente do conjunto de nossa sabedoria, que aí encontra a *filosofia primeira*, tão confusamente pedida por Bacon como base necessária do regime normal da humanidade. Quando coordenamos todas as leis abstratas dos diversos modos gerais de atividade real, a apreciação eficaz de cada sistema particular de existência cessa, imediatamente, de ser puramente empírica, ainda que a maioria das leis concretas permaneça-nos ainda desconhecida. Isso é sobretudo sensível em relação ao caso mais difícil e mais importante: pois basta-nos, evidentemente, conhecer as principais leis, estáticas e dinâmicas, da sociabilidade, para sistematizar convenientemente toda a nossa existência pública e privada, de maneira que aperfeiçoemos bastante o conjunto de nossos destinos. Se a filosofia atingir tal fito, o que já não é mais duvidoso, dever-se-á lamentar pouco que ela não possa assaz explicar todos os regimes sociais que o tempo e o espaço apresentam a nossas contemplações. Disciplinada pelo verdadeiro sentimento, a razão moderna saberá doravante regular sabiamente uma curiosidade indefinida, que consumiria em pesquisas ociosas os fracos poderes especulativos de que a humanidade retira seus mais preciosos recursos em sua luta, tão difícil, contra os vícios da ordem natural. O descobrimento das principais leis concretas poderia, sem dúvida, contribuir bastante para o melhoramento de nossos destinos, exteriores e até interiores: é, sobretudo, nesse campo que em nosso futuro científico cabe ampla colheita. Contudo seu conhecimento não é, de modo nenhum, indispensável para permitir, hoje, a sistematização total que deve cumprir, em relação ao regime final da humanidade, o ofício fundamental que cumpriu, antanho, a coordenação teológica relativamente ao regime inicial. Essa inevitável condição não exige, certamente, senão a mera filosofia abstrata, de modo que a regeneração permaneceria possível, ainda que a filosofia concreta não devesse, jamais, tornar-se satisfatória.

Assim reduzida, a construção da unidade especulativa encontra-se já a tal ponto elaborada, no Ocidente, que todos os seus verdadeiros pensadores que se sentem assaz simpáticos podem aí começar, sem nenhuma prorrogação, a reorganização moral que deve preparar e dirigir uma verdadeira reorganização política, pois a teoria da evolução mencionada acima constitui, em outro aspecto, sistematização direta de todas as nossas concepções abstratas sobre o conjunto da ordem natural.

Para percebê-lo, basta encarar nossos diversos conhecimentos reais como compondo, no fundo, uma ciência única, a da humanidade, de que nossas outras especulações positivas são, ao mesmo tempo, o preâmbulo e o desenvolvimento. Ora, sua elaboração direta exige, evidentemente, dupla preparação fundamental relativa, primeiramente, ao estudo de nossa condição exterior e, em seguida, à nossa natureza interior, porque a sociabilidade não seria compreendida sem suficiente apreciação preliminar do meio em que se desenvolve e do agente que a manifesta. Antes de tratar da ciência final, basta então haver assaz esboçado a teoria abstrata do mundo exterior e da vida individual para determinar a influência contínua das leis correspondentes nas que são próprias dos fenômenos sociais. Essa preparação não é menos indispensável no aspecto científico, a fim de adaptar nossa fraca inteligência às especulações mais difíceis por suficiente hábito das mais fáceis. Enfim, nessa iniciação duplamente necessária, a ordem inorgânica deve ocupar-nos antes da orgânica, seja em virtude da influência preponderante das leis relativas à existência mais universal nos fenômenos próprios à mais especial, seja pela evidente obrigação de estudar, inicialmente, o método positivo em suas aplicações mais simples e mais características. Seria aqui supérfluo recordar mais os princípios que minha obra fundamental tanto estabeleceu.

A filosofia social deve, então, a todos os respeitos, ser preparada pela filosofia natural propriamente dita, primeiramente inorgânica, depois orgânica. Essa indispensável preparação de construção reservada ao nosso século remonta, assim, até à criação da astronomia, na Antigüidade. Os modernos completaram-na pelo esboço da biologia, somente cujas noções estáticas foram acessíveis aos antigos. Mas, malgrado a subordinação necessária dessas duas ciências, sua diversidade muito pronunciada e seu encadeamento muito indireto impediriam conceber-se o conjunto do preâmbulo fundamental se, por exagerada concentração, se tentasse reduzi-lo a esses termos extremos. Entre eles, a química veio, na Idade Média, constituir liame indispensável, que já permitia entrever a verdadeira unidade especulativa, pela sucessão natural dessas três ciências preliminares, que conduzem gradualmente à ciência final. Contudo, esse intermediário não podia bastar, posto que bastante próximo do termo biológico, porque está bastante afastado do termo astronômico, cuja influência direta aí exigia o emprego de concepções artificiais e até quiméricas, suscetíveis somente de eficácia passageira. A verdadeira hierarquia das especulações elementares não pôde, então, começar a manifestar-se senão no penúltimo século[76], quando a física propriamente dita fez surgir classe de contemplações inorgânicas, que toca na astronomia pelo seu ramo mais geral e na química pelo mais especial. Para conceber esta hierarquia de maneira conforme a sua destinação, basta desde logo referi-la à sua origem necessária, para o que se remontará até à especulações a tal ponto simples e universais, que sua positividade possa ser direta e espontânea. Tal é o eminente caráter das concepções puramente matemáticas, sem as quais a astronomia não podia nascer. Somente elas constituirão sempre, na educação individual, como o fizeram em nossa evolução coletiva, o verdadeiro ponto de partida da iniciação positiva, como relativas a especulações que, debaixo da mais completa dominação do espírito teológico, suscitam necessariamente certo surgimento sistemático do espírito positivo, que a seguir, a pouco e pouco, estende-se até a assuntos que até então lhes eram vedados.

Conforme a essas sumárias indicações, a série natural das especulações fundamentais constitui-se por si própria, quando se escalonam, segundo sua generalidade decrescente e sua complicação crescente, os seis termos essenciais cuja introdução é, assim, motivada, e essa disposição

[76] Comte escreveu-o em 1844; referia-se ao século XVI.

imediatamente sublinha suas verdadeiras relações mútuas. Essa operação coincide evidentemente com a classificação própria da teoria da evolução acima invocada. Essa teoria pode, então, ser formulada, no aspecto estático, de modo que ofereça base direta para a sistematização abstrata, de que, vê-se, depende o conjunto da síntese humana. A coordenação usual assim estabelecida entre os elementos necessários de todas as nossas concepções reais constitui, já, verdadeira unidade especulativa, pelo cumprimento do voto confuso de Bacon, sobre a construção de uma *scala intellectui*, que permita a nossos pensamentos habituais passarem, sem esforço, dos menores assuntos aos mais eminentes ou em sentido inverso, com sentimento contínuo de sua íntima solidariedade natural. Cada um de tais seis ramos essenciais da filosofia abstrata, embora distintíssimos dos dois adjacentes na sua parte central, adere profundamente à precedente por sua origem e à seguinte por sua finalidade. A homogeneidade e a continuidade de tal construção são tanto mais completas quanto o mesmo princípio de classificação, aplicado de maneira mais especial, determina, assim, a verdadeira distribuição interior das diversas teorias que compõem cada ramo. Por exemplo: as três grandes classes de especulações matemáticas, primeiramente numéricas, depois geométricas e, por fim, mecânicas, sucedem-se e coordenam-se entre si pela mesma lei que preside à formação da escala fundamental. Meu tratado filosófico demonstrou plenamente que semelhante harmonia interior existe em toda parte. A série geral constitui, assim, o resumo mais conciso das mais vastas meditações abstratas; reciprocamente, todos os sãos estudos especiais resultam em outros tantos desenvolvimentos parciais dessa hierarquia universal. Posto que cada parte exige induções distintas, cada uma recebe, da precedente, influência dedutiva, que permanecerá sempre tão indispensável para sua constituição dogmática quanto ela o foi, primacialmente, a seu surto histórico. Todos os estudos preliminares preparam, assim, a ciência final, que doravante reagirá sem cessar em sua cultura sistemática, para aí fazer, enfim, prevalecer o verdadeiro espírito de conjunto, sempre ligado ao verdadeiro sentimento social. Essa indispensável disciplina não se tornaria opressiva, porque seu princípio concilia espontaneamente as condições permanentes de uma sábia independência com as de um concurso real. Por sua própria composição, tal fórmula enciclopédia subordina a inteligência à sociabilidade, é eminentemente suscetível de tornar-se popular e põe, aliás, todo o sistema especulativo sob a vigilância como sob a proteção de um público ordinariamente disposto a conter, entre os filósofos, os diversos abusos inerentes ao estado contínuo de abstração que exige seu ofício.

A mesma teoria que explica a evolução mental da humanidade estabelece, então, a verdadeira coordenação final de nossos pensamentos elementares, de maneira que concilia radicalmente as condições, até aqui mais ou menos opostas, da harmonia e do movimento. Sua aptidão histórica e seu valor dogmático fortificam-se mutuamente, porque a verdadeira coerência de nossas concepções deve, sobretudo, provir de suas transformações sucessivas que, por sua vez, seriam inexplicáveis sem tal teoria. Assim, a história e a filosofia tornam-se inseparáveis para todos os bons espíritos.

Uma teoria, ao mesmo tempo estática e dinâmica, que preenche tais condições pode, certamente, ser apreciada hoje como a que constitui já a unidade especulativa sob sua verdadeira base objetiva, ainda que essa unidade necessite de desenvolver-se e consolidar-se à medida que essa base for mais bem estudada. Mas esse duplo surto deve realmente depender da destinação social dessa construção, muito mais do que de vã tendência à perfeição científica. É dirigindo a reorganização espiritual das populações de escol que a filosofia abstrata deverá sobretudo perceber a necessidade de nova extensão ou de melhor correlação, quando as exigências morais e políticas nela provocarem o estudo de novas relações naturais, sem que jamais a concepção aí deva avançar muito em relação à aplicação. Basta que essa coordenação nascente de todas as nossas contemplações reais esteja assaz

elaborada hoje para já permitir tratar da síntese afetiva e até ativa, e começar a sistematizar a moral positiva que deve presidir à regeneração final da humanidade. Ora, ouso assegurar que minha obra fundamental não deixa nenhuma dúvida sobre a possibilidade imediata de tal empresa, cuja oportunidade será diretamente manifestada pelo conjunto deste discurso.

Havendo caracterizado assaz o espírito geral do positivismo, devo agora acrescer, a esse respeito, algumas explicações complementares, destinadas a prevenir ou a retificar graves equívocos, muito freqüentes e muito perigosos para que eu possa negligenciá-los, sem contudo ocupar-me, jamais, dos ataques de má-fé.

A plena emancipação teológica deve constituir, hoje, indispensável preparação para o estado plenamente positivo, condição preliminar que arrasta amiúde os observadores superficiais a confundir sinceramente esse regime final com situação puramente negativa, que apresentava, até no último século, caráter verdadeiramente progressivo, mas que doravante degenera, em quem ela se torna viciosamente permanente, em obstáculo essencial a qualquer verdadeira organização social e até mental. Posto que eu haja, desde há muito, repudiado formalmente qualquer solidariedade, seja dogmática, seja histórica, entre o verdadeiro positivismo e o que se nomeia de ateísmo, devo aqui indicar ainda, sobre essa falsa apreciação, alguns esclarecimentos sumários, mas diretos.

Até sob o aspecto intelectual, o ateísmo só constitui emancipação insuficientíssima, pois tende a prolongar indefinidamente o estado metafísico, ao procurar, sem cessar, novas soluções de problemas teológicos, em lugar de elidir como radicalmente vãs todas as pesquisas inacessíveis[77]. O verdadeiro espírito positivo consiste sobretudo em substituir sempre o estudo das *leis* invariáveis dos fenômenos ao de suas *causas* propriamente ditas, primeiras ou finais; em uma palavra, a determinação do *como* à do *porquê*. Ele é, então, incompatível com os orgulhosos sonhos de um tenebroso ateísmo sobre a formação do universo, a origem dos animais *etc*. Em sua apreciação geral de nossos diversos estados especulativos, o positivismo não hesita em ver estas quimeras doutorais como muito inferiores, até em racionalidade, às inspirações espontâneas da humanidade, porque o princípio teológico, que consiste em tudo explicar por *vontades*, não pode ser plenamente desprezado senão quando, tendo-se reconhecido ser inacessível qualquer pesquisa das *causas*, limitamo-nos a conhecer as *leis*. Enquanto persistirmos em resolver as questões que caracterizam nossa infância, estaremos mal fundamentados para rejeitar o modo ingênuo que nisso aplica nossa imaginação e que convém, apenas, com efeito, à natureza desta infância. Essas crenças espontâneas não podiam extinguir-se radicalmente senão à medida que a humanidade, mais esclarecida em relação a seus meios e suas necessidades, mudasse irrevogavelmente a direção geral de suas contínuas pesquisas. Quando se quer penetrar o mistério inacessível da produção essencial dos fenômenos, nada se pode supor de mais satisfatório do que os atribuir a vontades interiores ou exteriores, dado que assim igualamo-las aos efeitos diários dos afetos que nos animam. Somente o orgulho metafísico ou científico pode persuadir os ateus, antigos ou modernos, de que suas vagas hipóteses em tal assunto são verdadeiramente superiores a essa equiparação direta, que devia exclusivamente satisfazer à nossa inteligência até que se tenha reconhecido a inanidade radical e a plena inutilidade de toda pesquisa absoluta[78]. Ainda que

[77] Ateísmo, aqui, nomeia modo de pensar metafisicamente, em que se mantém as questões da teologia, sem suas respostas: perquirem-se as causas dos fenômenos e recusa-se a idéia de deus. Hodiernamente, ateísmo designa a descrença em deus, a convicção de sua inexistência. O positivismo dissocia-se do ateísmo no primeiro valor e associa-se ao segundo.

[78] Absoluto, de *ab + soluto*, ou seja, desligado de, não relacionado com, que existe independentemente de outras coisas; é antônimo de relativo: relacionado com, ligado a, dependente de outras coisas. A teologia e a metafísica buscam o absoluto, ao revés do espírito positivo, que se atém a relações.

a ordem natural seja, a todos os respeitos, imperfeitíssima, sua produção conciliar-se-ia bastante mais com a suposição de uma vontade inteligente do que com a de um mecanismo cego. Os ateus persistentes podem, então, ser considerados os mais inconseqüentes dos teológicos, pois eles dedicam-se às mesmas questões, de que rejeitam o único método que se lhes adapta. Assim, o ateísmo puro é, até hoje, muito excepcional. Mais freqüentemente qualifica-se assim um estado de panteísmo que não é, no fundo, senão uma retrogradação doutoral em direção a um feiticismo vago e abstrato, de que podem renascer, em novas formas, todas as fases teológicas, quando o conjunto da situação moderna cessar de conter o livre surto das aberrações metafísicas. Tal regime indica, aliás, em quem o adota como definitivo, apreciação exageradíssima ou até viciosa das necessidades intelectuais e sentimento muito imperfeito das necessidades morais ou sociais. Ele combina-se, amiúde, com as perigosas utopias do orgulho especulativo quanto ao pretendido reino do espírito. Na moral propriamente dita, ele propicia uma espécie de consagração dogmática dos ignóbeis sofismas da metafísica moderna sobre a dominação absoluta do egoísmo. Em política, ele tende diretamente a tornar sem limites a situação revolucionária, pelo ódio cego que inspira para com o conjunto do passado, de que impede qualquer explicação verdadeiramente positiva, apropriada para descortinar-nos o futuro humano. O ateísmo não pode, então, dispor hoje à verdadeira positividade senão em quem ele constitui somente situação passageiríssima, a derradeira e a menos durável de todas as fases metafísicas. Como a propagação atual do espírito científico facilita bastante essa extrema transição, os que chegam à idade madura sem haver espontaneamente passado por ela anunciam, assim, um tipo de impotência mental, amiúde ligada à insuficiência moral, e pouco conciliável com o positivismo. As afinidades puramente negativas são sempre fracas ou precárias, pelo que a verdadeira filosofia moderna não se pode contentar mais com a recusa do monoteísmo do que com a do politeísmo ou do feiticismo, que ninguém julgaria suficiente para motivar aproximações simpáticas. Tal preparação não tinha, no fundo, importância senão para os que deveram tomar a iniciativa na tendência direta da humanidade a uma renovação radical. Ela já cessou de ser verdadeiramente indispensável, posto que a caducidade do antigo regime não deixa mais nenhuma dúvida essencial sobre a urgência da regeneração. A persistência anárquica, caracterizada sobretudo pelo ateísmo, constitui doravante disposição mais desfavorável ao espírito orgânico, que deveria já prevalecer, do que o sincero prolongamento dos antigos hábitos, pois esse último obstáculo não impede mais a verdadeira formulação direta da questão fundamental, e até tende bastante a provocá-la, por obrigar a nova filosofia a só combater as crenças atrasadas devido à sua aptidão geral a satisfazer mais todas as necessidades morais e sociais. Em lugar desta saudável emulação, o positivismo só poderá receber estéril reação da oposição espontânea que lhe apresenta, hoje, o ateísmo, em tantos metafísicos e cientistas, cujas disposições anti-teológicas só resultam em entravar, por repugnância absoluta, a regeneração que elas prepararam, em certos aspectos, no século precedente. Longe de contar com o apoio dos ateus atuais, o positivismo deve, então, neles encontrar adversários naturais, ainda que a pouca coerência de suas opiniões permita, aliás, corrigir facilmente os cujos erros não são devidos essencialmente ao orgulho.

Importa mais à nova filosofia esclarecer a grave imputação de materialismo que lhe atrai, necessariamente, seu indispensável preâmbulo científico. Minha teoria fundamental da evolução humana afasta toda vã discussão de mistérios impenetráveis; ela permite-me caracterizar claramente o que há de real no fundo desses debates tão confusos.

O espírito positivo, por muito tempo limitado aos mais simples estudos, só pode estender-se aos mais eminentes por sucessão espontânea de graus intermediários, em que cada uma de suas novas

aquisições deveu cumprir-se, por primeiro, sob a autoridade exagerada de métodos e doutrinas próprios do domínio anterior. É em tal exagero que consiste, penso, a aberração científica a que o instinto público aplica sem injustiça a qualificação de *materialismo*, porque ele tende, com efeito, a degradar sempre as mais nobres especulações pela sua equiparação às mais elementares. Semelhante usurpação era tanto mais inevitável quanto em toda parte ela repousa na dependência necessária dos fenômenos menos gerais em relação aos mais gerais, do que resulta legítima influência dedutiva pela qual cada ciência participa da evolução contínua da ciência seguinte, cujas induções especiais não poderia adquirir, de outro modo, suficiente racionalidade. Assim, toda ciência deveu por bastante tempo lutar contra as invasões da precedente; esses conflitos subsistem ainda, até em relação aos mais antigos estudos. Eles não podem inteiramente cessar senão sob a universal disciplina da sã filosofia, que fará, por toda a parte, prevalecer justo sentimento habitual das verdadeiras relações enciclopédicas, tão mal apreciadas pelo empirismo atual. Nesse sentido, o materialismo constitui perigo inerente à iniciação científica, tal como ela deveu realizar-se até aqui: cada ciência tende a absorver a seguinte em nome de uma positividade mais antiga e mais bem estabelecida. O mal é, então, mais profundo e mais extenso do que o supõe a maior parte dos que o deploram. Não o observamos hoje senão quanto às mais altas especulações que, com efeito, dele participam mais pois sofrem as usurpações de todas as outras; mas ele existe também, em diversos graus, nos elementos quaisquer de nossa hierarquia científica, sem excetuar até sua base matemática, que pareceria, desde logo, estar dele naturalmente preservado. Um verdadeiro filósofo reconhece tanto o materialismo na tendência do vulgo dos matemáticos atuais a absorver a geometria ou a mecânica pelo cálculo, quanto na usurpação mais pronunciada da física pelo conjunto da matemática ou da química pela física, sobretudo da biologia pela química e enfim, na disposição constante dos mais eminentes biologistas a conceber a ciência social como simples corolário ou apêndice da sua. Há, em toda parte, o mesmo vício radical, o abuso da lógica dedutiva e o mesmo resultado necessário, a iminente desorganização dos estudos superiores pela cega dominação dos inferiores. Todos os sábios propriamente ditos são, então, hoje, mais ou menos materialistas, conforme a simplicidade e a generalidade mais ou menos pronunciadas dos fenômenos correspondentes. Os geômetras encontram-se, assim, mais expostos a essa aberração, por sua tendência involuntária a constituir a unidade especulativa pela influência universal das mais elementares contemplações, numéricas, geométricas ou mecânicas. Mas os biologistas, que reclamam mais contra tal usurpação, merecem por sua vez os mesmos reproches, quando pretendem, por exemplo, tudo explicar em sociologia por influências puramente secundárias do clima ou da raça, uma vez que desconhecem, então, as leis fundamentais que só podem ser descobertas pela combinação direta das induções históricas.

Essa apreciação filosófica do materialismo explica, ao mesmo tempo, a fonte natural e a profunda injustiça do grave equívoco de que indico a retificação decisiva. Longe de o verdadeiro positivismo ser, de modo nenhum, favorável a essas perigosas aberrações, vê-se, ao contrário, que somente ele pode dissipá-las irrevogavelmente por sua aptidão exclusiva a propiciar justa satisfação às tendências legitimíssimas de que elas só oferecem empírico exagero. Até aqui o mal não foi contido senão pela resistência espontânea do espírito teológico-metafísico, ofício provisório que constituiu a destinação, indispensável ainda que insuficiente, do espiritualismo propriamente dito[79]. Tais obstáculos não podiam impedir a enérgica ascensão do materialismo, assim investido, no modo de

[79] Espiritualismo = explicação dos fenômenos inferiores pelos superiores, como se estes determinassem aqueles. É o oposto do materialismo.

ver da razão moderna, de certo caráter progressivo, por sua ligação prolongada com a justa insurreição da humanidade contra um regime que se tornara retrógrado. Assim, malgrado protestos inúteis, a opressiva dominação das teorias inferiores compromete bastante, hoje, a independência e a dignidade dos estudos superiores. Por satisfazer, além de toda possibilidade anterior, o que há de legítimo nas pretenções opostas do materialismo e do espiritualismo, o positivismo afasta-os irrevogavelmente em simultâneo um como anárquico e o outro como retrógrado. Este duplo serviço resulta espontaneamente da simples fundação da verdadeira hierarquia enciclopédica, que assegura a cada estudo elementar seu livre surto indutivo, sem alterar sua subordinação dedutiva. Mas esta conciliação fundamental será sobretudo devida à universal preponderância, lógica e científica, que somente a nova filosofia poderia propiciar ao modo de ver social. Fazendo assim prevalecer as mais nobres especulações, em que a tendência materialista é a mais perigosa e também a mais iminente, representamo-la diretamente como não menos atrasada doravante do que seu antagonista, pois elas entravam igualmente a elaboração da ciência final. Dessa forma, essa dupla eliminação encontra-se até ligada ao conjunto da regeneração social; somente ela pode dirigir um exato conhecimento das leis naturais próprias dos fenômenos morais e políticos. Terei, em breve, ocasião de também fazer perceber quanto o materialismo sociológico prejudica, atualmente, a verdadeira arte social, pois dispõe a desconhecer seu princípio mais fundamental, o da divisão sistemática dos dois poderes, espiritual e temporal, que se trata sobretudo de tornar atualmente inalterável, pela retomada em melhores bases da admirável construção da Idade Média. Reconhecer-se-á, assim, que o positivismo não é menos radicalmente oposto ao materialismo por sua destinação política do que por seu caráter filosófico. A fim de tornar esta sumária apreciação ao mesmo tempo mais imparcial e mais decisiva, dela afastei, adrede, graves inculpações morais que suscita ordinariamente tal acusação. Até quando elas são sinceras, estas imputações, tão freqüentemente desmentidas pela experiência são, com efeito, contrárias à verdadeira teoria da natureza humana, posto que nossas opiniões, sãs ou viciosas, são felizmente incapazes de exercer em nossos sentimentos e nosso comportamento o império absoluto que se lhes atribui comumente. Por sua relação provisória com o conjunto do movimento de emancipação, as aberrações materialistas estiveram, ao contrário, amiúde ligadas, nos modernos, às mais generosas inspirações. Mas, além de que essa solidariedade passageira já cessou, é mister hoje reconhecer que até nos melhores casos tal tendência intelectual sempre alterou, até certo grau, o surto espontâneo de nossos mais nobres instintos, por dispor a descartar ou a desconhecer fenômenos afetivos que essas grosseiras hipóteses não podiam representar. Disso vemos exemplo bastante decisivo no deplorável juízo pronunciado pelo eminente Cabanis contra a admirável cavalaria da Idade Média. Posto que o coração deste filósofo fosse tão puro, e até tão terno, quanto seu espírito era elevado e extenso, o materialismo contemporâneo impediu-o, essencialmente, de apreciar a feliz organização do culto habitual da mulher em nossos enérgicos avoengos.

Essa retificação decisiva das duas principais inculpações naturalmente dirigidas hoje ao positivismo sistemático, por conseqüência de sua solidariedade inicial com o positivismo empírico, dispensa-me de insistir tanto nas freqüentes acusações de fatalismo e de otimismo, cuja injustiça é muito mais fácil de caracterizar.

Quanto à primeira, pouco nos é mister espantarmo-nos com que, desde o nascimento de teorias reais, ela tenha sempre acompanhado cada nova extensão do domínio positivo. Quando fenômenos quaisquer passam do regime das vontades, até modificadas pelas entidades, ao regime das leis, o contraste de sua regularidade final com sua instabilidade primitiva deve, com efeito, apresentar primeiramente caráter de fatalidade, que não pode desaparecer, em seguida, senão por apreciação

profundíssima do verdadeiro espírito científico. Esse engano é tanto mais inevitável quanto nosso tipo inicial das leis naturais refere-se a fenômenos imodificáveis por nós, os dos movimentos celestes, que nos recordarão sempre de uma necessidade absoluta, que não podemos nos impedir de estender aos acontecimentos mais complexos, à medida que aí introduzimos o método positivo. É preciso até reconhecer que o dogma positivista supõe, em toda parte, estrita invariabilidade na ordem fundamental, cujas variações, espontâneas ou artificiais, não são jamais senão secundárias e passageiras. Concebê-las como desprovidas de todo limite equivaleria, com efeito, à inteira negação das leis naturais. Mas, explicando assim a inevitável imputação de fatalismo que se endereça sempre às novas teorias positivas, vê-se, igualmente, que a cega persistência de tal reproche indica hoje superficialíssima apreciação do verdadeiro positivismo, pois se em relação a todos os fenômenos a ordem natural é imodificável em suas disposições principais, em relação a todos, também, salvo os do céu, suas disposições secundárias são tanto mais modificáveis quanto se trata de efeitos mais complicados. O espírito positivo, que deveu ser fatalista enquanto se limitou aos estudos matemáticos-astronômicos, perdeu necessariamente esse primeiro caráter ao estender-se às pesquisas físico-químicas, e sobretudo às especulações biológicas, em que as variações tornam-se tão consideráveis. Ao elevar-se, enfim, até ao domínio sociológico, ele deve hoje cessar de incorrer no reproche que mereceu sua infância, posto que seu principal exercício referir-se-á, doravante, aos fenômenos mais modificáveis, sobretudo por nossa intervenção. É, então, evidente que, longe de convidar-nos ao torpor, o dogma positivista impele-nos à atividade, sobretudo social, muito mais do que jamais o fez o dogma teologista. Ele dissipa todo vão escrúpulo e todo recurso quimérico e só nos desvia de intervirmos em caso de impossibilidade averiguada.

A acusação de otimismo é ainda menos fundada do que a precedente, pois essa tendência não oferece, como a outra, certa solidariedade inicial com o espírito positivo. Sua fonte é, ao contrário, puramente teológica e sua influência diminui sempre, à medida que a positividade se desenvolve. Ainda que os fenômenos imodificáveis do céu sugiram-nos, naturalmente, a idéia de perfeição tanto quanto a de necessidade, sua simplicidade manifesta a tal ponto os vícios da ordem real que jamais o otimismo teria aí procurado seus principais argumentos, se o primeiro esboço de suas teorias não houvesse devido cumprir-se no regime monoteico, que necessariamente fazia aí supor uma sabedoria absoluta. Consoante a teoria da evolução em que repousa hoje o positivismo sistemático, a nova filosofia opõe-se espontaneamente cada vez mais ao otimismo, como ao fatalismo, à medida que ela abarca especulações mais complicadas, em que as imperfeições da economia natural pronunciam-se mais, como suas modificações. É, então, quanto aos estudos sociais que essa imputação, assim como a outra, deve ser menos merecida. Se ela aí parece ainda motivada, tal deve-se hoje à insuficiente introdução do verdadeiro espírito científico por pensadores que não lhe podiam assaz conhecer a natureza e as condições. Por falta de conveniente preparação lógica, abusaram, sobretudo nos nossos dias, com efeito, do caráter próprio dos fenômenos sociais para neles representar como absoluta uma sabedoria espontânea que é somente superior ao que comportaria seu grau de complicação. Por serem fenômenos devidos a seres inteligentes, que tendem sempre a corrigir as imperfeições de sua economia coletiva, eles devem oferecer ordem menos imperfeita do que se, com igual complicação, seus agentes pudessem ser cegos. A verdadeira noção do bem aí se refere sempre ao estado social correspondente; é impossível que cada situação e cada mudança quaisquer não sejam, a certos respeitos, justificáveis, sem o que eles tornar-se-iam imediatamente inexplicáveis, como contrários à natureza dos seres e à dos acontecimentos. Tais são os motivos naturais que mantêm hoje perigosa tendência ao otimismo político nos pensadores, até eminentes, que uma severa educação científica

não preparou para libertarem-se assaz de hábitos teológico-metafísicos em relação às mais altas especulações. Na harmonia espontânea de cada regime com a civilização correspondente, sua vaga apreciação supõe uma perfeição quimérica. Mas seria injusto atribuir ao positivismo aberrações evidentemente contrárias a seu verdadeiro espírito e devidas somente à insuficiente preparação lógica e científica dos que até aqui trataram das contemplações sociais. A obrigação de tudo explicar só conduz a tudo justificar os que não sabem, em sociologia, distinguir a influência das pessoas da das situações.

Ao considerarmos no seu conjunto esta sumária apreciação do espírito fundamental do positivismo, devemos agora perceber que todos os caracteres essenciais da nova filosofia resumem-se espontaneamente pela qualificação que lhe apliquei desde seu nascimento. Todas as nossas línguas ocidentais concordam, de fato, com indicar, pelo termo *positivo* e seus derivados, os dois atributos de realidade e de utilidade, cuja combinação bastaria, sozinha, para definir doravante o verdadeiro espírito filosófico, que não pode ser, no fundo, senão o bom senso generalizado e sistematizado. Esse mesmo termo recorda, também, em todo o Ocidente, as qualidades de certeza e de precisão, pelas quais a razão moderna distingue-se profundamente da antiga. Uma última acepção universal caracteriza sobretudo a tendência diretamente orgânica do espírito positivo, de modo que o separa, malgrado a aliança preliminar, do simples espírito metafísico, que jamais pode ser senão crítico: assim se anuncia a destinação social do positivismo, para substituir o teologismo no governo espiritual da humanidade.

Essa quinta significação do título essencial da sã filosofia conduz naturalmente ao caráter sempre relativo do novo regime intelectual, posto que a razão moderna não pode cessar de ser crítica em relação ao passado senão pela renúncia a todo princípio absoluto. Quando o público ocidental houver percebido essa última correlação, não menos real do que as precedentes, ainda que mais oculta, *positivo* tornar-se-á por toda parte inseparável de *relativo*, como o é hoje de *orgânico*, *preciso*, *certo*, *útil* e *real*. Nessa condensação gradual dos principais títulos da sabedoria humana à volta de uma feliz denominação, não restará, logo, a desejar senão a reunião, necessariamente mais tardia, dos atributos morais aos simples caracteres intelectuais. Posto que somente esses sejam recordados até aqui por essa fórmula decisiva, o andamento natural do movimento moderno permite assegurar que o termo *positivo* tomará finalmente destino ainda mais relacionado com o coração do que com o espírito. Essa última extensão cumprir-se-á quando se houver dignamente apreciado como, em razão da realidade que, de começo, caracterizava-a sozinha, a impulsão positiva conduz hoje a fazer sistematicamente prevalecer o sentimento sobre a razão como sobre a atividade. Por tal transformação, o nome de *filosofia* retomará, para sempre, a nobre destinação inicial que recorda sempre sua etimologia e que somente se tornou plenamente realizável desde a recente conciliação das condições morais com as condições mentais, pela fundação definitiva da verdadeira ciência social.

SEGUNDA PARTE.

DESTINAÇÃO SOCIAL DO POSITIVISMO,

por sua ligação necessária com o conjunto da grande revolução ocidental.

A filosofia positiva é caracterizada, sobretudo, pela universal preponderância mental do modo de ver social, pelo que sua aptidão prática resulta, naturalmente, de sua própria constituição teórica, que não tem necessidade senão de ser bem compreendida para tender, sem esforço, a sistematizar a vida real, em lugar de permanecer limitada a proporcionar-nos vãs satisfações contemplativas. Reciprocamente, essa aplicação espontânea fortificará bastante seu verdadeiro caráter especulativo, que recordará sempre a concentração necessária de todos os esforços científicos em prol de seu fito definitivo, de modo que detenha, tanto quanto possível, a disposição ordinária das pesquisas abstratas a degenerar em ociosas divagações. Mas essa correlação geral não seria assaz eficaz para fazer hoje prevalecer um regime mental tão novo e tão difícil, se o conjunto da situação moderna não impusesse doravante à filosofia o dever mais determinado de satisfazer a uma imensa necessidade social, que fará diretamente a solicitude pública interessar-se pelo êxito contínuo da elaboração filosófica, cuja coerência encontrar-se-á assim não menos assegurada do que sua dignidade. Após haver assaz apreciado o positivismo como produto necessário do movimento intelectual, devo então indicar, agora, sua destinação política, sem a qual ele não poderia ser convenientemente julgado.

Para caracterizá-la claramente, basta, neste discurso, fazer convenientemente perceber a íntima ligação da nova filosofia com o conjunto da grande revolução que, desde mais de sessenta anos[80], agita profundamente a fina-flor da humanidade, como resultado final da transição decisiva que gradualmente operou-se durante os cinco séculos anteriores.

Essa crise radical devia, naturalmente, oferecer duas fases principais: uma, essencialmente negativa, somente ela terminada até aqui, que consumaria a inevitável extinção do sistema antigo, mas sem indicar ainda nenhuma noção fixa e clara do novo estado social; a outra, diretamente positiva, que começa, enfim, e em que se cumprirá a elaboração fundamental do novo sistema. A sã filosofia deveu ser o último produto da primeira parte e deve, doravante, presidir à segunda; tal é o duplo encadeamento que é mister aqui caracterizar.

Sem a reação intelectual do grande abalo inicial, a razão moderna não podia até abalançar-se, com energia perseverante, à busca direta do novo sistema, cuja verdadeira natureza encontrava-se dissimulada, para os mais eminentes pensadores do século dezoito, pelas vãs ruínas da ordem antiga. Essa impulsão decisiva era sobretudo indispensável à fundação da ciência social, a fim de pôr em evidência a verdadeira noção geral do progresso humano, que lhe serve de base necessária e que não poderia prevalecer de outro modo.

Sua teoria preliminar concebia a ordem como imóvel; ela pôde surgir na Antigüidade e o grande Aristóteles esboçou-a admiravelmente, do mesmo modo como, em biologia, as especulações puramente estáticas nasceram sem nenhuma concepção dinâmica. Porém toda idéia real de progresso social era necessariamente estranha aos filósofos antigos, por falta de suficiente manifestação histórica do movimento contínuo da humanidade. Este movimento começou a tornar-se, na Idade Média, assaz pronunciado e suscitou um primeiro instinto real de nossa perfectibilidade, pela universal persuasão da superioridade do catolicismo sobre o politeísmo e o judaísmo, até antes de que a substituição do regime feudal ao regime romano completasse essa apreciação espiritual por uma indispensável confirmação temporal. Por mais confuso que devesse ser tal sentimento primitivo do progresso humano, ele já apresentava alto grau de energia e de popularidade, muito abrandado em seguida nas lutas teológico-metafísicas. Será preciso remontar até lá para compreender a verdadeira origem deste ardor progressivo que distingue o conjunto da grande família ocidental e que aí espontaneamente conteve tantas aberrações doutorais, sobretudo onde a metafísica protestante ou deísta alterou menos as nobres inspirações da Idade Média.

Mas esse sentimento inicial, por mais indispensável que devesse ser, não podia, de forma nenhuma, bastar para constituir a noção do progresso humano, pois são precisos, pelo menos, três termos para caracterizar uma progressão qualquer. Ora, só se podia então conceber duas, pela comparação da Idade Média com a Antigüidade. A natureza absoluta da filosofia teológica, que presidiu a esta primeira comparação, impedia até de supor a existência ulterior de algum termo novo, posto que representasse o regime católico-feudal como dotado de perfeição definitiva, além da qual punha-se somente a utopia cristã da vida futura.

[80] Comte escreveu-o em 1848; 60 anos remete a 1788. Alude à revolução francesa de 1789.

Quando a teologia decaiu o suficiente e não mais entravou, a tal respeito, a imaginação moderna, primeiramente essa decadência redundou em um tipo de reação mental por muito tempo desfavorável ao primeiro esboço da noção do progresso, pois determinou contra a Idade Média cega animosidade. Por ódio para com as crenças que haviam então prevalecido, quase todos os pensadores foram tomados de irracional admiração pela Antigüidade, ao ponto de desconhecerem totalmente a superioridade social da Idade Média, de que somente a massa iletrada conservou algum entendimento real, sobretudo entre as populações preservadas do protestantismo. A noção do progresso não começou a preocupar o espírito moderno senão quando renasceu, com novo caráter, no meio do século dezessete, pelo espetáculo decisivo da evolução elementar já consumada pela nata da humanidade nas ciências e na indústria e até, de modo menos irrecusável, nas belas-artes. Mas, ainda que essas apreciações parciais tenham, realmente, fornecido a primeira fonte direta das noções sistemáticas de nosso século acerca do progresso humano, elas não podiam, de forma nenhuma, caracterizar a progressão, que ficava até mais duvidosa do que na Idade Média, no aspecto social, mais importante do que todos os modos de ver especiais.

O abalo revolucionário que impeliu definitivamente a França, centro normal do Ocidente, à pesquisa de uma regeneração total, era então indispensável para constituir essa progressão, por lhe fornecer, pelo menos em perspectiva longínqua e confusa, um terceiro termo essencial, modelo do verdadeiro regime moderno, cuja comparação com a Idade Média anunciava um passo geral tão pronunciado quanto o que inspirava a nossos cavaleirescos avoengos um justo sentimento de sua superioridade social sobre seus antigos predecessores. Enquanto o regime católico-feudal não foi abertamente destruído, seus vãos destroços dissimulavam o futuro político ao ponto de não permitir nenhum sentimento decisivo do progresso contínuo da sociabilidade. Por exceção própria dos fenômenos sociais, o espetáculo deve aí desenvolver-se ao mesmo tempo em que o observador. Até a explosão da grande crise, pode-se dizer que a evolução política própria para fornecer a base experimental da teoria do progresso estava ainda tão incompleta quanto o espírito era incapaz de apreciá-la. Os mais eminentes pensadores não podiam, com efeito, congeminar realmente, há um século, progressão contínua, e a humanidade parecia-lhes condenada a movimento circular ou oscilatório. Mas, sob a impulsão revolucionária, o verdadeiro instinto do movimento humano surgiu espontaneamente de maneira mais ou menos decisiva nas menores inteligências, primeiramente na França e logo até em todo o Ocidente. É, então, a esse salutar abalo que devemos ao mesmo tempo a força e a audácia de congeminar uma noção sobre que repousa necessariamente a verdadeira ciência social e por conseguinte toda a filosofia positiva, de que somente essa ciência final podia constituir a unidade geral. Sem a teoria do progresso, a da ordem permaneceria insuficiente, até quando a supuséssemos possível, para fundar a sociologia, que não pode resultar senão de sua íntima combinação. Porque o progresso não constitui, a todos os respeitos, senão o desenvolvimento da ordem, somente ele oferece a manifestação decisiva dela. Entendemos então como a filosofia positiva devia diretamente emanar da revolução francesa, além da coincidência de modo nenhum fortuita que fixava nesta época o suficiente cumprimento de seu preâmbulo científico.

Mas, para completar essa apreciação, é mister agora reconhecer que essa feliz reação mental do grande abalo social só podia começar a realizar-se quando o espírito puramente revolucionário se encontrasse a tal ponto abrandado que a luz assim lançada no futuro não impedisse mais de ver o conjunto do passado. Se, de um lado, essa enérgica impulsão começava a descortinar-nos, ainda que vagamente, o terceiro termo da progressão social, ela proibia-nos, de outro lado, a justa apreciação do segundo, enquanto durasse o ódio cego que a emancipação moderna deveu inspirar-nos contra toda a Idade Média e sem a qual não teríamos podido sair irrevogavelmente do regime antigo. A extinção desse grau intermediário não perturbava menos a concepção total quanto a ausência do grau final, mui diferente do grau inicial para ser-lhe imediatamente comparável. Era, então, impossível formar a verdadeira teoria do progresso humano, sem ter, primeiramente, prestado exata justiça à Idade Média, pela qual o estado antigo e o estado moderno encontram-se ao mesmo tempo reunidos e separados. Ora, esta eqüitativa apreciação era certamente incompatível com a preponderância inicial do espírito revolucionário propriamente dito. Nesse sentido, a enérgica reação filosófica organizada, no início de nosso século, pelo eminente de Maistre, concorreu profundamente para preparar a verdadeira teoria

do progresso. Malgrado a intenção evidentemente retrógrada que animou a essa escola passageira, seus trabalhos figurarão sempre entre os antecedentes necessários do positivismo sistemático, ainda que o surto decisivo da nova filosofia tenha-os, a seguir, descartado para sempre, mas ele incorporou da maneira mais completa todos os seus resultados essenciais.

A verdadeira ciência social e a verdadeira filosofia não podiam, então, surgir, senão quando uma jovem inteligência, imbuída de ardor revolucionário, se apropriasse espontaneamente de tudo que tal elaboração encerrasse de precioso acerca da apreciação histórica do conjunto da Idade Média. Foi somente então que pôde nascer o verdadeiro espírito da história, o instinto geral da continuidade humana, antes desconhecido, até por meu principal precursor, o ilustre e infeliz Condorcet. Na mesma época, o gênio de Gall completava o recente esboço sistemático da biologia, pela criação do estudo sistemático das funções interiores do cérebro, tanto, pelo menos, quanto a evolução puramente individual permite apreciá-los. Acabamos, assim, de compreender o conjunto das condições sociais e mentais que deveu pôr o descobrimento das leis sociológicas e por conseqüência a fundação do positivismo, no preciso tempo em que comecei a filosofar, uma geração após a ditadura progressiva da Convenção ou quase desde a queda da tirania retrógrada de Bonaparte.

É assim que o grande abalo revolucionário e até a longa retrogradação que lhe sucedeu deviam preceder e preparar a concepção sistemática de nova doutrina geral. Ora, se a elaboração filosófica do positivismo exigia tal preparação, essa condição era ainda mais indispensável a seu advento social, fosse para assegurar-lhe suficiente liberdade de exposição e de discussão, fosse, sobretudo, para dispor o público a ver aí o verdadeiro gérmen da solução final. Seria aqui supérfluo insistir em tal necessidade tão evidente.

Após haver reconhecido como o positivismo resultou da primeira parte da revolução, é mister, reciprocamente, concebê-lo como devendo presidir à segunda.

Longe de que a revolução haja determinado a demolição do regime antigo, uma sã apreciação histórica demonstra, ao contrário, que essa grande crise proveio da íntima decomposição, primeiramente espontânea, depois sistemática, que o sistema político da Idade Média sofreu cada vez mais em todo o Ocidente, e sobretudo na França, do décimo-quarto século por diante. Em lugar de prolongar o movimento negativo dos cinco séculos anteriores, ela aí pôs, primeiramente, um termo necessário, pela manifestação, por um último abalo, da irrevogável resolução de abandonar inteiramente a ordem decaída, para proceder diretamente à regeneração total. Essa indispensável manifestação foi caracterizada sobretudo pela abolição total da realeza, a que se associaram sucessivamente todos os destroços espirituais e temporais da antiga constituição francesa. Porém, salvo esse preâmbulo necessário, que só ocupou a sessão inicial da principal assembléia revolucionária, o conjunto do movimento teve, desde o seu início, destinação essencialmente orgânica, marcada, sobretudo, a contar da preponderância do espírito republicano. É claro, contudo, que, malgrado essa tendência fundamental, a primeira parte da revolução foi, com efeito, eminentemente negativa. Esse malogro inicial não se deveu somente às imperiosas exigências da luta, tão difícil quão gloriosa, pela qual a França manteve sua indispensável independência perante os formidáveis ataques da coligação retrógrada. Devemos atribuí-la sobretudo ao caráter puramente crítico das doutrinas metafísicas que, somente elas, podiam então dirigir o espírito revolucionário.

Malgrado a solidariedade natural das duas progressões, negativa e positiva, que se efetuavam desde o fim da Idade Média, a primeira encontrava-se necessariamente mais avançada do que a segunda. A caducidade do regime antigo devia, então, suscitar o voto de renovação completa, antes de que a preparação elementar do regime final estivesse assaz completa para manifestar sua verdadeira natureza geral. Reconhecemos até que a elaboração decisiva da doutrina regeneradora, longe de poder preceder ao abalo revolucionário, somente se tornou possível sob sua impulsão. É, assim, fácil formar idéia da insuperável fatalidade que então obrigou a empregar como princípios orgânicos as doutrinas puramente críticas que deveram presidir às lutas anteriores. Posto que esta metafísica negativa se tornasse realmente sem objeto desde que se renunciasse ao antigo regime, somente seus dogmas eram familiares e continham a única fórmula que comportou, de início, o progresso social. O movimento inicial deveu, então, cumprir-se por inspiração de doutrina verdadeiramente atrasada, que não podia bastar a essa nova destinação.

Necessariamente impotente para construir algo, tal filosofia só comportava por eficácia orgânica a de formular vagamente o programa, antes sentimental do que racional, do futuro político, sem indicar, de forma nenhuma, o andamento conveniente à sua preparação. Assim erigidos em princípios orgânicos, os dogmas críticos deveram logo, por seu caráter absoluto, desenvolver tendência radicalmente anárquica, tão hostil aos elementos da nova ordem quanto aos destroços do antigo regime. Uma experiência decisiva, cuja lembrança é indelével e que, por isto mesmo, não é suscetível de nenhuma renovação séria, pôs então fora de dúvida a inaptidão orgânica da doutrina que inicialmente dirigiu o espírito revolucionário, que só pôde então redundar em demonstrar a urgência de uma renovação total, conquanto sem dela indicar a natureza.

Em tal situação filosófica e política, a necessidade de ordem, que se tornara preponderante, deveu determinar uma longa reação retrógrada que, começada pelo deísmo legal de Robespierre, desenvolveu-se sobretudo pelo sistema de conquistas de Bonaparte e prolongou-se fracamente, malgrado a paz, sob fracos sucessores seus. Ela deixou como único resultado durável a demonstração histórica e dogmática da escola de de Maistre sobre a inanidade social da metafísica moderna, cuja insuficiência mental advinha então da extensão decisiva do espírito positivo aos mais altos estudos biológicos, sob os felizes esforços de Cabanis e sobretudo de Gall. Ademais, essa laboriosa oposição à emancipação final da humanidade, longe de atingir seu fito político, só resultou em reanimar o instinto de progresso, pelas invencíveis repugnâncias que inspirava, por toda parte, a vã reconstrução de regime a tal ponto decaído que sua natureza e suas condições não eram mais compreendidas pelos próprios que se esforçavam por restabelecê-lo.

Esse inevitável despertar do espírito revolucionário manifestou-se desde que a paz veio suprimir o principal apoio do sistema de retrogradação. Mas esse rejuvenescimento da metafísica negativa não era mais acompanhado por nenhuma ilusão séria quanto à sua aptidão orgânica. Seus dogmas não foram acolhidos essencialmente, por falta de melhor doutrina, senão como meio de repelir os princípios retrógrados, da mesma maneira como estes só deveram seu prestígio aparente à necessidade de conter as tendências anárquicas. Nos novos debates sobre temas gastos, o público logo sentiu que o verdadeiro gérmen da solução final não existia em parte nenhuma: assim, ele só ligava importância real às condições de ordem e de liberdade, que se haviam tornado não menos indispensáveis à elaboração filosófica quão à prosperidade material. Tal situação era favorabilíssima à construção de doutrina definitiva, cujo princípio fundamental surgiu, com efeito, durante a derradeira fase do movimento retrógrado, quando descobri, em 1822, a dupla lei geral da evolução teórica[81].

A indiferença aparente de um público que não via em nenhuma bandeira a verdadeira fórmula do futuro social foi, enfim, tomada por um poder cego, como adesão tácita a seus vãos projetos. Tão logo as garantias do progresso encontraram-se seriamente ameaçadas, o memorável abalo de 1830 veio pôr termo irrevogável ao sistema de retrogradação introduzido trinta e seis anos antes. As convicções que o inspiravam eram já pouco profundas, pelo que seus partidários foram então conduzidos espontaneamente a desdizer suas próprias doutrinas, para desenvolver, a seu modo, os principais dogmas revolucionários. Esses, por sua vez, foram abertamente abandonados por seus antigos órgãos, à medida que chegavam ao governo. Nada caracterizará melhor, para a história, essa dupla conversão decisiva do que os debates relativos à liberdade de ensino, alternativamente demandada e recusada, com vinte anos de intervalo, em nome dos mesmos pretendidos princípios que só representavam interesses, nas duas partes.

Essa decomposição radical de todas as convicções anteriores deixou diretamente surgir o instinto público, que doravante reclamava sobretudo a conciliação fundamental entre o espírito de ordem e o espírito de progresso. Mas essa formulação final da grande questão só tornou mais sensível a ausência total de solução real, cujo princípio somente o positivismo nascente continha. Todas as opiniões ativas haviam, ao contrário, se tornado irrevogavelmente ao mesmo tempo anárquicas e retrógradas. Quanto à que se esforçava por conciliá-las, sua inanidade orgânica não lhe permitia outra eficácia teórica senão a de encorajar igualmente a

[81] Lei dos três estados (teológico, metafísico e positivo) e lei da classificação das ciências (conforme a seu grau crescente de complexidade e minguante de generalidade: matemática, astronomia, física, química, biologia, sociologia, psicologia), ambas presentes na primeira lição do *Sistema de filosofia positiva.*

anarquia e a retrogradação, para poder sempre neutralizá-las, uma pela outra. Ninguém, no fundo, percebia desfecho sério da grande revolução na pretendida fundação de monarquia constitucional que, contrária ao conjunto do passado francês, não nos podia oferecer senão vã imitação empírica de uma anomalia política essencialmente própria à Inglaterra.

É mister encarar essa última meia-geração como interrupção natural, em que a falta de doutrina dominante impede de começar a terminação orgânica da revolução, malgrado a irrevogável cessação da reação retrógrada que deveu seguir-se ao abalo inicial. Somente os verdadeiros filósofos encontravam-se já dentro da nova via revolucionária, desde que a fundação decisiva da ciência social permitiu, enfim, determinar sem utopia o caráter geral do futuro humano, ainda ignoto a meu principal precursor[82]. Mas, para que a doutrina regeneradora tendesse livremente à direção de seu pacífico advento social, era preciso afastar abertamente a mentira oficial que representava a revolução como terminada por um vão regime parlamentar e entregar, de então por diante, a reorganização espiritual à concorrência direta de pensadores independentes. Tal será, necessariamente, a dupla reação filosófica de nossa última transformação política.

Graças ao admirável instinto de nossos enérgicos proletários, as veleidades retrógradas de um poder que se tornou contrário a sua destinação primitiva determinaram, enfim, a irrevogável abolição da realeza francesa que, desde há muito privada de todo prestígio, só constituía obstáculo geral ao progresso, sem nenhum verdadeiro proveito para a ordem. Sua vã supremacia entravava diretamente a reorganização espiritual, enquanto sua influência real não podia impedir a miserável agitação política mantida por rivalidades essencialmente pessoais.

Em sua significação negativa, o princípio republicano resume definitivamente a primeira parte da revolução, pela proibição de toda reposição da realeza que, desde a segunda metade do reino de Luís XIV, reunia naturalmente todas as tendências retrógradas. Por sua interpretação positiva, ele começa diretamente a regeneração final, pela proclamação da subordinação fundamental da política à moral, pela consagração simultânea de todas as forças quaisquer ao serviço da comunidade. Sem dúvida, esse princípio não existe ainda senão em estado de sentimento; mas era assim que ele devia surgir e é até assim que prevalecerá sempre depois de sua indispensável sistematização, como o estabelece a primeira parte deste discurso. Nesse sentido, a população francesa, digna vanguarda da grande família ocidental abre, no fundo, a era normal porque proclamou, sem nenhuma intervenção teológica, o verdadeiro princípio social, que surgiu primeiramente, na Idade Média, sob inspiração católica e que, porém, só podia prevalecer por melhor filosofia e em meio mais bem preparado. A república francesa tende, então, a consagrar diretamente a doutrina fundamental do positivismo, quanto à universal preponderância do sentimento sobre a razão e sobre a atividade. Tal ponto de partida deve logo conduzir a opinião pública a entender a nova filosofia como única verdadeiramente apta a sistematizar esse resultado definitivo.

O conjunto desta situação faz mais ressaltar a questão fundamental formulada durante a fase precedente: a conciliação necessária da ordem com o progresso. Ao mesmo tempo, a impotência radical de todas as escolas atuais quanto a esse irrecusável programa torna-se, assim, mais evidente, pois a irrevogável abolição da realeza dissolveu, ao mesmo tempo, o único entrave essencial que sofria ainda o progresso social e a única fiança regular que restava à ordem pública. Impelidos assim duplamente a construir, todas as opiniões limitaram-se, contudo, à simples eficácia negativa, que consiste, em cada uma, em conter, até imperfeitissimamente, a aberração oposta. Em situação que afiança o progresso e compromete a ordem, esta inspira, naturalmente, solicitudes preponderantes, a que falta ainda um digno órgão sistemático. Uma experiência decisiva provou, contudo, a extrema fragilidade de todo regime puramente material, fundado apenas em interesses, sem afeições nem convicções. Mas, por outro lado, por falta de doutrinas verdadeiramente dominantes, a ordem espiritual permaneceria impossível. Não se pode até contar com a eficácia política do sentimento social que, desprovido de princípios, torna-se amiúde perturbador. Disso resultou o prolongamento forçado do regime material, posto que sua insuficiência seja geralmente reconhecida.

[82] Condorcet.

A situação republicana proíbe, contudo, o modo mais durável, a corrupção propriamente dita, então substituída por uma compressão mais ou menos passageira, a cada vez em que a anarquia torna-se muito iminente. Mas esses recursos temporários são espontaneamente proporcionais às correspondentes exigências. Enquanto a ordem encontra-se assim mais exposta, sua manutenção comporta também meios mais enérgicos. Pouco tempo após a composição inicial deste discurso, uma comoção sem exemplo conduziu a apurar que a república permite empregar e até com excesso, na defesa da ordem pública, forças muitíssimo superiores às de que podia dispor a monarquia. A realeza perdeu assim o único privilégio que lhe conservava sinceramente algumas adesões refletidas, e doravante seu único atributo político consiste em representar a retrogradação. Contudo, por outra reação da mesma situação contraditória, o partido correspondente parece haver se tornado hoje o órgão das resistências que mantêm a ordem material. Suas doutrinas são ainda as únicas que oferecem certo caráter orgânico, ainda que retrógrado, e os instintos conservadores associam-se-lhe empiricamente, sem nenhuma forte oposição dos instintos progressistas, que sentem confusamente sua insuficiência atual. Mas, ao mesmo tempo, estes princípios mostram-se radicalmente dissolvidos em seus próprios partidários, cuja preponderância oficial repousa em livre adoção de dogmas revolucionários, assim destinados a expirar no campo retrógrado. Tal é, então, o poder atual das necessidades de ordem, que elas fazem momentaneamente prevalecer um partido desprovido de suas velhas convicções e que parecia extinto antes do advento de nossa república. Só o positivismo pode explicar tal anomalia e terminá-la, com base nesta lei evidente: a ordem permanecerá retrógrada enquanto o progresso for anárquico. Mas, na realidade, a retrogradação não se realiza jamais, e até seus princípios são sempre neutralizados por incoerentes concessões. Enquanto a jactância de seus chefes parece destruir o regime republicano, ele persiste espontaneamente, apenas por sua oportunidade, que torna mais sensível a pueril oposição de quase todos os poderes oficiais. Quando o instinto do aperfeiçoamento encontrar-se sistematizado, seu irresistível impulso mostrará, logo, a verdadeira fonte da estagnação atual.

Preparando, à sua própria revelia, esse desfecho normal, a aparente dominação do teologismo forneceu ao positivismo a atitude que eu almejava, há dez anos, a saber: a luta direta entre os dois sistemas orgânicos, sem nenhuma intervenção crítica. Uma metafísica sempre inconseqüente encontra hoje sua ruína definitiva no mesmo regime que ela desejava para prevalecer. Quando é mister construir, sentimos logo a profunda inanidade de todas as escolas que se limitam a protestar incessantemente contra as instituições teológicas, cujos princípios fundamentais aceitam, contudo. Elas até são a tal ponto anuladas que não podem mais desempenhar suficientemente seu antigo ofício negativo, doravante pertencente acessoriamente ao positivismo, única proteção sistemática contra a retrogradação como contra a anarquia. Já os psicológos[83] propriamente ditos sucumbiram, essencialmente, com a realeza constitucional, pela íntima afinidade dessas duas importações protestantes. Mas seus rivais naturais, os ideólogos[84], que pareciam assim retomar sua influência nacional, não puderam recobrar o antigo crédito revolucionário de suas doutrinas irrevogavelmente gastas. Os mais avançados dentre eles, indignos herdeiros da escola voltairiana e dantoniana, mostraram-se profundamente impróprios, de coração e de espírito, a dirigir a segunda parte da revolução, que eles mal distinguem da primeira. Primeiramente julguei-os por tipo muito eminente, puramente excepcional entre eles, o nobre Armando Carrel[85], muito infelizmente arrebatado precocemente à nossa república. Verdadeiras

[83] Psicólogos, ao tempo de Comte, nomeava metafísicos segundo os quais há uma observação interior, em que a inteligência observa a si própria, em ação. Seus principais representantes eram Teodoro Jouffroy e Vítor Cousin. Posteriormente, os substantivos psicologia e psicólogos tomou a acepção atual. Em seu Sistema de política positiva, Comte instituiu o estudo do indivíduo, com o apelativo de moral, sétima ciência, mais específica e menos geral do que a sociologia, e cujos fenômenos são mais suscetíveis de modificações. Equivale ao que hodiernamente chamamos psicologia.

[84] Ideólogos: intelectuais franceses do século XIX que se dedicaram ao estudo da origem, caráter e leis das idéias. Foram ideólogos Antonio Destutt de Tracy, Pedro João Jorge Cabanis, o conde Volney, Domingos José Garat, Pedro Cláudio Francisco Daunou.

[85] Armando Carrel (1800 — 1836), francês, foi publicista e historiador, fundador de *O Nacional*, folha republicana que lhe publicava artigos.

convicções republicanas eram impossíveis em quem, educado nas intrigas parlamentares, dirigira ou secundara a longa conspiração da imprensa francesa para reabilitar Bonaparte. Sua vã dominação somente soube manter a ordem material pela invocação do partido retrógrado, de que eles logo se tornaram simples auxiliares, após haverem vergonhosamente renegado sua fé filosófica. Essa monstruosa aliança deixará sempre testemunho característico, posto que episódico, na expedição, tão desprezível quão odiosa, cujos livres cooperadores logo receberão justa punição temporal, enquanto aguardam a censura histórica. Mas índices decisivos já mostraram a mesma tendência à hipocrisia retrógrada na outra classe de deístas, discípulos de Rousseau e imitadores de Ropesbierre. Posto que menos desacreditados junto do povo, por haverem reinado menos, eles agora perderam toda coerência real. Sua selvagem anarquia é diretamente incompatível com as disposições universais que entretêm sempre a atividade industrial, o espírito científico e os gostos estéticos, próprios da existência moderna. Estes *doutores em guilhotina*, cujos vãos sofismas haviam sistematizado, com sangue-frio, furores excepcionais, viram-se logo forçados, para conservar sua popularidade, a sancionar a feliz abolição provisória do cadafalso político. A mesma necessidade condu-los hoje a renegar a única acepção real do sanguinário emblema que serve para designar um partido muito vago e que não comporta outro nome. Eles não compreenderam mais as verdadeiras tendências do proletariado, em sua cega preocupação com os direitos metafísicos, que o povo deixou pacificamente arrebatar quando a ordem pareceu exigi-lo e em que eles persistiam maquinalmente em pôr a solução republicana. Aspiram sempre a comprimir em nome do progresso e tomam por modelo político uma curta anomalia, que não se reproduzirá jamais. Únicos partidários reais da guerra em meio à paz inalterável e que limitam a regularização do trabalho a destruir a hierarquia industrial fundada na Idade Média, esses declamadores anárquicos são, à todas as luzes, profundamente repudiados por seu século. Conquanto os proletários concedam ainda alguma confiança a chefes indignos ou incapazes, esse crédito rapidamente decrescente não se tornaria verdadeiramente perigoso, em tempo em que o entusiasmo político não se ligará jamais a preconceitos metafísicos. A influência real desse partido anárquico consiste, sobretudo, em servir de espantalho para o partido retrógrado, a fim de artificialmente conservar, nas classes médias, adesão oficial sempre contrária à sua natureza e aos seus hábitos. Se, contra toda verossimilhança, esses vãos niveladores prevalecessem legalmente, seu reino efêmero resultaria logo em sua irrevogável eliminação, ao provarem ao povo sua profunda inaptidão para dirigir a regeneração ocidental. Assim, sob a impulsão contínua de uma situação luminosa, a razão pública mostra-se cada vez mais oposta a toda metafísica, como já o era de toda teologia. Esse descrédito final de todas as escolas anteriores prepara, então, a universal autoridade do positivismo, único tão conforme às verdadeiras tendências do décimo-nono século quanto às suas necessidades essenciais.

Para completar esta indicação das tendências próprias da nova situação francesa, basta notar que a marcha geral dos debates e sobretudo dos acontecimentos realça mais do que antes a necessidade fundamental de uma verdadeira doutrina universal, própria para conter as divagações e evitar ou corrigir as perturbações, manifesta também a necessidade especial da autoridade espiritual, que, somente ela, pode assegurar a eficácia prática de tal filosofia. Em meio a suas numerosas divergências, todas as nossas seitas metafísicas concordam espontaneamente quanto à íntima confusão dos dois poderes elementares[86] que, desde o décimo-quarto século, constitui cada vez mais, sobretudo sob o impulso protestante, o principal dogma revolucionário, com ódio do regime próprio da Idade Média. Como seus pais gregos, os pretendidos filósofos modernos, psicólogos ou ideólogos, sempre cobiçaram a suprema concentração dos diversos poderes humanos; eles até propagaram essa aberração por entre sábios especializados. Só o positivismo sistemático aprecia hoje o admirável instinto que impeliu todos os homens eminentes da Idade Média a introduzir, entre o poder moral e o poder político, uma divisão fundamental, obra-prima da sabedoria humana, somente muito prematura então para comportar êxito irrevogável, seja pela natureza teológica dos princípios dirigentes, seja pelo caráter militar da existência

[86] Poderes temporal e espiritual: o primeiro é material, ocupa-se das coisas e corresponde aos governos; o segundo é mental, ocupa-se das convicções e dos sentimentos e corresponde aos formadores de opinião, em sentido lato ou estrito (neste, os sacerdotes das diversas religiões).

ativa. Essa separação necessária, principal base do regime final, só é compreendida e respeitada na nova escola filosófica, salvo as simpatias espontâneas que conservam ainda, sem nenhuma fórmula, as populações preservadas do protestantismo. Desde o início da revolução, o orgulho doutoral tendeu diretamente à onipotência social com que ele sempre sonhara como modelo ideal da perfeição política. Posto que os progressos naturais da razão pública proibiam já todo perigoso surto desta utopia retrógrada, eles ainda são pouco sistemáticos e não impedem, a esse respeito, tentativas características. Todos os inovadores metafísicos aspiram então mais do que jamais à supremacia prática e teórica, enquanto a situação não limita mais sua ambição às simples existências ministeriais. A profunda divergência de suas opiniões respectivas e sua comum discordância do meio atual impedem-nos de temer que eles venham em algum momento a entravar seriamente a liberdade de discussão, pela imposição de verdadeira consagração legal a uma doutrina qualquer. Mas eles já o tentaram assaz para esclarecer o espírito público quanto ao caráter necessariamente opressivo de toda teoria social contrária ao princípio fundamental da política moderna, a separação normal dos dois poderes essenciais. Este surto perturbador das ambições metafísicas tenderá, então, a fazer especialmente apreciar as demonstrações decisivas da nova filosofia, que cada vez mais representará essa divisão como igualmente indispensável à ordem e ao progresso. Se os pensadores positivistas continuarem a evitar toda sedução contrária a suas convicções, sua pacífica atitude especulativa, em meio a esta vã agitação política acabará por reconciliar o público imparcial com esta grande noção, inteiramente liberta, doravante, das crenças que deveram presidir à seu primeiro esboço histórico. Este contraste involuntário fará cada vez mais perceber que a verdadeira liberdade, como a convergência real, não pode hoje emanar senão de doutrinas positivas, únicas capazes de suportar completa discussão, por serem as únicas que repousam em verdadeiras demonstrações. Amadurecida por situação decisiva, a sabedoria vulgar logo imporá aos filósofos, com irresistível energia, a obrigação contínua de concentrar todos os seus esforços no governo direto dos espíritos e dos corações, sem nenhuma tendência à dominação temporal, cuja busca será desde logo erigida, neles, em sintoma irrecusável de impotência mental e até de insuficiência moral. A abolição da realeza assegura, aliás, aos verdadeiros pensadores plena liberdade de exame e até de exposição, enquanto eles souberem respeitar assaz as condições de ordem, pois a emancipação teológica encontra-se assim completada pela extinção do derradeiro resto do regime das castas, que até então concentrava em uma família excepcional a decisão regular das altas questões sociais. Por maiores que pudessem ser as veleidades opressivas das magistraturas republicanas, esse atributo real não passaria seriamente a poderes puramente temporários que, até individualizados, emanam sempre de sufrágios incompetentes. A filosofia positiva demonstrará sem dificuldade que tais mandatários são quase tão estranhos quanto seus comitentes às condições lógicas e científicas que exige, hoje, toda elaboração sistemática de doutrinas morais e sociais. Tais autoridades, desprovidas de sanção espiritual, podem bem determinar a obediência em nome da ordem, mas elas só obteriam verdadeiro respeito ao se encerrarem escrupulosamente em suas atribuições temporais, sem procurar nenhuma supremacia mental. Antes até de que o poder central chegue a seus verdadeiros órgãos práticos, a situação republicana terá feito assaz realçar esta conseqüência necessária em população já purgada de todo fanatismo retrógrado ou anárquico. Tal reação aí desenvolver-se-á tanto melhor quanto as solicitudes crescentes relativas à ordem material desviarão mais as autoridades ativas de toda pretenção quanto à ordem espiritual, cuja reconstrução encontra-se assim plenamente reservada aos livres pensadores. Nada há de fortuito, nem de pessoal, no passo imenso que o conjunto de minha carreira já realizou em prol da liberdade de exposição, primeiramente escrita, depois oral, sob diversos regimes opressivos. Todo verdadeiro filósofo obterá doravante faculdade equivalente, por oferecer, como eu, justas garantias intelectuais e morais que o público e o magistrado devem exigir dos órgãos sistemáticos da Humanidade. Por maiores violências que possa em algum momento inspirar a necessidade empírica de comprimir os niveladores, ouso assegurar que os construtores serão sempre respeitados, e logo invocados em socorro de ordem pública que não pode mais passar por muito mais tempo sem uma sanção racional.

Pela importante modificação política sobrevinda na França, a segunda parte da grande revolução, assim começada pelo público como já o fora pelos verdadeiros filósofos, tende então, mais direta e mais

rapidamente, a desenvolver seu verdadeiro caráter geral, por apelar à nova doutrina universal que dirija a reorganização final das opiniões e dos costumes, única base sólida da regeneração gradual das instituições sociais. Mas, após haver indicado como o positivismo recebe hoje essa alta missão em virtude de modificações espontaneamente verificadas no próprio centro do abalo inicial, é mister completar tal apreciação pela atribuição à reorganização espiritual toda sua extensão característica que, segundo a sã teoria histórica, deve certamente compreender o conjunto do Ocidente europeu.

A imensa transição revolucionária que nos separa da Idade Média fez muito esquecer a comunidade fundamental que, preparada pela incorporação romana, organizou-se diretamente sob o incomparável Carlos Magno, entre as diversas populações ocidentais, que uniformemente já haviam chegado ao estado católico e feudal. Malgrado diversidades nacionais, agravadas a seguir por dissidências teológicas, essa vasta república por toda parte ofereceu, durante os últimos cinco séculos, desenvolvimento intelectual e social ao mesmo tempo positivo e negativo de que o restante da humanidade não oferece ainda, até na Europa, verdadeiro equivalente. Se a ruptura do laço católico e o desuso dos costumes cavaleirescos alteraram bastante, primeiramente, o sentimento geral de tal confraternidade, ele tendeu a restabelecer-se por novas formas, graças às afinidades parciais que resultaram de comum preponderância da vida industrial, de semelhante evolução estética e de evidente solidariedade científica. Quando a decomposição política tornou-se assaz pronunciada para anunciar por toda parte plena renovação, essa semelhança de civilização desenvolveu cada vez mais o instinto universal da participação coletiva no mesmo movimento social, limitado até aqui a tal família. Contudo, a iniciativa da grande crise encontrava-se necessariamente reservada à população francesa, mais preparada do que nenhum outro ramo ocidental, seja quanto à extinção radical do regime antigo, seja pela elaboração elementar do novo sistema. Contudo as simpatias ativas que, em todo o Ocidente, foram suscitadas pelo início de nossa revolução, indicaram que nossos irmãos ocidentais concediam-nos somente a perigosa honra de começar uma regeneração comum a toda a fina-flor da humanidade, como o proclamou, até em meio à guerra defensiva, nossa grande assembleia republicana. As aberrações militares que a seguir caracterizaram entre nós a principal fase da reação retrógrada deveram, sem dúvida, suspender, nas duas partes, o sentimento habitual dessa solidariedade necessária. Contudo, ele estava tão enraizado por toda parte, pelo conjunto dos antecedentes modernos, que a paz logo lhe deu nova atividade, apesar dos esforços contínuos dos diversos partidos interessados em perpetuar essa divisão excepcional. A uniforme decadência das diversas convicções teológicas facilitou bastante essa tendência natural, pela dissipação da principal fonte das dissensões anteriores. Durante a última fase da retrogradação, e sobretudo durante a longa interrupção que lhe sucedeu, cada elemento ocidental esforçou-se mais ou menos por seguir um desenvolvimento revolucionário equivalente ao do centro francês. Nossa última transformação política só pode ainda fortificar esta comum disposição, que contudo não produziria imediatamente modificações análogas em populações menos preparadas. Cada um sente, aliás, que tal uniformidade de agitação interior tende cada vez mais a consolidar a paz que lhe favorece a propagação. A despeito da ausência de laços sistemáticos equivalentes aos da Idade Média, a influência comum dos verdadeiros costumes modernos, ao mesmo tempo pacíficos e racionais, já realizou, entre todos os elementos ocidentais, confraternidade espontânea até então impossível e que não permite mais encarar em lado nenhum a regeneração final como puramente nacional.

Tal modo de ver é mais próprio do que nenhum outro para indicar claramente o verdadeiro caráter geral que convém à segunda parte da revolução. A primeira, posto que finalmente aproveitável por todo o Ocidente, deveria desenvolver-se como essencialmente francesa, porque somente nossa[87] população estava amadurecida pelo abalo inicial, que deveu até exaltar sua nacionalidade a fim de resistir à coligação retrógrada. Ao contrário, a terminação orgânica, que começa depois de que a crise comum tomou toda sua a extensão natural, deve sempre ser entendida doravante como diretamente ocidental. Ela consiste sobretudo na reorganização espiritual que já se mostra quase igualmente urgente, em diversas formas, nas cinco populações de que se compõe a grande família moderna. Reciprocamente, a ocidentalidade cada vez mais pronunciada do

[87] Comte alude à população francesa.

movimento renovador é muito apropriado para nele fazer prevalecer a regeneração intelectual e moral sobre a regeneração temporal que apresentará necessariamente profundas variedades nacionais. Doutrina comum e costumes semelhantes, em resultado de sistema uniforme de educação geral, dirigido e aplicado pelo mesmo poder espiritual, eis o que em todo o Ocidente constitui agora a primeira necessidade social. À medida que ela for satisfeita, a reorganização temporal cumprir-se-á em toda parte conforme as conveniências de cada nacionalidade, sem que essa justa diversidade altere de modo algum a unidade fundamental da grande república positivista, cujo laço sistemático será mais completo e mais durável do que o da república católica própria da Idade Média.

O conjunto da situação ocidental não tende, então, somente a fazer por toda parte prevalecer, doravante, o movimento filosófico sobre a agitação política. Além disso, ele provoca especialmente o advento decisivo da autoridade espiritual; somente ela pode conduzir essa livre renovação sistemática das opiniões e dos costumes com toda a grandeza e a uniformidade convenientes. O antigo preconceito revolucionário sobre a confusão final dos dois poderes torna-se, assim, diretamente contrário, hoje, à regeneração social que ele preparou antanho. Por um lado, ele fez prevalecer hábitos de nacionalidade que já deviam subordinar-se às inspirações de ocidentalidade. Ao mesmo tempo, a identidade real da crise exigia por toda parte solução comum, o que impeliu a preencher esta condição de homogeneidade por assimilação temporal tão perturbadora quão quimérica.

Posto que minha obra fundamental haja cuidadosamente definido, pelo conjunto do passado, a composição dessa imensa família, a extrema importância que adquire hoje tal noção determina-me aqui a motivar diretamente a enumeração metódica de seus elementos fundamentais.

Desde o fim da dominação romana, a França sempre constituiu o centro necessário, não menos social do que geográfico, deste núcleo da Humanidade, sobretudo a contar de Carlos Magno. A única operação capital que o Ocidente em algum momento executou de concerto foi, evidentemente, sob impulsão francesa, nas memoráveis expedições que caracterizaram a principal fase da Idade Média. Na verdade, quando a decomposição comum do regime católico e feudal começou a tornar-se sistemático, o centro do abalo ocidental encontrou-se deslocado por dois séculos. A metafísica negativa surgiu então na Alemanha; a seguir, sua primeira aplicação temporal realizou-se na Holanda e na Inglaterra por duas revoluções características que, embora incompletas em razão de insuficiente preparação mental, serviram de prelúdio à grande crise final. Mas, após esse duplo preâmbulo necessário, que manifesta a verdadeira destinação social dos dogmas críticos, sua inteira coordenação e sua propagação decisiva cumpriram-se na França, sede da comum elaboração política e moral. A preponderância assim adquirida pela iniciativa francesa e que agora consolidar-se-á cada vez mais não é, então, no fundo, senão um regresso espontâneo à economia normal do Ocidente, por muito tempo alterada por necessidades excepcionais. Não se pode prever novos deslocamentos do centro do movimento social senão em futuro muito afastado e que não deve nos ocupar; eles não poderão provir, com efeito, senão de larga extensão da civilização principal fora dos limites ocidentais, como indicá-lo-ei ao cabo deste discurso.

A norte e a sul deste centro natural encontram-se os dois pares de elementos ocidentais de que a França continuará a formar o principal liame, tanto pelos costumes e linguagem quanto pela situação geográfica. No primeiro par, essencialmente protestante, é preciso pôr, primeiramente, a vasta população germânica, com seus diversos anexos reais, sobretudo a Holanda que, desde a Idade Média, dela constitui, a todos os respeitos, a porção mais avançada; a seguir vem a população britânica, nela compreendida até sua expansão americana, apesar de sua rivalidade atual. O segundo par, eminentemente católico, compreende: a este, a grande população italiana, sempre tão claramente caracterizada, apesar de sua decomposição temporal; a oeste, o conjunto da população espanhola, de que a ciência social não deve separar seu apêndice português e que tanto estendeu a família ocidental por suas imensas colonizações. Para completar a definição sociológica do grupo de escol, é mister juntar-lhe os dois elementos acessórios que, ocidentais pela história, antiga em um, moderna no outro, e oriental por sua sede, constituem, a todos os respeitos, por seu estado real, transição natural entre o oriente

e o ocidente: são, no sul, a população grega e, no norte, a população polaca. Não convém, aliás, assinalar aqui os diversos intermediários que aproximam ou separam os principais ramos da grande família.

Tal é a imensa república cuja regeneração intelectual e moral a nova filosofia deve agora dirigir, pela combinação da iniciativa própria do centro francês com as reações naturais pelas quais cada um dos quatro outros elementos deve aperfeiçoar este surto geral. Nada tende melhor do que semelhante tarefa a caracterizar irrevogavelmente a aptidão social do positivismo, única doutrina à altura de semelhante missão, à qual o espírito metafísico não convém mais do que o próprio espírito teológico. Se a caducidade deste determinou a ruptura da unidade ocidental própria da Idade Média, a atividade dissolvente do outro tornou-se-lhe o agente direto. Nenhum dos dois pode então pretender reassociar os elementos cuja separação anterior permanece sobretudo entretida pelas inspirações teológico-metafísicas. É unicamente ao positivismo espontâneo, ao mesmo tempo industrial, estético e científico, que são devidas as novas relações parciais que, desde o final da Idade Média, preparam cada vez mais a reconstrução dos laços ocidentais. O espírito positivo, enfim completo e sistemático, é então, o único apto à isto presidir. Somente a ele pertence dissipar radicalmente as antipatias que conservam ainda as diversas nacionalidades, sem alterar, contudo, as qualidades naturais de cada uma delas, a fim de constituir, por sua sábia combinação, o gênio comum da nova ocidentalidade.

É assim que a extensão total da grande crise põe em plena evidência o verdadeiro caráter geral já assinalado pelo exame direto de sua natureza central. Todas as altas considerações sociais, tanto exteriores quanto interiores, concorrem, então, para provar que a segunda parte da revolução deve sobretudo consistir em reconstruir, em todo o Ocidente, os princípios e os costumes, de modo que se constitua opinião pública cuja irresistível preponderância determine, em seguida, a formação gradual de instituições políticas convenientes a cada nacionalidade, sob a presidência comum do poder espiritual que terá dignamente elaborado a doutrina fundamental. O espírito geral desta doutrina é principalmente histórico, enquanto a parte negativa da revolução deveu fazer prevalecer espírito anti-histórico. Ódio cego para com o passado era então indispensável para sair energicamente do antigo regime. Doravante, ao contrário, nossa emancipação total exige-nos, inicialmente, que rendamos a todo o passado completa justiça, que será o atributo mais característico do verdadeiro espírito positivo, único suscetível hoje de tal aptidão, por sua natureza sempre relativa. O melhor sinal da verdadeira superioridade consiste, sem dúvida, nas doutrinas como nas pessoas, em bem apreciar todos os seus adversários. Tal é a tendência necessária da verdadeira ciência social que vem hoje fundar a determinação do futuro na contemplação sistemática do passado. É o único meio que pode fazer livremente prevalecer por toda parte a mesma concepção da regeneração final, sempre ligada exatamente ao conjunto da evolução humana, pela dissipação, para sempre, das imagens confusas e discordantes sugeridas por inspirações arbitrárias. A preponderância crescente do sentimento social concorre, aliás, com o progresso natural da razão pública, para imprimir à última parte da revolução o espírito histórico que a distinguirá profundamente da primeira, como já o indicam tantas predileções espontâneas.

Por tal disposição geral, o positivismo não deve jamais dissimular a relação fundamental da reorganização espiritual que ele vem cumprir, com o admirável esboço que constitui o principal caráter da Idade Média. Longe de propor à humanidade uma regeneração desprovida de quaisquer antecedentes, honrar-nos-emos sempre de chamar aqui sua maturidade para realizar enfim a nobre tentativa que formulou sua adolescência, antes de que as condições mentais e sociais permitissem êxito decisivo. Estamos, então, plenos de futuro e não tememos jamais sermos acusados de retorno ao passado. Essa imputação seria sobretudo estranha da parte de nossos adversários que fazem hoje consistir a perfeição política na confusão primitiva, seja teocrática, seja militar, dos dois poderes elementares.

Sua separação na Idade Média constituiu o maior passo que haja feito até aqui a teoria geral da ordem social. Embora sua realização final estivesse reservada a tempos melhores, essa tentativa característica não marcou menos o fito essencial, e até lhe esboçou os principais resultados. É a ela que remonta o dogma fundamental da subordinação contínua da política à moral, que distingue a sociabilidade moderna e que, apesar de graves e freqüentes ataques, sempre sobreviveu até à queda das crenças que de começo proclamaram-no, como o mostra hoje sua sanção republicana na nação mais emancipada. De então data, por conseqüência, o

ativo sentimento da dignidade pessoal combinado com a fraternidade universal que caracteriza as populações ocidentais, sobretudo as que escaparam do protestantismo. É preciso, aqui, referir também a unânime tendência a estimar os homens conforme seu próprio mérito intelectual e moral, independentemente de seu ofício social, ao mesmo tempo em que se respeita o indispensável classamento que resulta de inevitável preponderância prática. A isso devemos associar os hábitos populares de livre discussão moral e até política, pelo direito e pelo dever de cada um de aplicar ao julgamento dos atos e das pessoas a doutrina universal estabelecida na educação comum. Enfim, seria supérfluo indicar a tendência direta dessa grande instituição a organizar a unidade ocidental, que não tinha outro laço sistemático. Todos esses efeitos sociais, vulgarmente atribuídos à excelência da doutrina cristã, são imputados, por sã apreciação histórica, à sua verdadeira fonte principal, a separação católica dos dois poderes. Eles permaneceram próprios somente dos países em que esse regime pode prevalecer, ainda que moral equivalente ou até fé idêntica reinasse alhures. A decomposição do organismo católico deveu, ademais, alterá-los notavelmente, apesar de sua consagração espontânea pelo conjunto dos costumes modernos, sobretudo lá onde se esforçaram por conferir à doutrina sua pureza e autoridade primitivas.

Em todos esses aspectos, o positivismo prestou, já, ao catolicismo, justiça mais completa do que qualquer de seus próprios defensores, sem excetuar o eminente de Maistre, como, aliás, reconheceram-no alguns órgãos sinceros da escola retrógrada. Mas esta eqüitativa apreciação não repousa somente na grandeza da tarefa assim destinada à Idade Média na evolução total da Humanidade. Ela resulta também de uma exata demonstração histórica da precocidade de tal empresa, cujo aborto político resultou sobretudo da imperfeição das doutrinas dirigentes e da oposição do meio correspondente. Posto que ao monoteísmo repugne muito menos do que ao politeísmo a separação contínua dos dois poderes, a natureza necessariamente absoluta de todo espírito teológico tendia sempre a fazer degenerar esse regime em pura teocracia. Sua queda foi até determinada pela preponderância final dessa inevitável tendência, contra a qual os reis tornaram-se, no século quatorze, os órgãos espontâneos da reprovação geral. Da mesma forma, ainda que tal divisão se concilie mais com as guerras essencialmente defensivas da Idade Média do que com o sistema de conquistas da Antigüidade, todo verdadeiro espírito militar repudia-a radicalmente como contrária à concentração de autoridade que ele exige para durar. Assim, essa separação não se pode tornar verdadeiramente sistemática salvo no pensamento de algumas eminentes personagens, espirituais ou temporais. Sua realização passageira foi sobretudo o resultado necessário do conjunto da situação mental e social. Ela consistiu quase sempre em um tipo de equilíbrio precaríssimo, que flutuava entre a teocracia e o império.

É unicamente à civilização positiva do Ocidente moderno que pertence cumprir hoje o que, então, só pôde ser tentado pela utilização, aliás, não somente desse admirável esboço, mas também da indispensável preparação que ela determinou. O espírito científico da nova filosofia e o caráter industrial da nova atividade concorrem naturalmente para tornar doravante inevitável e até vulgar a separação contínua, ao mesmo tempo espontânea e sistemática que não podia, na Idade Média, ser senão confusamente pressentida, sob as mais felizes inspirações de um ardente instinto de progresso. Mentalmente encarada, ela reduz-se, com efeito, à divisão necessária entre a teoria e a prática, já aceitada, posto que empiricamente, em todo o Ocidente, em relação aos menores assuntos, e que seria estranho repelir em relação à arte e à ciência mais difíceis. No aspecto social, ela proclama sobretudo a distinção natural entre a educação e a ação ou entre a moral e a política, de que ninguém hoje ousaria diretamente desconhecer o surto contínuo, como um dos principais benefícios de uma civilização progressista. A moralidade real e a verdadeira liberdade estão aí profundamente envolvidas, a fim de que o procedimento e o julgamento possam comportar verdadeiros princípios, cuja aplicação, até a mais bem demonstrável, seria quase sempre insuficiente, se ela permanecesse entregue à impulsão especial e direta do comando ou da obediência. Para a harmonia geral das forças políticas, é claro que os dois poderes teórico e prático têm fontes e meios a tal ponto diferentes, quanto ao coração, ao espírito e ao caráter, que a influência consultativa e a influência imperativa não pertencerão, doravante, aos mesmos

órgãos essenciais. Toda tendência séria a realizar essa utopia retrógrada[88] não poderia resultar senão em intolerável dominação de mediocridades igualmente incapazes nos dois gêneros. A seqüência deste discurso mostrará, aliás, que essa divisão fundamental encontrar-se-á cada vez mais posta naturalmente sob a irresistível proteção especial dos dois elementos sociais em que residem sobretudo o bom senso e a moralidade.

Nossos costumes são já tão favoráveis a esse princípio essencial de toda verdadeira política moderna que as repugnâncias que ele excita provêm unicamente de sua aderência primitiva a crenças justamente decaídas. Mas essas prevenções revolucionárias não persistirão quando o público imparcial vir essa grande noção diretamente incorporada, doravante, à única doutrina que seja independente de qualquer teologia. Cada concepção humana e até cada melhoramento social deveu surgir, primeiramente, por inspiração teológica, como o conjunto dos fatos testemunha-o claramente, até nos menores casos. Contudo, esse início necessário jamais impediu a humanidade de apropriar-se definitivamente dos progressos devidos à presidência inicial de crenças que abandonava. Será da mesma forma para com o grande princípio político, que já não é mais compreendido realmente senão por espíritos positivos, pela indução espontânea de suas verificações parciais. A única oposição direta que ele encontra hoje provém ainda da ambição metafísica cujas pretenções características de dominação absoluta ele transtorna. É sobretudo ela que inspira a censura, sempre estranha e amiúde mendaz, por que se tenta algumas vezes exprobar, como teocratas, os filósofos abertamente libertos de todas as crenças que servem para seus adversários eludirem uma discussão decisiva. Mas as graves perturbações sociais que logo suscitará a vã obstinação pedantocrática[89] em regular pelas leis o que deve ser disciplinado pelos costumes, esclarecerão a opinião pública quanto à alta oportunidade do dogma positivista da separação sistemática entre o governo moral e o governo político. Um, que só tem a força da convicção ou da persuasão, limita-se, sempre, na vida ativa, ao simples conselho, enquanto o outro comanda diretamente o comportamento por influência material.

O conjunto das indicações precedentes resulta em representar o espírito orgânico que deve caracterizar a segunda parte da revolução como o que alia o eminente gênio social próprio da Idade Média ao admirável instinto político da Convenção[90]. Entre essas duas épocas, o escol da humanidade encontrou-se realmente desprovido de qualquer organização sistemática e entregue à dupla transição que decompôs a ordem antiga e preparou a nova. Esses dois preâmbulos estão bastante completos hoje posto que, de um lado, o voto de regeneração social tornou-se irresistível enquanto, de outro, a filosofia destinada a dirigi-la já se constituiu. Somos, então, chamados doravante a retomar diretamente, com melhores bases mentais e sociais, o grande empreendimento tentado na Idade Média para fundar, em todo o Oriente, um regime pacífico e racional, pela preponderância contínua do amor universal, que domina, ao mesmo tempo, a especulação e a ação. O desenvolvimento geral dessa reconstrução será o mesmo que o da demolição preliminar. Esta começou, no século quartorze, pela neutralização das funções ocidentais do organismo antigo. Paralelamente, a regeneração final anuncia-se hoje pela satisfação direta das necessidades intelectuais e morais comuns às cinco populações avançadas.

Para mais bem caracterizar a destinação social do positivismo, sou assim conduzido a indicar-lhe sumariamente a aptidão necessária para sistematizar definitivamente a moral universal, o que constitui o fito da filosofia e o ponto de partida da política. Todo poder espiritual deve ser julgado sobretudo por tal atribuição, pelo que nada pode melhor manifestar a superioridade natural da espiritualidade positivista sobre a espiritualidade católica.

O positivismo concebe diretamente a arte moral como a que consiste em fazer, tanto quanto possível, prevalecer os instintos simpáticos sobre as impulsões egoístas, a sociabilidade sobre a personalidade. Essa

---

[88] A utopia retrógrada consiste na identificação entre o mando e o conselho, entre o prático e o teórico, o temporal e o espiritual, ao fim e ao cabo, entre Estado e igreja.

[89] Pedantocracia é neologismo criado por João Stuart Mill em seu carteamento com Augusto Comte. Designa o governo dos teóricos, que chamamos tecnocracia.

[90] A Convenção Nacional correspondeu ao parlamento eleito que atuou na França, de 1792 a 1795. Ela instaurou a primeira república francesa e criou a Escola Politécnica.

maneira de encarar o conjunto da moral é própria da nova filosofia, a única que sistematiza os progressos efetuados pelos modernos na verdadeira teoria da natureza humana, tão imperfeitamente representada pelo catolicismo.

Conforme o princípio necessário da biologia quanto à preponderância fundamental da vida orgânica sobre toda vida animal, a sociologia explica imediatamente a influência espontânea dos sentimentos pessoais, sempre mais ou menos relativos ao instinto conservador. Mas ela concilia diretamente essa inevitável supremacia com a existência contínua das afeições benevolentes, que a teoria católica representava como estranhas à nossa constituição e somente inspiradas por graça sobre-humana que não comportava nenhuma lei. O grande problema consiste então em investir artificialmente a sociabilidade na preponderância que tem naturalmente a personalidade. Sua solução repousa em outro princípio biológico, o do desenvolvimento das funções e dos órgãos por seu exercício habitual e sua tendência a atrofiar-se por inação prolongada. Ora, nossa existência social provoca necessariamente o surto contínuo dos instintos simpáticos, enquanto comprime o dos pendores pessoais, cuja livre atividade impediria logo todos os contactos mútuos. Os primeiros compensam, então, em certo grau, sua inferioridade nativa por sua aptidão espontânea a obter extensão quase indefinida; a influência natural das segundas encontra-se mais ou menos contida por inevitável resistência. Essas duas tendências permanentes aumentam naturalmente à proporção que a humanidade desenvolve-se e seu duplo progresso fornece a principal apreciação de nosso aperfeiçoamento gradual. Uma sábia intervenção sistemática, ao mesmo tempo privada e pública, pode melhorar bastante esta ordem espontânea pelo aumento das influências favoráveis e pela diminuição de seus antagonistas. Tal é o fito da arte moral que, aliás, tem, como qualquer outra, limites inevitáveis, ainda que os seus devam ser menos estreitos, posto que os fenômenos aí são mais modificáveis, por causa de sua complicação superior.

Assim, a moral positiva distingue-se, não somente da moral metafísica, mas também da moral teológica, por tomar como princípio universal a preponderância direta do sentimento social. Ela representa a felicidade humana, tanto privada quanto pública, como a que consiste sobretudo no maior surto possível das afeições benevolentes, que são, ao mesmo tempo, as mais doces de experimentar e as únicas cuja expansão pode ser simultânea em todos os indivíduos. Essa doutrina, tão profunda e pura quanto é simples e verdadeira, não podia emanar senão de uma filosofia já conduzida, por sua realidade característica, a sistematizar, enfim, a preponderância mental do modo de ver social, único suscetível de religar todas nossas especulações positivas. Com seu método intuitivo, a metafísica não pôde jamais sair racionalmente da esfera individual. A teologia, sobretudo cristã, não se podia elevar às concepções sociais senão indiretamente, sob a impulsão empírica de seu ofício prático. Seu espírito próprio era necessariamente pessoal, seja quanto ao fito proposto ao conjunto de cada existência, seja pela afeição representada como dominante. Posto que nossos sentimentos generosos tenham devido surgir primeiramente em tal regime, sua eficácia moral deve sobretudo ser atribuída à sabedoria sacerdotal, que corrige os vícios essenciais da única doutrina que ela podia então empregar, dados os recursos sociais que lhe oferecia o antagonismo espontâneo entre os interesses imaginários e os interesses reais. No estado positivo, ao invés, a aptidão moral é diretamente inerente à doutrina e pode desenvolver-se muito, tão logo as convicções se estabeleçam, antes de que qualquer disciplina espiritual esteja instituída, sem contudo que essa propriedade deva dispensar de tal organização. Enquanto a moral sistemática adquire assim consistência até então impossível, pela sua ligação profunda ao conjunto dos conhecimentos reais, a moral espontânea tende diretamente a dominar toda a existência humana, individual ou coletiva, sob o impulso imediato e contínuo do sentimento social.

Para melhor caracterizar a perfeita unidade que proporciona à moral positiva seu princípio único do amor universal, é mister concebê-lo como na presidência, seja da coordenação natural de suas diversas partes, seja também na da elaboração especial de cada uma delas.

Sua sucessão geral nos três graus essenciais de nossa existência, primeiramente pessoal, depois doméstica e finalmente social, representa espontaneamente a educação gradual do sentimento fundamental, desenvolvido pouco a pouco por afeições cada vez menos enérgicas, mas cada vez mais eminentes. Esta progressão natural constitui, realmente, nosso principal recurso para alcançar, tanto quanto possível, a

preponderância normal da sociabilidade sobre a personalidade. Entre esses dois estados extremos do coração humano, existe, de fato, estado intermediário, apropriado para determinar transição espontânea em que repousa a verdadeira solução habitual do grande problema moral. É sobretudo pelas afeições de família que o homem sai de sua personalidade primitiva e pode elevar-se convenientemente à sociabilidade final. Toda tentativa de dirigir a educação moral em direção ao surto direto desta, por elisão do grau mediano, deve ser julgada radicalmente quimérica e profundamente desastrosa. Tal utopia, muito acreditada hoje, longe de constituir verdadeiro progresso social, não representa, no fundo, senão imensa retrogradação fundada em falsa apreciação da Antigüidade.

Por essa destinação fundamental da vida doméstica como liame natural da personalidade à sociabilidade, sua coordenação necessária bastará aqui para caracterizar o plano geral da moral positiva, sempre conforme à ordem das relações reais.

A evolução individual do sentimento social começa na família pelo inevitável surto da afeição filial, primeira fonte de nossa educação moral, em que surgiu o instinto da continuidade e, por conseqüência, a veneração pelos predecessores: é assim que cada novo ser liga-se, primeiramente, ao conjunto do passado humano. Logo a seguir, a afeição fraternal vem completar esse esboço inicial da sociabilidade, reunindo-lhe o instinto direto da solidariedade atual. A idade viril abre, em seguida, nova evolução doméstica, pela introdução de relações eminentemente voluntárias, desde logo ainda mais sociais do que as ligações voluntárias da primeira idade. A segunda época da educação moral começa pela afeição conjugal, a mais fundamental de todas, em que a mutualidade e a indissolubilidade do laço asseguram a plenitude do devotamento. Modelo supremo de todos os instintos simpáticos, seu nome é o único que não exige nenhuma qualificação. Dessa união por excelência resulta naturalmente a última afeição doméstica, a paternidade, que termina nossa iniciação espontânea à sociabilidade universal, por ensinar-nos a querermos a nossos sucessores: somos assim ligados ao futuro como o éramos primeiramente ao passado.

Devi pôr o grupo dos sentimentos domésticos que se relaciona com as relações voluntárias após o que concerne aos laços involuntários, a fim de seguir o curso individual da evolução afetiva, para caracterizar a vida de família como intermediária necessária entre a existência pessoal e a existência social. Mas a disposição deve ser inversa quando se estabelece diretamente a teoria própria da família, a título de elemento natural da sociedade propriamente dita. Então é preciso considerar primeiramente o sentimento que constitui essencialmente a família, pela introdução de nova unidade social, amiúde reduzida, realmente, ao par elementar. Uma vez criada pela união conjugal, a família perpetua-se pela afeição paternal seguida pelo amor filial e estende-se, a seguir, pelo laço fraternal, único apto a aproximar imediatamente as diversas famílias. Nessa outra coordenação, os sentimentos domésticos encontram-se hierarquizados segundo sua energia decrescente e sua extensão crescente. Ainda que o último seja, ordinariamente, o menos poderoso de todos, ele adquire importância fundamental, quando nele vemos a transição direta das afeições puramente domésticas para as afeições propriamente sociais, de que a fraternidade constitui por toda a parte o modelo espontâneo. Todavia, para completar este sumário esboço de tal teoria, a sociologia deve ainda pôr, entre essas duas ordens de sentimentos, um intermediário muito pouco apreciado até aqui, relativo à simples domesticidade, em que as relações da família vêm fundir-se com as da sociedade. O nome somente de tal liame deveria hoje bastar, malgrado nossos costumes anárquicos, para recordar-nos de que, em todo estado normal da humanidade, ele constitui complemento natural das afeições privadas, destinado a terminar a educação espontânea do sentimento social, pelo aprendizado especial da obediência e do mando, todos dois subordinados ao princípio universal do amor mútuo.

Essa rápida indicação da principal teoria moral caracteriza assaz a aptidão fundamental da sistematização positiva, cuja apreciação deve em seguida sobressair do conjunto do tratado a que este discurso serve de prelúdio geral. Creio, contudo, dever ainda assinalar aqui a regeneração total da moral pessoal, em que somente o positivismo faz, enfim, prevalecer dignamente o princípio único de toda esta nova doutrina, pela associação direta ao amor do que foi essencialmente associado somente ao egoísmo, até na filosofia católica.

Os sentimentos somente são desenvolvíveis por exercício contínuo, tanto mais indispensável quanto eles têm menos energia nativa; procede-se diretamente contra o verdadeiro espírito da educação afetiva quando se abusa da facilidade de apreciação que distingue essa primeira parte da moral universal para reduzir-se os deveres a simples cálculos de prudência individual. Por mais real que possa ser a utilidade pessoal das prescrições assim recomendadas, tal marcha cultiva necessariamente inclinações interessadas, que já muito preponderantes, deveriam, ao contrário, cair em desuso sistemático. Aliás, o fito especial a que se visa amiúde assim falha, porque se deixou a decisão moral ao arbítrio individual, cujas variações naturais são sancionadas de antemão quando, sob a responsabilidade das conseqüências pessoais que somente ele pode bem julgar, ele muda a regra proposta. Em razão de sua realidade característica, o positivismo regenera inteiramente essas prescrições iniciais, em que faz diretamente prevalecer a sociabilidade sobre a personalidade, posto tratar-se de práticas em que o indivíduo está longe de ser o único interessado. Não é, por exemplo, pelas vantagens pessoais da temperança, da castidade, *etc*., que a moral positiva recomenda essas virtudes elementares. Sem desconhecer sua verdadeira utilidade individual, ela evita insistir muito nisso, por receio de entreter o hábito de cálculos pessoais. Sobretudo jamais ela toma-as como base real de seus preceitos, sempre ligados à sociabilidade. Ainda quando uma compleição excepcional preservasse o indivíduo das conseqüências funestas da intemperança ou da libertinagem, a sobriedade e a continência ser-lhe-iam assim prescritas com igual rigor, como indispensáveis para o cumprimento habitual de seus deveres sociais. A mais vulgar de todas as virtudes pessoais, o hábito da purificação física, não deve ser isenta de tal salutar transformação, que enobrece um simples preceito higiênico pelo entendimento que impõe a cada um de tornar-se mais apto a servir os outros. É somente assim que a educação moral pode tomar, desde o começo, seu verdadeiro caráter geral, pela habituação do homem a subordinar-se à humanidade até em seus menores atos, em que ele aprende primeiramente a superar seus maus pendores, cuja apreciação é então mais fácil.

Tal regeneração da moral pessoal confirma assaz a superioridade necessária do positivismo, já indicada em relação à moral doméstica, que constitui, todavia, o principal mérito do catolicismo, primeira base de sua digna sistematização. Seria supérfluo insistir especialmente na moral social propriamente dita, em que a nova filosofia deve manifestar aptidão ainda mais direta e mais completa, como a única suscetível de pôr-se convenientemente nesse modo de ver. Seja quanto à exata determinação de todos os deveres mútuos resultantes das diversas relações reais, seja quanto à consolidação e à extensão do sentimento fundamental da fraternidade universal, nenhuma moral metafísico-teológica seria comparável com a moral positiva, cujas prescrições, sempre conforme às leis gerais de nossa natureza individual ou coletiva, adaptam-se espontaneamente às conveniências especiais de cada caso. A esses diferentes títulos, a seqüência deste discurso fornecer-me-á várias ocasiões essenciais de caracterizar essa aptidão tão natural, sem que eu deva aqui nisto deter-me mais.

Essa rápida indicação da nova sistematização moral exige, agora, esboço equivalente dos meios gerais próprios para estabelecer e aplicar tal doutrina. Eles são de dois tipos: uns, fundamentais, diretamente relativos a cada iniciação moral, estabelecem os princípios e regram os sentimentos; os outros, complementares, consolidam-lhe a aplicação real na vida ativa. Essa dupla função começa por ser espontânea, só sob a impulsão, até indireta, da doutrina geral e do instinto social: mas ela só comporta plena eficácia ao tornar-se a atribuição sistemática do poder espiritual correspondente.

Quanto à educação moral propriamente dita, o regime positivo fundamenta-a, ao mesmo tempo, na razão e no sentimento, mas atribui sempre a este a preponderância, conforme ao princípio fundamental da nova filosofia.

No primeiro aspecto, os preceitos morais encontram-se assim conduzidos a verdadeiras demonstrações, suscetíveis de vencer toda discussão, conforme ao verdadeiro conhecimento de nossa natureza pessoal e social, cujas leis permitem apreciar exatamente, na vida real, privada ou pública, qualquer influência, direta ou indireta, especial ou geral, de cada afeição, pensamento, ação e hábito. As convicções correspondentes podem tornar-se tão profundas quanto as que inspiram hoje as melhores provas científicas, com o acréscimo natural de intensidade que deve resultar de sua importância superior e de sua íntima correlação com nossos mais nobres instintos. Não lhe limitaríamos a eficácia aos que terão podido sentir

plenamente a validade lógica destas demonstrações. Numerosos exemplos já averiguaram, em relação a todos os outros assuntos positivos, que as noções aceitadas somente por confiança podem ser adotadas e aplicadas com tanto ardor e firmeza quão as cujos motivos foram, todos, mais bem pesados. Basta que as condições mentais e morais desta fé necessária encontrem-se convenientemente preenchidas; amiúde o espírito moderno, malgrado sua pretendida indocilidade, submeteu-se muito facilmente. O assentimento voluntário que vemos conceder cada dia às regras quaisquer das artes matemáticas, astronômicas, físicas, químicas e biológicas, até quando os maiores interesses são por elas afetados, estender-se-á certamente às regras morais, quando elas também forem reconhecidas como suscetíveis de provas irrecusáveis.

Desenvolvendo, em grau até então impossível, o poder da demonstração, a nova filosofia evitará sempre exagerar-lhe a importância para a educação moral, que deve sobretudo depender do sentimento, até quando ela tornar-se sistemática, como o indica acima a simples formulação geral do grande problema humano. Por mais sãos que sejam doravante tais estudos, seu modo de ver não seria diretamente moral, posto que cada um aí apreciará necessariamente o comportamento alheio mais do que o seu, consoante as condições de imparcialidade e de clareza próprias da contemplação verdadeiramente científica, que deve sempre permanecer objetiva e não subjetiva. Ora, tal apreciação exterior, sem nenhuma imediata introspecção, pode determinar convicções reais, mas não tende a desenvolver verdadeiros sentimentos, de que, ao contrário, perturbaria ou suspenderia o exercício espontâneo, se tivesse muita influência habitual. Mas tal excesso não seria jamais temido nos novos diretores morais da humanidade, por ser diretamente contrário ao conhecimento aprofundado da verdadeira natureza humana que já situa o positivismo muito acima do catolicismo. Assim, o regime positivo verá sempre, mais do que qualquer outro, a principal fonte da moral real no surto direto, ao mesmo tempo espontâneo e sistemático, do sentimento social, que ele esforçar-se-á por desenvolver tanto quão possível, desde a idade mais tenra, por todos os artifícios que puder indicar a sã filosofia. É em tal exercício contínuo que consistirá sobretudo a educação moral, seja privada, seja pública, a que a educação mental será constantemente subordinada. Completarei naturalmente essa indicação geral, pela caracterização abaixo do conjunto da educação popular.

Tal iniciação, por mais perfeita que possa ser, não dirigiria assaz o comportamento, em meio às enérgicas perturbações da vida ativa, se o mesmo poder que lhe presidisse não lhe consolidasse a eficácia pelo prolongamento de sua solicitude sistemática a todo o curso de nossa existência, tanto privada quanto pública, para aí recordar convenientemente aos indivíduos e às classes ou até às nações, seja o verdadeiro sentido dos princípios olvidados ou desconhecidos, seja sobretudo sua sábia aplicação a cada caso. Mas aqui, ainda mais do que na educação propriamente dita, a autoridade espiritual deve menos dirigir-se à pura razão do que ao sentimento direto. Sua principal força resultará de poderosa organização da opinião pública, pela aplicação de irresistível sanção à sua justa distribuição do elogio e da censura, como indicá-lo-á especialmente a terceira parte deste discurso. Essa ação moral da humanidade em cada um de seus membros, conseqüência necessária de toda verdadeira comunhão de princípios e de sentimentos, deve ser desenvolvida pelo regime positivo além de toda possibilidade anterior. A realidade superior da doutrina dominante e da mais completa sociabilidade do meio correspondente propiciam, neste aspecto, à nova espiritualidade vantagens morais que não comportava a espiritualidade católica.

Essa superioridade natural manifestar-se-á sobretudo no sistema de comemoração cuja instituição regular fornece a todo o poder espiritual o mais precioso complemento da educação moral. A natureza absoluta de sua doutrina, ainda mais do que a imperfeição de seu meio social, fez essencialmente abortar as nobres tendências do catolicismo em direção à verdadeira universalidade. Malgrado todos os seus esforços, sua consagração sistemática jamais pôde abarcar senão parcela circunscritíssima do tempo e do espaço, fora da qual sua apreciação foi sempre tão cega e tão injusta quanto ele o reprocha hoje a seus próprios inimigos. Somente a glorificação positiva pode estender-se, sem fraqueza e sem inconseqüência, a todas as épocas e a todos os lugares. Fundada em verdadeira teoria da evolução humana, ela celebrar-lhe-á dignamente cada modo e cada fase qualquer, de modo que evocará naturalmente a posteridade como apoio de todas as prescrições

morais, até privadas, e estenderá até aos menores casos seu sistema geral de comemoração, cujo espírito será sempre idêntico em suas diversas ramificações.

Sem antecipar indicações especiais reservadas ao tratado que este discurso prepara, creio contudo dever aqui caracterizar essa aptidão necessária do positivismo com um só exemplo, que fornecerá provavelmente o primeiro esboço de sua realização. Ele consiste em introduzir ao mesmo tempo a celebração anual, nas datas convenientes, em todo o Ocidente, das três principais memórias que nos oferece o conjunto de nossos predecessores sociais, as de César, de são Paulo e de Carlos Magno, que constituem os melhores modelos respectivos da Antigüidade, da Idade Média e de seu laço católico. Nenhuma dessas eminentes naturezas pôde até aqui ser dignamente apreciada, por falta de sã teoria histórica que possa caracterizar sua admirável participação na evolução fundamental. Esta lacuna é até sensível em relação a são Paulo, malgrado sua apoteose teológica, que o positivismo ultrapassará naturalmente pois representa historicamente esse grande homem como o verdadeiro fundador do que se chama impropriamente cristianismo. Com mais forte razão, somente a nova doutrina universal está apta a bem apreciar César, quase igualmente desconhecido pelo espírito teológico e pelo espírito metafísico, bem como Carlos Magno, de quem o catolicismo não pôde senão esboçar imperfeitissimamente a consagração. Malgrado esta insuficiência de julgamentos sistemáticos, o reconhecimento público espontaneamente manteve assaz o culto desses três grandes nomes para indicar o quanto seria acolhida hoje, em toda a família ocidental, sua digna celebração positivista.

Para completar esse exemplo característico, convém aí juntar a indicação de uma dupla manifestação inversa, igualmente fundada em sã apreciação histórica, que deve tanto presidir à reprovação quanto à consagração. Ainda que a censura deva desenvolver-se muito menos do que o elogio, pelo receio de cultivar muito as afeições penosas e até funestas, é mister, contudo, saber censurar algumas vezes com energia, a fim de melhor caracterizar a aprovação e, destarte, fortificar mais os princípios e os sentimentos sociais. Assim, pela introdução do culto sistemático dos três grandes homens que mais aceleraram a evolução humana, proporei adicionar-lhes a solene reprovação simultânea dos dois principais retrogradadores que nos oferece o conjunto da história, Juliano e Bonaparte, um mais insensato, o outro mais culpável. A influência real dos dois reprovados foi aliás, bastante extensa para que sua justa censura periódica possa tornar-se igualmente popular em todas as partes do Ocidente.

Essas diversas funções relativas à apreciação do passado constituem ao mesmo tempo conseqüência inevitável e complemento indispensável da atribuição fundamental do organismo espiritual quanto à preparação do porvir pela educação propriamente dita. Mas essa destinação característica enseja, ainda, outro gênero de funções complementares, para modificar diretamente o presente, pela justa influência consultativa que todo verdadeiro poder educador exerce naturalmente em cada parte qualquer da existência ativa, seja privada, seja pública. Ainda que esses conselhos devam sempre ser livremente aceitados pelos práticos, eles comportam, todavia, muito mais eficácia quando emanam sabiamente de digna autoridade teórica. Eles referem-se sobretudo ao comportamento respectivo das diferentes classes ou populações, para pacificar tanto quanto possível os diversos conflitos, interiores ou exteriores, em toda a extensão do meio social que, aceitando a mesma doutrina e participando da mesma educação, reconhece voluntariamente os mesmos diretores intelectuais e morais. A terceira parte deste discurso conduzir-me-á a definir o principal exercício dessa segunda ordem de funções complementares; acaba aqui a indicação sistemática das atribuições normais próprias do novo poder espiritual.

Todas essas sinopses permitem agora apreciar como o conjunto dos caracteres que devem distinguir esse poder regenerador resume-se espontaneamente em sua divisa fundamental, ao mesmo tempo filosófica e política (*Ordem e Progresso*), que me honrarei sempre de ter criado e proclamado.

Primeiramente, somente o positivismo pode constituir solidamente cada uma dessas duas grandes noções, concebidas ao mesmo tempo como científicas e como sociais. Essa aptidão exclusiva é evidente quanto ao progresso, de que nenhuma outra doutrina forneceria definição clara e completa. Mas, posto que menos sensível em relação à ordem, ela aí não é menos real nem menos profunda, conforme às explicações próprias da primeira parte deste discurso. Nenhuma filosofia anterior pôde conceber a ordem senão como imóvel, o

que torna tal concepção inteiramente inaplicável à política moderna. Única apta a sempre excluir o absoluto sem jamais introduzir o arbitrário, o espírito positivo deve então fornecer a única noção de ordem que convenha à nossa civilização progressiva. Ele propicia-lhe fundamento inabalável ao dar-lhe caráter objetivo, consoante ao dogma universal da invariabilidade das leis naturais, que interdiz a esse respeito qualquer divagação subjetiva. Para a nova filosofia, a ordem artificial, nos fenômenos sociais como em todos os outros, repousa necessariamente na ordem natural, que resulta em toda parte do conjunto das leis naturais.

Mas a conciliação fundamental da ordem com o progresso constitui, de maneira ainda mais irrecusável, o privilégio característico do positivismo. Nenhuma outra doutrina sequer tentou essa indispensável fusão, que ele estabelece espontaneamente, de caminho, por sua escala enciclopédica, dos menores casos científicos aos mais eminentes assuntos políticos. Mentalmente encarada, ele redu-la à correlação necessária entre a existência e o movimento, primeiramente esboçada em relação aos mais simples fenômenos inorgânicos e, a seguir, completado nas concepções biológicas. Após essa dupla preparação, que proporciona a essa combinação autoridade científica impressionante, ele estabelece seu caráter definitivo por sua extensão às sãs especulações sociais, de que resulta logo sua eficácia prática, inerente a essa inteira sistematização. A ordem torna-se assim, a condição permanente do progresso, enquanto o progresso constitui o fim contínuo da ordem. Enfim, por apreciação mais profunda, o positivismo representa diretamente o progresso humano como consistindo sempre no simples desenvolvimento da ordem fundamental, que contém necessariamente o gérmen de todos os progressos possíveis. A sã teoria de nossa natureza, individual ou coletiva, demonstra que o curso de nossas transformações quaisquer só pode constituir uma evolução, sem comportar nenhuma criação. Esse princípio geral é plenamente confirmado pelo conjunto da apreciação histórica, que descortina sempre as raízes anteriores de cada mutação realizada, até indicar o mais grosseiro estado primitivo como esboço rudimentar de todos os aperfeiçoamentos ulteriores.

Por essa identidade fundamental, o progresso torna-se por sua vez a manifestação da ordem. Sua análise própria pode então caracterizar assaz a dupla noção sobre a qual repousam ao mesmo tempo a ciência e a arte da sociabilidade. Assim concebida, essa apreciação torna-se mais perceptível, sobretudo em tempo em que a novidade e a importância da teoria do progresso preocupam mais a atenção pública que sente, a seu modo, o imenso alcance de tal concepção, como base necessária de toda sã doutrina moral e política.

Nesse aspecto, o positivismo atribui por fito contínuo à toda a nossa existência, pessoal e social, o aperfeiçoamento universal, primeiramente de nossa condição exterior, e em seguida, sobretudo, de nossa natureza interior. O primeiro gênero de progresso é-nos comum a todos os animais um pouco elevados, de que cada um tende mais ou menos a melhorar sua situação material. Malgrado sua inferioridade própria, ele constitui em nós, por sua maior facilidade, o início necessário do aperfeiçoamento, que não seria verdadeiramente apreciado em seus mais eminentes graus por populações que permanecessem estranhas ao seu modo mais grosseiro. É o que motiva o vivo atrativo que inspira hoje o progresso material, em que a fina-flor da humanidade sente, aliás, impulso espontâneo em direção a mais nobres melhoramentos, cujos adversários sistemáticos não ousam jamais repelir a involuntária sedução inicial. Ademais, nossa anarquia mental e moral, que nos impede de organizar realmente qualquer outro aperfeiçoamento essencial, explica, sem a justificar, a importância exorbitante que a isso se atribui atualmente. Assim como assim, não é duvidoso que somente o segundo gênero de progresso constitui o principal caráter da humanidade, salvo a fraca iniciativa que dele oferecem vários animais superiores que tendem, realmente, a melhorar assim sua própria natureza nos mais simples aspectos.

Esse aperfeiçoamento verdadeiramente humano abarca ao mesmo tempo três tipos de melhoramentos, cuja dificuldade aumenta com sua dignidade e sua extensão, segundo concerne à nossa natureza física, intelectual ou moral. O primeiro grau, aliás suscetibilíssimo de ser decomposto segundo o mesmo princípio, confunde-se, quase, em seu início, com o simples progresso material. Mas, no seu conjunto, ele oferece mais importância e também dificuldade, por sua influência superior em nossa verdadeira felicidade. Ganharíamos mais, por exemplo, com o menor acréscimo de nossa longevidade ou com uma consolação qualquer em nossa saúde, do que com os mais laboriosos aperfeiçoamentos de nossos rios ou de nossos veículos artificiais, jamais

equivalentes às vantagens naturais da organização das aves. Contudo, esse primeiro gênero de progresso interior não seria encarado como rigorosamente particular do homem, pois certos animais apresentam-lhe vestígios espontâneos, sobretudo quanto à limpeza, início natural de tal série de aperfeiçoamentos.

A humanidade não é então bem caracterizada senão pelos progressos intelectual e moral, de que a animalidade só comporta certa realização individual, sem nenhum outro surto coletivo senão o que resulta de nossa intervenção contínua. Esses dois graus supremos do aperfeiçoamento total apresentam entre si desigualdade de valor, extensão e dificuldade, análoga à que reina entre os dois graus inferiores, sempre apreciados por sua influência real na felicidade humana, privada ou pública. Nosso melhoramento mental, científico ou estético, seja quanto à capacidade de observação, seja quanto à aptidão indutiva ou dedutiva, quando o estado social permite utilizá-la dignamente, importa mais a nossos destinos, e aliás comporta mais vasto surto, do que todos os melhoramentos físicos e, com mais forte razão, materiais. Mas, pela explicação fundamental indicada no início deste discurso, é certo que a verdadeira felicidade humana depende ainda mais do progresso moral, sobre o qual temos império maior, conquanto ele seja mais difícil. Não há melhoramento intelectual que possa, a este respeito, equivaler, por exemplo, a um acréscimo real de bondade ou de coragem. Para simplificar a concepção precisa do conjunto de nossa existência pessoal ou social, podemos então limitar-nos a representá-lo como votado sobretudo ao aperfeiçoamento moral, que participa de nossa verdadeira felicidade de modo mais direto, mais completo e mais certo do que qualquer outro. Ainda que ele não possa dispensar os precedentes, que devem até servir-lhe de preparação gradual, ele é tanto mais próprio a tal condensação quanto, por causa de tal relação, invoca espontaneamente e estimula diretamente todos esses. Assim concentrado, nosso aperfeiçoamento refere-se sobretudo às duas qualidades morais que mais importam na vida real, quanto ao impulso afetivo e à decisão ativa, ou seja, a ternura e a energia, como o indica, em todas nossas línguas ocidentais, a feliz ambigüidade da palavra *coração* nos dois sexos. O regime positivo tende necessariamente a desenvolvê-los mais direta, mais fecunda, mais sustentadamente do que qualquer disciplina anterior. Seu conjunto impele fortemente à ternura, pela subordinação à sociabilidade de todos os nossos pensamentos e nossas afeições, como todos os nossos atos. Quanto à energia, ele supõe-na em toda parte e inspira-a sempre, pela eliminação radical de toda quimera opressiva, pelo sentimento familiar de nossa verdadeira dignidade, e pela excitação contínua de nossa atividade, individual ou coletiva. Nossa própria iniciação a essa existência final constitui, à esta luz, prova decisiva, pela obrigação de cada um de nós superar terrores que outrora abalavam as mais orgulhosas coragens.

Tal é então a escala fundamental do aperfeiçoamento humano, primeiramente material, depois físico, em seguida intelectual, finalmente e sobretudo moral. Esses quatro graus essenciais comportariam, todos, segundo a mesma regra, decomposições secundárias, de que resultariam entre si muitas transições normais. Ainda que seja mister descartá-los aqui, importa aí conceber o princípio filosófico de toda esta análise como idêntico ao da verdadeira hierarquia enciclopédica, pela generalidade e complicação dos fenômenos. As duas ordens corresponder-se-iam com exatidão se estivessem desenvolvidas da mesma maneira. Elas não parecem diferir senão pela obrigação de especificar mais sua parte inferior pelo fito científico e sua parte superior pelo uso social. Mas essa dupla escala do verdadeiro e do bom resulta sempre na mesma conclusão, seja pela colocação do modo de ver social acima de todos os outros, seja por fazer consistir o soberano bem no amor universal.

Esta apreciação sistemática da divisa fundamental[91] resume a indicação direta pela qual eu devia aqui caracterizar a reorganização espiritual que constitui a principal destinação da nova filosofia. Podemos assim atinar em como o positivismo realiza ao mesmo tempo as mais nobres tentativas sociais do catolicismo da Idade Média e as mais eminentes condições do grande programa da Convenção. Ele apropria-se definitivamente dos méritos opostos que pertenceram, primeiramente, ao espírito católico e ao espírito revolucionário, e assegura o desuso simultâneo da teologia e da metafísica, que se podem extinguir sem perigo, pois seus ofícios contrários encontram-se mais bem preenchidos por uma mesma doutrina final. A separação

[91] Ordem e progresso. Não o confundir com a fórmula "O amor por princípio e a ordem por base; o progresso por fim".

normal dos dois poderes elementares devia sobretudo determinar essa fusão e essa depuração indispensáveis, porque ela foi o principal objeto desse longo antagonismo preparatório.

Havendo assim definido a regeneração mental e moral que deve caracterizar, em todo o Ocidente, a segunda parte da grande revolução, resta-me indicar as relações necessárias desse movimento filosófico com o conjunto da política atual. Posto que a evolução do positivismo seja, no fundo, independente das tendências sociais representadas hoje pelos destroços das doutrinas anteriores, o curso geral das ocorrências pode exercer nela reação que importa prever. Reciprocamente, sem que a nova doutrina possa ainda modificar bastante o meio correspondente, ela pode aí já realizar melhoramentos que é mister assinalar. Nesses dois aspectos, este tratado conterá cuidadoso exame do caráter que convém à transição final para facilitar tanto quanto possível o advento do futuro normal determinado pela verdadeira ciência social. Esta segunda parte de minha introdução geral seria então incompleta se eu não lhe adicionasse enfim a indicação suficiente de tal política provisória, que deve durar até que a doutrina renovadora tenha livremente obtido influência decisiva.

O principal caráter desta política é imediatamente determinado por sua destinação temporária. Nenhuma instituição final surgiria enquanto persistisse a anarquia atual das opiniões e dos costumes. Até que fortes convicções e hábitos sistemáticos tenham livremente prevalecido em relação a todos os casos essenciais da vida social, não haverá verdadeiro futuro senão para as diversas medidas próprias para facilitar esta reconstrução fundamental. Todas as outras tentativas serão necessariamente efêmeras, como a experiência já tanto o confirmou, malgrado a vã esperança de seus autores, até apoiados por um primeiro entusiasmo popular.

Essa inevitável condição de nossa situação revolucionária só foi ainda dignamente percebida pela admirável assembléia que dirigiu o abalo republicano. De todos os poderes que, desde duas gerações, esforçam-se por guiar nossos destinos, somente a Convenção soube evitar a orgulhosa ilusão política de construir diretamente para a eternidade, sem atingir nenhuma fundação intelectual e moral. Também somente ela deixou traços verdadeiramente profundos, nos espíritos como nos corações. Porque suas grandes medidas foram abertamente provisórias, sem excetuar as que concerniam antes ao futuro do que ao presente, elas encontraram-se em harmonia espontânea com o meio que deviam modificar. Todo verdadeiro filósofo experimentará sempre respeitosa admiração pela sabedoria instintiva, que não somente não foi secundada por nenhuma teoria real, mas tinha que combater incessantemente a metafísica decepcionante através de que deviam pensar os únicos homens de Estado verdadeiramente eminentes de que o Ocidente possa honrar-se desde a morte do grande Frederico. Essa superioridade seria aliás inexplicável se as imperiosas necessidades que a exigiram não lhe houvessem também secundado bastante o surto, fosse manifestando mais a impossibilidade atual de algum regime definitivo, fosse pela contenção das anárquicas ilusões da doutrina oficial pela enérgica concentração política que, somente ela, podia impedir uma invasão retrógrada. Quando essa necessidade salutar cessou de prevalecer, a grande assembléia sofreu, por sua vez, posto que muito menos do que sua antecessora, o vulgar arrebatamento metafísico em direção da constituição abstrata e total de um pretendido estado final, cuja duração não se estendeu sequer até ao termo assinado primeiramente ao regime provisório que imortalizou a primeira metade de seu reino.

Por sua instituição primitiva, esse governo revolucionário não devia cessar senão no momento da paz geral. Mas, se ele havia podido fornecer tal carreira, teria sido provavelmente conduzido a prolongá-la mais, pelo reconhecimento da impossibilidade real de estabelecer então um regime definitivo. Essa política excepcional foi, sem dúvida, motivada pela urgência da situação, como indispensável à nossa grande defesa nacional. Contudo, além dessa necessidade temporária, que devia absorver toda outra consideração, havia um motivo mais profundo e mais duradouro que, ele somente, poderia manifestar uma teoria histórica então impossível. Consistia na natureza puramente negativa da metafísica dominante, de que resultava a falta total de bases intelectuais e morais que exigia uma verdadeira reconstrução política. Ainda que desconhecida, essa imensa lacuna foi, no fundo, a principal fonte de postergação necessária do regime definitivo. O advento da paz tê-la-ia logo assinalado, posto que ela já era apreciada, na banda oposta, por espíritos estranhos às justas preocupações da luta republicana. Ela ficou dissimulada sobretudo pela inevitável ilusão inicial que atribuía verdadeira aptidão orgânica às doutrinas puramente críticas elaboradas durante a geração precedente. Quando

esse triunfo até da metafísica revolucionária evidenciou sua natureza essencialmente anárquica, a tendência às construções finais tornou-se a origem necessária da grande retrogradação cujas diversas fases preencheram toda a geração seguinte, porque a ausência de princípios apropriados a uma verdadeira reorganização obriga a fundar essas vãs tentativas em princípios do regime antigo, que formula as únicas noções de ordem real sistematizáveis.

Tal caráter persiste ainda assaz, de modo que nossa situação revolucionária continua hoje a proibir qualquer imediata reorganização temporal, sob pena de semelhantes tendências retrógradas, que doravante seriam ao mesmo tempo anárquicas. Posto que o positivismo já haja estabelecido as bases filosóficas do verdadeiro regime final, esses novos princípios estão ainda tão pouco desenvolvidos, e sobretudo tão mal apreciados, que não podem nenhumamente dirigir a vida política propriamente dita. Até eles prevalecerem livremente nos espíritos e nos corações, o que exige pelo menos uma geração, não conseguiriam presidir ao advento gradual das instituições finais. Não se pode hoje elaborar diretamente senão a reorganização espiritual que, malgrado suas altas dificuldades, tornou-se enfim tão possível quanto já era urgente. Quando ela estiver assaz avançada, determinará a pouco e pouco verdadeira regeneração temporal que, tentada muito cedo, não poderia resultar senão em novas perturbações. Sem dúvida, esses problemas não comportam mais gravidade política do que antes, por efeito até de nossa profunda anarquia espiritual, que impede a preponderância de todas as verdadeiras convicções, ao mesmo tempo fixas e comuns. As únicas doutrinas que as hajam suscitado enérgicas estão irrevogavelmente enfraquecidas, desde que irrecusável experiência, seguida de discussão decisiva, demonstrou por toda a parte a impotência orgânica e a tendência subversiva da metafísica revolucionária. Enfraquecida por concessões teológicas que lhe arrancam a irresistível obrigação de construir, ela só pode inspirar política sempre flutuante entre a retrogradação e a anarquia ou antes ao mesmo tempo opressiva e subversiva, pela necessidade de comprimir um meio social que se tornou quase tão antipático ao reino da metafísica quanto ao da teologia. Mas, posto que essa discordância radical deva dissipar hoje toda inquietação séria de profundas perturbações políticas, doravante impossíveis, por falta de paixões suficientes, as tendências empíricas em direção da construção imediata de um regime definitivo podem ainda, além de sua esterilidade necessária, suscitar desagradáveis desordens, sobretudo parciais. A calma interior repousa, agora, como a paz exterior, na insuficiência das forças perturbadoras, por conseqüência natural da própria extensão do movimento de decomposição, sem que haja, aliás, em um caso nem no outro, nenhuma garantia direta e normal. Essa estranha situação persistirá necessariamente tanto quanto o interregno intelectual e moral, que proíbe ainda toda verdadeira comunhão de princípios e até de sentimentos, única própria para fundar, sob esse duplo aspecto, uma segurança real e completa. Ainda que a espontaneidade desse equilíbrio passageiro torne-o menos precário do que deve parecer, ele suscita naturalmente, no interior e até no exterior, freqüentes alarmes que, sempre penosos, suscitam amiúde funestas reações práticas. Ora, toda tentativa de reconstrução temporal imediata, longe de poder melhorar tal situação, só tende a agravá-la bastante, pela reanimação artificial de doutrinas esgotadas, que seria preciso abandonar à sua extinção espontânea. Seu vão reavivamento oficial só resultaria em alterar, no público e até entre os pensadores, a liberdade de espírito indispensável ao pacífico advento dos verdadeiros princípios definitivos.

Assim, malgrado a paz, nossa nova política republicana deve ser, tanto quanto a antiga, essencialmente provisória, dada a persistência do interregno espiritual. Esse caráter temporário deve até aí ser mais marcado, pois não existe mais nenhuma grave ilusão sobre o valor orgânico da metafísica oficial, à qual só a necessidade de fórmulas quaisquer propicia, por falta de verdadeira doutrina social, aparente ressurreição, que forma contraste decisivo com a ausência total de convicções sistemáticas na maior parte dos espíritos ativos. A ilusão, primeiramente inevitável, que redundou no emprego como orgânicos de princípios puramente críticos, não comporta renovação séria. Bastaria, para tranqüilizarmo-nos a respeito, considerar a universal influência dos costumes industriais, dos gostos estéticos e das tendências científicas, cuja tripla influência espontânea é inconciliável com a preponderância social dos dogmas metafísicos, tanto ideológicos quanto psicológicos. Pouco devemos temer o arrebatamento natural que nos conduz hoje em direção à primeira parte da revolução, a fim de retemperarmos o sentimento familiar de nossa evolução republicana, e apressarmo-nos a esquecer a

longa reação retrógrada e a interrupção equívoca que nos separa do abalo inicial, a que se ligarão, de maneira cada vez mais direta, as recordações definitivas da humanidade. Satisfazendo a essa justa necessidade, o instinto público não tardará a perceber que, nesta grande época, só devemos ver como objeto essencial de imitação atual a admirável sabedoria pela qual a Convenção, durante sua fase progressiva, apreciou a necessidade de uma política eminentemente provisória, e reservou a melhores tempos a reconstrução definitiva. Cabe esperar que qualquer nova tentativa solene de constituição abstrata determine imediatamente, na França, e por conseqüência em todo o Ocidente, irrevogável convicção geral da profunda inanidade de tais ensaios. Este último esforço de uma metafísica expirante cumprir-se-á, aliás, sob a pacífica influência de uma plena liberdade de discussão, em população não menos cética em relação às entidades políticas do que aos mistérios cristãos. Nenhum destes ensaios anteriores pudera encontrar situação tão desfavorável a doutrinas que não comportavam verdadeiras demonstrações, única fonte doravante possível de uma fé duradoura. Se, então, nova elaboração constitucional cumprir-se com toda a maturidade conveniente, a razão pública desacreditá-la-á antes até de que esteja concluída, sem permitir somente a seu reino oficial a curta duração média das constituições precedentes. Qualquer tentativa legal de restringir, a propósito, a liberdade de discussão, resultaria somente em melhor assegurar esta conseqüência natural de nossa situação mental e social.

A necessidade que nos prescreve uma política puramente provisória, enquanto durar o interregno espiritual, determina também a verdadeira natureza deste regime transitório. Se o governo revolucionário da Convenção se houvesse prolongado até a paz geral, ele teria sido, sem dúvida, mantido ainda, embora com modificação de seu principal caráter, consoante à nova necessidade que o exigia. Enquanto a luta nacional persistiu, ela deveu consistir em enérgica ditadura, ao mesmo tempo espiritual e temporal, que não diferia da própria ditadura da realeza decaída senão pela intensidade superior que resultava de seu gênio eminentemente progressivo que, somente ele, distinguia-a de uma verdadeira tirania. Mas a paz teria feito inevitavelmente cessar essa plena concentração política, sem a qual teria abortado nossa defesa republicana. O regime provisório era prescrito somente pela ausência de verdadeiros princípios sociais e teria devido conciliar-se com plena liberdade de exposição e discussão, até então impossível e até perigosa, mas que se tornara assim a condição necessária da elaboração e da instalação de nova doutrina universal, única base sólida da regeneração final.

Essa hipotética transformação do governo revolucionário propriamente dito deve hoje realizar-se na política excepcional que convém à república francesa, renascente em meio a uma paz geral doravante inalterável e em meio à profunda anarquia espiritual. Os indignos herdeiros da Convenção fizeram degenerar em tirania retrógrada a ditadura progressiva que o conjunto da situação conferira-lhe. Na última fase da longa retrogradação, essa concentração total foi radicalmente enfraquecida pela oposição legal do poder local. Ainda que o poder central pretendesse sempre à onipotência oficial, o inevitável surto da liberdade de exame neutralizava cada vez mais sua vã dominação espiritual e deixava-lhe somente a preponderância temporal que exigia a ordem pública. Durante a interrupção que sucedeu à reação retrógrada, a ditadura, até temporal, foi legalmente dissolvida pelo desmembramento do poder central em proveito do poder local. Todos dois renunciaram tacitamente a dirigir a reorganização espiritual, para consagrarem-se sobretudo à manutenção, cada vez mais difícil, da ordem material, em meio de plena anarquia mental, então agravada pelo vergonhoso empirismo pelo qual se pretendia fundar, somente em interesses, um regime desprovido de qualquer base moral. O caráter progressivo necessariamente próprio de nossa república propicia sem dúvida a seus dois elementos temporais acréscimo natural de intensidade que até recentemente teria levantado insuperáveis repugnâncias. Mas cada um deles cometeria uma falta imensa se tentasse hoje reconstruir, de uma forma qualquer, a ditadura passageira da Convenção. Dado que essa tentativa não comportasse nenhum êxito real, ela poderia suscitar graves perturbações, que doravante seriam ao mesmo tempo anárquicas e retrógradas, como o é, irrevogavelmente, a metafísica desacreditada que aí aplicar-se-ia.

A ausência total de convicções fixas e comuns só permite agora política puramente provisória, essencialmente limitada à ordem material: ao mesmo tempo, a feliz natureza da situação, interior e exterior, não exige mais, para secundar a grande renovação mental e moral que deve caracterizar o regime definitivo.

Nossa república afastou para sempre a mentira oficial pela qual a monarquia constitucional pretendia erigir-se em desfecho final da grande revolução e somente pode proclamar, como irrevogável, seu princípio moral único da preponderância plena e contínua do sentimento social, pelo qual se votam diretamente ao bem comum todas as forças reais. Tal é hoje a única máxima verdadeiramente definitiva, sem que haja nenhuma necessidade de impô-la, porque ela resulta espontaneamente de tendências universais, que não permitem a ninguém a constestar, desde que os preconceitos contrários foram radicalmente destruídos. Mas, quanto às doutrinas, e por conseqüência, às instituições próprias para organizar o reino direto da sociabilidade universal, nossa república fica essencialmente indeterminada e comporta muitos regimes diferentes. Não há de politicamente irrevogável senão a inteira abolição da realeza, que, em qualquer forma, constitui há bastante tempo na França e até, em menor grau, em todo o Ocidente, o símbolo da retrogradação.

Esta solene preponderância do sentimento social, principal mérito do estado republicano, repele diretamente hoje qualquer pretenção imediata ao regime definitivo, como contrário à concenciosa procura de uma solução real, que supõe primeiramente condições sistemáticas, de cujos destroços atuais as doutrinas anteriores não adivinhariam a fonte. Os verdadeiros filósofos pedem que a reorganização intelectual e moral seja doravante entregue sinceramente à livre concorrência de todos os pensadores; eles falarão assim em nome da própria república, profundamente interessada hoje em impedir a opressiva consagração de qualquer crença oficial. Tal apoio será muito mais eficaz para afiançar a plena liberdade filosófica contra a viciosa exageração do movimento político, quanto não o podia ser, durante a interrupção, a resistência instintiva de um poder retrógrado. Esta repugnância, enérgica mas cega, pela elaboração imediata das instituições, encontrar-se-á doravante substituída felizmente pelo acréscimo natural de uma sábia indiferença pública, pelo inevitável aborto das tentativas discordantes próprias das diversas utopias metafísicas. A nova situação não ofereceria verdadeiro perigo filosófico senão por sua tendência a desviar o público, e até os pensadores, de toda meditação forte e prolongada, para entregar-se imediatamente a ensaios práticos, fundados somente em apreciação superficial e precipitada. É forçoso confessar que nossa disposição atual seria radicalmente incompatível com a elaboração primitiva da doutrina regeneradora, se sua fundação não houvesse sido já realizada sob o equilíbrio compressor, que, ele somente, a tal votava profundamente nossa fraca inteligência, desde que a retrogradação política não era mais assaz intensa para impedir o surto filosófico. Mas a concepção original surgiu definitivamente na terceira fase retrógrada; ela desenvolveu-se a seguir e até propagou-se durante o intervalo parlamentar. A nova filosofia apresenta-se hoje para guiar o progresso social, que para sempre torna-se preponderante. Essas disposições passageiras, que lhe teriam entravado a criação, estão longe de ser desfavoráveis à sua apreciação, contanto que seus órgãos essenciais saibam sempre evitar dignamente a sedução vulgar que arrebata hoje tantos pensadores em direção à carreira temporal. Única apta a bem apreciar a inanidade necessária e o perigo radical das diversas utopias que disputam a presidência da reorganização final, a filosofia positiva terá logo desviado o público desta vã agitação política, para concentrar a atenção universal na renovação total das opiniões e dos costumes.

Enquanto a situação republicana assegurar ao positivismo a plena liberdade que exige seu ofício atual, ela pode ser concebida, à outra luz, como começando já o estado normal, pela introdução, a pouco e pouco, da independência fundamental do novo poder espiritual em relação a qualquer poder temporal, local ou central. Não somente o governo propriamente dito será logo forçado a confessar sua impotência para pronunciar-se sobre doutrina geral que exige conjunto de altos estudos científicos a que nossos homens de estado são naturalmente estranhos. Mas, além disso, as perturbações suscitadas pelas ambiciosas ilusões de uma metafísica incapaz de apreciar a sociedade atual determinarão o público a não mais conceder sua confiança senão aos pensadores que renunciarem a qualquer elevação política para votarem-se solenemente à sua destinação filosófica. Assim, a separação normal dos dois poderes elementares, sistematizado no positivismo, emanará cada vez mais de nossa situação republicana, que parece, primeiramente, dela desviar-nos pela sedutora facilidade das aplicações imediatas. Ainda que nossos preconceitos revolucionários pareçam ainda afastar-nos bastante desse grande princípio social, a experiência para aí conduzirá logo o governo e o público a fim de afiançar ao mesmo tempo a ordem e o progresso, igualmente ameaçados doravante por todas as

utopias metafísicas. Todos os pensadores sinceros serão até arrastados a superar a cega repugnância que ele lhes inspira, pelo reconhecimento de que, se ele condena sua vã ambição política, abre-lhes imensa carreira de nobre influência moral. Além de sua alta destinação social, somente essa nova via pode realizar as justas pretenções pessoais da verdadeira dignidade filosófica, amiúde comprometida hoje em seus triunfos temporais.

O verdadeiro caráter de nossa política provisória é a tal ponto determinado pela situação geral que o instinto prático antecipou-se, a respeito, às sãs indicações teóricas, como o prova a feliz divisa (*liberdade, ordem pública*) espontaneamente surgida, na classe média, no início da longa interrupção. Essa divisa, cujo autor ignora-se, não tinha nenhuma solidariedade real com as veleidades retrógradas da realeza decaída. Ainda que empírica, sua espontaneidade torna-a mais apropriada do que nenhuma máxima metafísica para formular as duas condições essenciais do meio social de que emanou. A sã filosofia sistematiza tal inspiração da sabedoria pública e deve hoje consolidá-la por duplo complemento indispensável à sua primeira destinação, mas muito contrário aos preconceitos atuais para vir de alguma fonte prática. Ele consiste em desenvolver, ao mesmo tempo, os dois termos da fórmula, pela proclamação da verdadeira liberdade de ensino e da preponderância do poder central sobre o poder local. A brevidade deste discurso não me impediria de aqui já enunciar, em um aspecto e no outro, indicação característica, ainda que sumaríssima, de explicações reservadas ao quarto volume do presente tratado.

Doravante o positivismo constitui realmente o único órgão sistemático de uma verdadeira liberdade de exposição e exame, que não pode francamente ser proclamada por doutrinas incapazes de resistir à discussão aprofundada, estranhas que são a qualquer demonstração decisiva. Essa liberdade, desde há muito assegurada quanto à expressão escrita, deve estender-se agora à expressão oral e completar-se pela renúncia do poder temporal a qualquer monopólio didático. O ensino livre, que apenas o positivismo pode invocar com plena sinceridade, tornou-se indispensável à nossa situação, seja como medida transitória, seja até como anúncio do futuro normal. No primeiro aspecto, ele constitui condição do advento de qualquer doutrina apropriada para determinar, por verdadeira discussão, convicções fixas e comuns, que suporia qualquer sistema legal de instrução pública, longe de poder produzi-las. Apreciado no segundo aspecto, a liberdade de ensino esboça já o verdadeiro estado final, pela proclamação da incompetência radical de qualquer autoridade temporal para organizar a educação. O positivismo está, então, longe de em algum momento negar que o ensino deva ser regrado. Mas ele estabelece que esta organização não será ainda possível enquanto durar o interregno espiritual e que, quando ela tornar-se realizável, pelo livre ascendente de uma doutrina universal, pertencerá exclusivamente ao novo poder intelectual e moral. Até lá, o Estado deve renunciar a qualquer sistema completo de educação geral, salvo sábios encorajamentos dos ramos mais expostos a serem negligenciados nos empreendimentos privados, sobretudo a instrução primária. Contudo, é forçoso manter cuidadosamente, com aperfeiçoamentos tanto quanto no-los permitam nossas luzes atuais, os diversos estabelecimentos públicos, fundados ou regenerados pela Convenção, para a alta instrução especial, porque eles contêm preciosos germens espontâneos da reorganização ulterior da educação geral. Mas tudo que a grande assembléia destruiu deve ser hoje suprimido definitivamente, sem excetuar as academias, até científicas, cuja funesta influência mental e moral tanto justificou, desde sua restauração, a sábia abolição inicial. A justa vigilância permanente do governo em relação aos estabelecimentos particulares deve aplicar-se, não à doutrina, mas aos costumes, vergonhosamente abandonados pela legalidade atual. Eis o único ofício geral que deve conservar a esse respeito nosso regime provisório. Salvo isto, deve-se entregar a educação às livres tentativas das associações particulares, a fim de deixar surgir um sistema definitivo, cuja suposição atual não constituiria senão mentira opressiva. A principal condição de tal liberdade consiste hoje em suprimir ao mesmo tempo qualquer orçamento teológico e qualquer orçamento metafísico e deixar a cada um a manutenção do culto e da instrução que preferir. Essa dupla supressão deve, aliás, cumprir-se com a justiça e a generosidade que convém a uma verdadeira regeneração, superior a qualquer rivalidade odiosa. Será mister então indenizar dignamente as pessoas, eclesiásticas ou universitárias, assim atingidas por medida que elas não teriam podido prever. Tal providência facilitará bastante essa conseqüência necessária de uma situação que, na ausência de qualquer doutrina livremente dominante, proíbe, como retrógrada, a consagração legal de

qualquer dos sistemas esgotados que antanho disputaram a influência espiritual. Nossos costumes republicanos são já favorabilíssimos a esse regime, malgrado a tendência dos ideólogos a suceder aos psicólogos nos benefícios metafísicos[92].

Quanto às condições de ordem pública, a sanção sistemática do positivismo deve também consolidá-las bastante, pela superação dos preconceitos revolucionários da preponderância direta do poder central. A divisão metafísica entre poder executivo e poder legislativo não constitui senão vicioso reflexo empírico da grande separação esboçada na Idade Média entre os dois elementos necessários do governo humano. Malgrado suas vãs demarcações constitucionais, o poder local e o poder central disputarão sempre o conjunto da autoridade temporal, irracionalmente dispersada entre eles por necessidades passageiras. Todo o passado francês tendo sido favorável à preponderância do poder central até a sua degeneração retrógrada à volta do final do século XVI, nossas predileções atuais pelo poder local constituem então verdadeira anomalia histórica, que tende sempre a cessar com as inquietudes de retrogradação. Oferecendo-se, a esse respeito, garantia enérgica, a situação republicana mudará imediatamente a direção habitual de nossas simpatias políticas. Além de sua responsabilidade real, o poder central apresenta hoje caráter mais bem adaptado a nossas necessidades essenciais, pelo espírito prático que necessariamente nele prevalecerá cada vez mais, e que dispõe mais a abdicar francamente de qualquer pretensão à supremacia espiritual. A assembléia em que reside o poder local encontra-se, ao contrário, arrastado amiúde, por seu caráter equívoco, na direção de dominação teórica, de que ela contudo não preenche nenhuma condição essencial. Sua preponderância seria então ordinariamente funesta à verdadeira liberdade de exame, que seu instinto deve representar-lhe como fonte natural de uma autoridade espiritual destinada a restringir a sua. Só o positivismo pode apreciar essas diversas tendências; ele ousa assim proclamar sem dissimulações a predileção sistemática que elas devem inspirar em relação ao poder central, na maioria de suas lutas com o poder local. Superiores a qualquer suspeita de retrogradação e de servilismo, os filósofos que renunciam a qualquer posição política e votam-se hoje à reorganização espiritual não temerão recomendar com energia a preponderância direta do poder central e a redução do poder local às suas atribuições indispensáveis. Nossa situação republicana, malgrado aparências contrárias, favorecerá logo esta salutar transformação de nossos primeiros hábitos revolucionários, seja pela dissipação da justa desconfiança que inspirava o esforço retrógrado inerente à realeza, seja pela facilitação da repressão excepcional de qualquer degeneração ulterior, sem que seja preciso perturbar de antemão nossa política habitual em vista de eventualidade doravante pouco temível. Quando o poder central houver bastante manifestado verdadeiro caráter progressivo, ele encontrará a opinião francesa fortemente disposta a restringir bastante o poder local, seja pela redução da assembléia representativa ao terço do número exorbitante que prevalece hoje, seja até pela limitação de suas atribuições essenciais ao voto periódico do imposto. A derradeira fase retrógrada e a longa interrupção parlamentar introduziram, a este respeito, durante uma geração, disposições excepcionais, que o andamento de um sábio governo e as demonstrações de uma sã filosofia transformarão facilmente. Contrários ao conjunto de nosso passado, elas não oferecem a nossos costumes políticos senão vã imitação de regime essencialmente apropriado para a transição inglesa. Por efeito até de sua recente extensão, o modo representativo será sem dúvida logo desacreditado na França, quando esse extremo surto houver manifestado a insuficiência radical e a tendência perturbadora que lhe reprova a sã filosofia.

Além desse aperfeiçoamento essencial de cada uma das duas grandes condições próprias de nosso regime provisório, o positivismo sistematiza e consolida sua íntima conexão natural. Por um lado, ele faz perceber que a verdadeira liberdade exige hoje a enérgica preponderância de um poder central verdadeiramente progressivo, convenientemente reduzido à sua destinação prática, por uma sábia renúncia à supremacia espiritual. Essa influência habitual é agora indispensável para conter as tendências opressivas das diversas doutrinas atuais que, todas mais ou menos incompatíveis com a separação dos dois poderes sociais, impelem a fundar a comunhão mental na compressão material. Sem essa autoridade tutelar, a plena liberdade filosófica

[92] Ideólogos e psicólogos eram seitas metafísicas e não o que hodiernamente chamamos por esses nomes. *Vide* as notas de números 83 e 84.

conforme a nossos costumes atuais seria, aliás, ameaçada também pelas disposições anárquicas inerentes ao interregno espiritual. Por outro lado, somente o surto dessa liberdade pode permitir ao poder central obter sobre o poder local preponderância permanente, necessária para a consolidação real da ordem pública, pois o sincero respeito de tal garantia diária dissipa imediatamente todos os temores de retrogradação que impedem hoje esse salutar ascendente. Por mais empíricas que sejam essas inquietações, até aqui muito naturais, elas cessariam certamente pelo advento oficial da liberdade de ensino e de associação, que privaria o poder temporal de qualquer esperança e até de qualquer pensamento de fazer materialmente prevalecer uma doutrina qualquer em relação ao regime definitivo de nossa sociedade republicana.

O conjunto das indicações próprias à esta segunda parte já caracteriza a aptidão social do positivismo, não somente para determinar o futuro e prepará-lo, mas também para aconselhar o presente e melhorá-lo, sempre pela exata apreciação sistemática do passado, conforme a sã teoria fundamental da evolução humana. Nenhuma outra filosofia pode tratar da irrevogável questão que a fina flor da humanidade formula a todos os seus diretores espirituais: reorganizar sem deus nem rei sob a preponderância normal, ao mesmo tempo privada e pública, do sentimento social, convenientemente assistido pela razão positiva e pela atividade real.